



THAÍSY C. G. GOMES

**PAPEL DA REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR PARA A GRANDE  
ESTRATÉGIA DA CHINA**

João Pessoa

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

THAÍSY C. G. GOMES

**PAPEL DA REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR PARA A GRANDE  
ESTRATÉGIA DA CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para a conclusão do Curso de  
Graduação em Relações Internacionais da  
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Teixeira Jr.

João Pessoa

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G633p Gomes, Thaísy Caroline Guedes.

PAPEL DA REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR PARA A GRANDE  
ESTRATÉGIA DA CHINA / Thaísy Caroline Guedes Gomes. -  
João Pessoa, 2019.

108 f. : il.

Orientação: Augusto Wagner Menezes Teixeira Jr.  
TCC (Especialização) - UFPB/CCSA.

1. Grande Estratégia Chinesa. I. Teixeira Jr, Augusto  
Wagner Menezes. II. Título.


UFPB/CCSA

# **PAPEL DA REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR PARA A GRANDE ESTRATÉGIA DA CHINA**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado (a) em: 08 / 05 / 2019

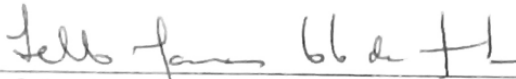
## **BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior – (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh V. Ferreira  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Ielbo Marcus Lobo de Souza  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

## DEDICATÓRIA

À Bernadete Guedes

Manoel Gomes

Josefa Maria dos Santos

Severino Sérgio Guedes (*in memoriam*)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio e encorajamento. A minha mãe, pelo amor, suporte e paciência durante a graduação e o processo de escrita do TCC. Pelo seu carinho e conselhos nas horas escuras e nas vezes que pensei em desistir, você foi minha âncora e minha força para vencer mais uma batalha. Seus sacrifícios construíram os degraus que me trouxeram até aqui, e mais do que tudo serei eternamente grata por ter você na minha vida. Ao meu pai, pela compreensão e ajuda sempre que precisava. Sua força e caráter são exemplos de vida. Obrigada por todo o sacrifício feito para que chegasse até aqui. A minha tia Nelcy, que me ajudou inúmeras vezes e de várias formas, mesmo sem saber o quando essa ajuda foi importante para mim.

Ao professor Dr. Augusto Teixeira Jr, meu orientador, que direcionou essa pesquisa. Agradeço pelo auxílio, extrema paciência e confiança na minha capacidade, mesmo quando eu mesma duvidava que iria conseguir.

Aos professores do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, em especial aos professores, Marcos Alan, Liliana Froio e Túlio Ferreira, por terem me concedido oportunidades de participação em mostra científica, monitoria e eventos. Essas oportunidades foram de imensa importância na minha formação. E ao professor Gills Vilar-Lopes, que me presenteou com os primeiros livros sobre China, o que instigou meu interesse pelo assunto de pesquisa deste TCC.

Aos meus colegas de curso, grupos de pesquisa e extensão. Em especial à Jéssica Querino, que sempre torceu por mim e me ajudou com várias bibliografias indispensáveis a esta pesquisa. Além de ficar acordada revisando meus capítulos. 谢谢，我的朋友。我爱你! A Nívea Marrecos pela, paciência, companheirismo e experiências compartilhadas dentro e fora da universidade.

Por último ao meu querido Spock que me acompanhou nas madrugadas.

## **EPIGRAFE**

*“It is a Chinese Dream to achieve the great rejuvenation of the Chinese nation. The Chinese Dream is to make the country strong... Without a strong military, a country can neither be safe nor strong”.*

White Paper: China’s Military Strategy 2015

## **RESUMO**

No cenário internacional contemporâneo, o aumento significativo do poder e influência da República Popular da China, nas últimas décadas, vem levantando questionamentos e interesses dos demais autores internacionais sobre quais as reais intenções da China. O constante crescimento econômico do país oferece os recursos necessários para sustentar a ambição do Sonho Chinês de rejuvenescimento do país. Esse rejuvenescimento está de acordo com a atual modernização e reforma militar chinesa, que tem o propósito de construir uma força militar forte e capaz de defender os interesses e objetivos da Grande Estratégia da China. Desta forma, esse trabalho se propõe a um estudo de caso centrado na República Popular da China, partindo de uma hipótese de que a modernização e reforma militar tem um papel importante para a garantia dos objetivos e interesses da grande estratégia da China. Ressaltando pontos importantes na formação da Grande Estratégia chinesa e as principais medidas tomadas por Xi Jinping em direção a criação de uma força armada moderna e capaz de se colocar entre as demais potências militares do século XIX. A partir deste estudo é perceptível a indispensável importância do componente militar para a Grande Estratégia da China.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grande Estratégia, Modernização Militar, Reforma Militar, China, Xi Jinping.



## **ABSTRACT**

In the contemporary international scene, the significant increase in the power and influence of the People's Republic of China, in recent decades, has raised questions and interests of other international actors about what China's real intentions are. The country's steady economic growth provides the resources needed to sustain the ambition of the “Chinese Dream” of rejuvenation. This rejuvenation is in line with the current Chinese military modernization and reform, which aims to build a strong military force capable of defending the interests and objectives of China's Great Strategy. Therefore, this paper proposes a case study focusing on the People's Republic of China, on the hypothesis that military modernization and reform plays an important role to ensure the goals and interests of China's great strategy. Highlighting important points in the formation of the China's Great Strategy and the main procedures taken by Xi Jinping towards the creation of a modern armed force capable of placing itself among the other military powers of the XIX century. From this study it's noticeable the imperative importance of the military component to the Great Strategy of China.

**KEYWORDS:** Great Strategy, Military Modernization, Military Reform, China, Xi Jinping.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADN – Assistência a Desastres Naturais

AEW&C – Airborne Early Warning and Control

AH – Assistência Humanitária

AIP – Air Independent Propulsion

ASBM – Anti-Ship Ballistic Missile

ASCM – Anti-Ship Cruise Missile

ASW – Anti-Submarine Warfare

ALBM - Air-Launched Ballistic Missile

C2 – Comando e Controle

CAECC – Corporação Aeroespacial e Científica da China

C3 – Comando, Controle e Comunicação

C4ISR – Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento

CC – Comitê Central

CCM – Comissão Central Militar

CDICM – Comissão Para o Desenvolvimento e Interação Civil-Militar

CIA – Central Intelligence Agency

CNP – Congresso Nacional do Povo

CO – Comando de Operações

CPP – Comitê Permanente do Politburo

DDE – Departamento de Desenvolvimento e Equipamentos

DM – Doutrina Militar

DCUM – Designadores de Cobertura de Unidade Militar

DoD – Department of Defense

CCP – Chinese Communist Party

CMC – Comissão Militar Central

CMI – Chiang Mai Initiative

PLA – People's Liberation Army

ELP – Exército de Libertação do Povo

EUA – Estados Unidos da América

FAE – Força de Apoio Estratégico

FAEELP – Força de Apoio Estratégico do Exército de Libertação Popular

FAELP – Força Aérea do Exército de Libertação Popular

FAL – Força de Apoio Logístico

FBI – Federal Bureau of Investigation

FFELP – Força de Foguete do Exército de Libertação Popular

FFL – Corvette

FTELP – Força Terrestre do Exército de Libertação Popular

GA – Grupo Armado

GE – Grande Estratégia

GLCM – Ground-Launched Cruise Missile

IADS – Integrated Air Defense System

ICBM – Intercontinental Ballistic Missile

ICM – Integração Civil-Militar

IRBM – Intermediate-Range Ballistic Missile

LACM – Land Attack Cruise Missile

MCO – Mar da China Oriental

MELP – Marinha do Exército de Libertação Popular

MIRV – Multiple Independently Targeted Reentry Vehicle

MRBM – Medium-Range Ballistic Missile

MSE – Ministério de Segurança Estatal

MSP – Ministério de Segurança Pública

MH370 – Malaysia Airlines Flight 370

NDU – National University of Defense

OCS – Organização de Cooperação de Shanghai

OPAG – Operação Para Além da Guerra

OP-ONU – Operação de Paz Organização das Nações Unidas

ONU – Organização das Nações Unidas

HA – Humanitarian Assistance

DR – Disaster Relief

A2AD – Anti-Access Area Denial

MOOTW – Military Operations Other Than War

OSNT – Operações de Segurança Não Tradicionais

P&D – Pesquisa & Desenvolvimento

PAP – Polícia Armada do Povo

IT – Information Technology

PCC – Partido Central Comunista

PDP – Política de Desenvolvimento Pacífico

PIB – Produto Interno Bruto

RC – República da China

RM – Regiões Militares

RMB – Renminbi (moeda chinesa)

RPC – República Popular da China

SAM – Surface to Air Missile

SLOC – Sea Lines of Communication

SLV – Space Launch Vehicles

SMC – Sul do Mar da China

SRBM – Short-Range Ballistic Missile

SSBN – Nuclear Powered Ballistic Missile Submarine

SSK – Diesel Electric Submarine

SSN – Nuclear Powered Attack Submarine

SPG – Sistema de Posicionamento Global

SS – Submarine

SSP – Attack Submarine (Diesel Air-Independent Power)

STRIDE – Brigade-Level Base Training Exercises

FIREPOWER – Cross-Theater Commands Air-Defense Exercise

TO – Teatro de Operações

UAV – Unmanned Aerial Vehicle

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Processo estratégico .....	26
Figura 2: Rotas das Importações de Energia da China.....	37
Figura 3: Reivindicações Territoriais da China.....	38
Figura 4: Total das interações diplomáticas por categoria, 2003-2016.....	57
Figura 5: Teatros de operações do ELP .....	60
Figura 6: Estrutura do ELP pré-reformas .....	62
Figura 7: Estrutura do ELP pós-reformas .....	62
Figura 8: Principal base terrestre .....	65
Figura 9: Principais bases navais.....	67
Figura 10: Principais bases aéreas .....	70
Figura 11: Sistema de característica das aeronaves.....	72
Figura 12: Capacidade de ataque convencional .....	74
Figura 13: Estreito de Taiwan e a cobertura dos SAM-SRBM chinês.....	82
Figura 14: Região do Tibete - Fronteira China e Índia.....	83
Figura 15: Região de Xianjiang.....	83
Figura 16: Mapa da fronteira entre China e Coréia do Norte.....	84
Figura 17: Postos avançados chinês nas Ilhas Spratly.....	85
Figura 18: Mapa das Ilhas de Senkaku/Daioyu .....	86
Figura 19: Presença dos Estados Unidos na Ásia.....	87
Figura 20: Alcance máximo dos mísseis chineses.....	94

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Aparato de segurança chinês .....	45
Tabela 2: Atividades diplomáticas por categorias e objetivos .....	56
Tabela 3: Interação diplomática do ELP por região, 2003-2016.....	58
Tabela 4: Interações diplomática do ELP na Ásia, 2003-2016 .....	58



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
CAPÍTULO 1: GRANDE ESTRATÉGIA CHINESA .....	20
Grande Estratégia .....	20
Doutrina Militar .....	26
Grande Estratégia Chinesa .....	30
Pensamento Estratégico Chinês .....	30
Objetivos e Interesses vitais .....	34
Percepção de Ameaças .....	36
Cálculo Dissuasório .....	39
Política de Desenvolvimento Pacífico (PDP) .....	40
CAPÍTULO 2: REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR CHINESA .....	42
Aparato de Segurança e Defesa Chinês .....	42
Relações Partido Comunista Chinês–Exército de Libertação Popular (PCC-ELP).....	46
Relação Civil-militar .....	50
Diplomacia Militar .....	52
Reformas e modernização militar.....	58
Mudanças Estruturais na Era Xi Jinping .....	59
Despesas Militares – Orçamento .....	63
Força Terrestre do Exército de Libertação Popular – FTELP .....	64
Marinha do Exército de Libertação Popular – MELP .....	66
Força Aérea do Exército de Libertação Popular – FAELP .....	69
Força de Foguete do Exército de Libertação Popular – FFELP .....	73
Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular – FSEELP .....	75
CAPÍTULO 3: LIMITES DA MODERNIZAÇÃO MILITAR DA CHINA .....	78
Missões do ELP .....	78
Desafios Estratégicos de Segurança .....	80
Limitações para a Modernização Militar Chinesa.....	87
Força Terrestre do Exército de Libertação Popular – FTELP .....	89
Marinha do Exército de Libertação Popular – MELP .....	90
Força Aérea do Exército de Libertação Popular – FAELP .....	92
Força de Foguete do Exército de Libertação Popular – FFELP .....	93

Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular – FSEELP .....	95
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS .....	100

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a China, vem aumentando significativamente seu poder e influência dentro do sistema internacional. O notável desenvolvimento econômico do país garantiu a China as condições necessárias para sua modernização e reforma militar. Esse aumento de capacidades militares e projeção da China, resulta num questionamento da comunidade internacional sobre quais são as verdadeiras intenções do país. Quais são seus interesses e objetivos? E como a China pretende usar seu crescente poder militar e influência? Entender as intenções da China é uma questão muito importante nas relações internacionais atualmente. Isso porque, a rápida ascensão da China e sua modernização militar reforça a percepção de uma “ameaça chinesa” entre vários países, principalmente nos países da região. Para um melhor entendimento desse assunto, deve-se primeiramente observar quais os interesses e objetivos que moldam a Grande Estratégia da China. E como isso está relacionado as tentativas de reformas e modernização militar do país. Afinal, a Grande Estratégia deve determinar quais os objetivos e interesses vitais de um Estado. E como o Estado deve aplicar seus recursos políticos, econômicos e militares na garantia e obtenção desses interesses e objetivos. Como Drew & Snow (2006) coloca, a Grande Estratégia é onde “os instrumentos não-militares de poder e o aparato militar são coordenados para atingir uma meta comum”. Essa mesma Grande Estratégia é uma ferramenta importante ao entender o comportamento de um Estado e suas interações no cenário internacional.

Dessa forma, esse trabalho se propõe a analisar a importância da reforma e modernização militar chinesa para a Grande Estratégia do país. Essa análise partirá de uma observação das medidas implementadas no governo do atual Presidente Xi Jinping, em direção a criação de uma força armada moderna e capacitada a enfrentar os novos tipos de guerra locais e informatizada.

Para responder o problema de pesquisa: “Qual a importância da reforma e modernização militar para a Grande Estratégia da China?”, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- **Ponderar sobre a importância do componente militar para a Grande Estratégia** – observando a doutrina militar como parte integrante do processo de formação desta mesma estratégia;

- **Analisar a formação do pensamento estratégico chinês** – em direção a formação de uma Grande Estratégia nacional;
- **Definir os objetivos e interesses vitais da Grande Estratégia chinesa** – observando como o país percebe as ameaças a esses interesses e objetivos e seu uso frequente de um cálculo dissuasório como ferramenta estratégica; e a política de desenvolvimento pacífico.
- **Apresentar o aparato de segurança e defesa chinês** – identificando seu papel na sociedade chinesa, passando por uma análise da relação das forças armadas com o Partido Central Comunista, assim como, as relações civil-militar, e a importância da diplomacia militar para a construção de uma imagem favorável das forças armadas;
- **Analisar o papel das mudanças estruturas implementadas por Xi Jinping, juntamente a modernização de capacidades das forças armadas** – visando a criação de uma força militar moderna e capaz de garantir os objetivos e interesses da Grande Estratégia da China;
- **Identificar as missões e cenários estratégicos da China** – considerando a atuação militar;
- **Observar as limitações da modernização e reforma militar** – em relação a garantia dos objetivos e interesses da Grande Estratégia da China.

A pesquisa partiu da hipótese de que a modernização militar e as reformas estruturais favorecem a realização dos objetivos e interesses vitais da China.

Esse trabalho se baseou, então, em um estudo de caso centrado na China, com recorte temporal entre as duas últimas décadas, e dando especial atenção ao governo Xi Jinping (2012-19). A pesquisa tem caráter fundamentalmente quantitativo, com a função de descrição e estruturação dos debates, através da revisão da literatura.

Em geral, a pesquisa, foi baseada na análise de material bibliográfico publicado por acadêmicos e analistas especialistas no assunto. A revisão bibliográfica foi amparada em material constituído principalmente de livros, revistas e artigos científicos encontrados em domínio público, assim como, bibliografias utilizadas durante a graduação. Os documentos oficiais se referem, basicamente, à observação de documentos chineses (Livros Brancos) e discursos de autoridades chinesas, que aponta a direção de interesses e objetivos do governo chinês.

A divisão da pesquisa se dá pela estruturação de três capítulos temáticos, subdividido em duas seções cada. O primeiro capítulo abordará, na seção inicial, a conceptualização de Grande Estratégia e Doutrina Militar. Enquanto a segunda seção busca analisar a formação da Grande

Estratégia chinesa, observando elementos importante nessa formação, como: a construção do pensamento estratégico chinês, a definição de objetivos e interesses vitais para o país, a percepção de ameaças e o cálculo dissuasório chinês.

O segundo capítulo, trata da reforma e modernização militar da China. Na seção inicial será apresentado o que constitui o aparato de segurança e defesa chinês, as relações entre as forças armadas e o Partido Comunista Chinês, as relações civil-militar – no que se refere a interação da sociedade chinesa e as forças armadas – e a importância da diplomacia militar na construção de uma imagem favorável das forças armadas. A segunda seção apresenta as mudanças estruturais da era Xi Jinping, os gastos em orçamentos militares e o aumento na capacidade dos cinco ramos de serviços militares das forças armadas (força terrestre, marinha, aeronáutica, segunda força de artilharia e força de suporte estratégico).

O terceiro e último capítulo lida, especificamente na primeira seção, com as missões e cenários estratégicos da China, tanto regional quanto para além de sua imediata periferia. A segunda seção busca apontar as limitações da modernização e reforma nos cinco principais serviços militares, observando o que já foi feito para minimizar essas desvantagens estratégicas.

A conclusão buscará explicar como essas medidas de modernização e reformas estão de acordo com os objetivos e interesses da Grande Estratégia chinesa, assim, demonstrando a importância do componente militar para essa estratégia.

## CAPÍTULO 1: GRANDE ESTRATÉGIA CHINESA

### Conceptualização

#### *Grande Estratégia*

A fim de afirmar ou negar a existência de uma Grande Estratégia chinesa, é necessário ter um entendimento claro do que significa “estratégia” e “Grande Estratégia” (GE). Ambos os termos são frequentemente utilizados, mas não possuem uma definição única ou consensual, seja entre os países ou na literatura especializada. As várias definições demonstram interpretações muito diferentes de ambos os termos. Além disso, GE pode ser facilmente confundida com o conceito de estratégia em um sentido mais restrito (BIDDLE, 2015; NORTON, 2015).

Segundo Biddle (2015), é necessário fazer uma distinção entre “estratégia” e “Grande Estratégia”, logo que, na tradição militar há uma hierarquia entre os termos que delimita ações específicas para cada um. O nível mais baixo começa com a tática, em movimento ascendente, passando pelo nível do teatro de operações, estratégia e por fim o nível político com a Grande Estratégia. Em alguns países a Grande Estratégia é o elemento orientador da consecução dos interesses nacionais, descendo do nível político para os demais, em áreas que extrapolam a expressão militar. Nesse sentido, a Grande Estratégia estaria em nível mais alto que a estratégia (setorial), e é o meio de conectar o nível político com o estratégico e militar. Porque esses termos são usados consistentemente e incorporados em uma doutrina militar é importante sua clara identificação. Resumidamente, tática se refere a como as pequenas unidades militares são empregadas no campo de batalha; operações [teatro de operações] seria a movimentação de unidades militares maiores; estratégia (setorial) descreve como os recursos militares devem ser empregados para atingir os objetivos; e Grande Estratégia identifica e articula os interesses e objetivos vitais do ator político e descreve como eles serão alcançados usando uma combinação de meios militares, diplomáticos e econômicos (BIDDLE, 2015).

A palavra “estratégia” teve sua origem na Grécia antiga, onde se referia à arte ou habilidade do general.<sup>1</sup> No seu sentido original, estratégia está mais perto do que entendemos por “tática”,

---

<sup>1</sup> A palavra “estratégia” tem a sua origem no grego “STRATEGIA”, que significa ‘comando ou ofício de um general’. Por sua vez, o vocábulo grego surgiu da aglutinação “STRATEGOS” (general), formada por “STRATOS” (multidão, expedição, exército), mais “AGOS” (líder, chefe), de “AGEIN” (comandar, liderar). Mais sobre o assunto cf. <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-estrategia/>>

embora atualmente o termo seja usado mais amplamente, muito frequentemente identificado como “substituto ou sinônimo do termo mais básico – plano” (BIDDLE, 2015).

Ao analisar os termos “estratégia” e “Grande Estratégia”, assim como sua operacionalidade, observa-se que ambos os termos carecem de uma maior delimitação e consenso na sua aplicabilidade. Bibble (2015) observa que essa falta de concordância na conceptualização gera ambiguidade na aplicação, produzindo, assim, uma necessidade entre os acadêmicos e especialistas articularem definições próprias para os termos estratégia e Grande Estratégia, ou escolherem dentre a variedade existente na literatura (BIDDLE, 2015; SILOVE 2017).

Conquanto as dificuldades em adotar uma conceptualização oficial para ambos os termos seja real e observável, o corpo de especialistas na área, profusamente, concorda que estratégia denota um “maior nível de importância” dado ao planejamento de ações, diretamente ligada à obtenção de um objetivo. Enquanto, Grande Estratégia propõe um planejamento de longo prazo, relacionado aos interesses vitais do Estado, e a utilização combinada de recursos políticos, militares, diplomáticos e econômicos (BIDDLE, 2015; NORTON, 2015; POSEN, 1984; SILOVE, 2017). Uma simples estratégia pode ser empregada em situações específicas vigente, sendo, quase sempre necessária nova estratégia para eventos distintos. Por isso, uma GE deve abarcar soluções às principais ameaças aos interesses vitais do Estado, tendo em vista sua continuidade em longo prazo (SILOVE, 2017). Norton (2015), sobre GE coloca que:

Policy makers can make decisions based on a state’s priorities and the best use of limited resources rather than reacting to day-to-day events or handling matters on a case-by-case basis. Moreover, grand strategy is not only concerned with applying its resources, but also to developing them over time (NORTON, 2015, p.4).<sup>2</sup>

Uma GE pode ser definida como o “esforço consciente” de uma nação para empregar todos os elementos do poder nacional, visando avançar e cumprir seus objetivos relacionados à segurança. Em sua essência, uma Grande Estratégia descreve os objetivos que um Estado procura atingir e fornece orientações sobre como deve alcançá-los. Portanto, uma GE adequadamente elaborada fornece orientação de alto nível sobre como conectar “fins” e “meios” (COLBY, 2011).

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: “Os formuladores de políticas podem tomar decisões com base nas prioridades de um estado e no melhor uso de recursos limitados, em vez de reagir a eventos do dia-a-dia ou lidar com questões caso a caso. Além disso, a grande estratégia não se preocupa apenas em aplicar seus recursos, mas também em desenvolvê-los ao longo do tempo” (NORTON, 2015, p.4).

A Grande Estratégia deve ser entendida como um conjunto integrado e coerente de ideias sobre os objetivos de um Estado no sistema internacional, e o que deve ser feito como meios de alcançá-los. Uma GE precisa determinar quais os objetivos e interesses finais do Estado; as principais ameaças a esses objetivos e interesses; as maneiras pelas quais os recursos limitados do Estado devem ser usados, para lidar com desafios e oportunidades advindas; e as políticas e iniciativas - militares, diplomáticas e econômicas - através das quais um Estado vai interagir com outros Estados e entidades (NORTON, 2015).

John L. Gaddis (2009 *apud* BIBBLE, 2015, p.5), descreve uma GE como: “...*the calculated relationship of means to large ends... it’s about how one uses whatever one has to get to wherever it is one wants to go*”.<sup>3</sup> Assim sendo, uma GE precisa ter diretrizes concretas, resultante de uma definição de interesses e observação de cenários, que promova orientação e viabilize ao país a realização de seus principais objetivos (BIBBLE, 2015).

Uma Grande Estratégia trata-se da evolução e integração de políticas que devem existir por décadas. Esta deve vincular políticas e ações de curto prazo a metas de médio e longo prazo. Permitindo que os formuladores de políticas priorizem os objetivos de longo prazo de maior importância e, em seguida, apliquem os escassos recursos disponíveis para a obtenção desses objetivos, enquanto tentam equilibrar meios e fins, objetivos e capacidades. É a ideia de que as diretrizes estratégicas sobreviveram para além dos governantes, até seus objetivos finais serem atingidos. Isso não significa dizer que os líderes políticos estão incapacitados de moldar ou alterar as diretrizes da Grande Estratégia nacional, mas tenciona reiterar que a base dessa estratégia permanecerá até a obtenção do fim desejado (NORTON, 2015).

Em última análise, uma GE pode ser considerada “um plano” ou “um esquema” para alcançar fins definitivos. Não deve ser entendida como uma expressão de aspirações, mas como um caminho concreto para explorar oportunidades em um ambiente imprevisível e contingente. Uma GE deve, portanto, fornecer uma lógica coerente e esclarecedora aos governantes para que possam determinar o que fazer – e o que não fazer – e como fazê-lo. Simplificando, uma GE é uma guia de ações baseada em análises estratégicas de aplicação de meios para a obtenção de fins propostos (COLBY, 2011).

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “...a relação calculada de meios para grandes fins... como usar tudo o que se tem para chegar aonde se deseja ir” (LEWIS, 2009 *apud* BIBBLE, 2015, p.5).



Segundo Norton (2015), um Estado para ter uma Grande Estratégia não precisa produzir oficialmente um documento intitulado “Grande Estratégia Nacional”. Em vez disso, o critério a ser observado é se existe, ou não, uma linha de pensamento e ações coerente, formulada em direção a atingir indispensáveis metas de longo prazo, reduzindo os riscos e ameaças a esses objetivos. Importante acentuar que, uma grande estratégia só pode ser formulada pelo mais alto nível do governo. Isso porque é preciso um alto grau de conhecimento das capacidades do Estado para determinar e direcionar os objetivos da estratégia nacional. Assim, uma vez que uma declaração oficial dos mais altos fins políticos é articulada pelo governo, as instituições do Estado são então direcionadas a estabelecer suas próprias prioridades com base nesses fins (NORTON, 2015).

Drew & Snow (2006) descrevem o processo estratégico moderno de maneira bastante sistemática. Em seu livro, *“Making Twenty-First-Century Strategy”*, eles analisam a Grande Estratégia a partir da atuação dos diferentes níveis de operacionalidade dentro do Estado. Os autores dividem o processo estratégico moderno em cinco campos decisórios fundamentais, interconectados e sequenciais, que define e moldam a estratégia em cada nível de autoridade. Essas variam entre decisões amplas e ocasionais sobre objetivos nacionais de longo prazo a decisões estreita e concretas sobre táticas de campo de batalha. Hierarquicamente estão: a identificação dos objetivos de segurança nacional, a formulação da Grande Estratégia, o desenvolvimento de uma estratégia militar, a construção da arte operacional e a formulação de táticas de batalha (DREW & SNOW, 2006). Segundo os autores:

To fully comprehend this decision-making process, one must view it on two levels. On the first level the process concerns very broad and long-term issues of national strategy—issues that transcend current events. For example, at the broadest level, a state’s most fundamental objective is generally to preserve its sovereignty. To do so, and to achieve other fundamental, long-term national objectives, the decisions in the strategy process must be effectively addressed. On the second level the process concerns time-sensitive contingencies. The same basic decisions in the process must be effectively addressed to meet such contingencies but are generally addressed much more urgently (DREW & SNOW, 2006, p.14).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Para compreender completamente este processo de tomada de decisão, é preciso vê-lo em dois níveis. No primeiro nível, o processo diz respeito a questões muito amplas e de longo prazo da estratégia nacional - questões que transcendem os eventos atuais. Por exemplo, no nível mais amplo, o objetivo mais fundamental de um estado é geralmente preservar sua soberania. Para tanto, e para alcançar outros objetivos nacionais fundamentais e de longo prazo, as decisões no processo de estratégia devem ser efetivamente abordadas. No segundo nível, o processo diz respeito a contingências sensíveis ao tempo. As mesmas decisões básicas no processo devem ser efetivamente

Drew & Snow (2006), observa que a primeira tarefa dos estrategistas seria definir os objetivos de segurança nacional que formam a base do processo estratégico. Se os objetivos forem mal definidos, inconsistentes ou não suportados por algum grau de consenso nacional, a função dos estrategistas se tornará extremamente difícil. Quaisquer que sejam as dificuldades, a questão é que a determinação dos objetivos nacionais nos níveis macro e micro são a primeira e, discutivelmente, a etapa mais crucial no processo estratégico (DREW & SNOW, 2006).

O próximo passo, após identificar e avaliar os objetivos nacionais é determinar quais instrumentos do poder nacional são necessários para atingir tais objetivos, e como esses instrumentos devem ser usados. A GE pode ser definida como “...as the art of coordinating the development and use of the instruments of national power to achieve national security objectives”.<sup>5</sup> Na maioria dos casos, os objetivos nacionais mais importantes só podem ser alcançados através do uso coordenado de vários, senão todos esses recursos de poder. Coordenar o uso desses instrumentos de poder é de extrema importância, pois sem coordenação, tais instrumentos de poder podem funcionar com objetivos opostos (DREW & SNOW, 2006). Por isso, como colocaram Drew & Snow:

To prevent such self-defeating behavior, those charged with making grand strategy decisions must assign what are essentially roles and missions to the various instruments of power, determine methods to make the roles and missions mutually supporting, and identify areas of potential conflict (DREW & SNOW, 2006, p. 18)<sup>6</sup>.

Segundo Drew & Snow (2006), depois de selecionar os instrumentos do poder nacional e atribuir seus papéis e missões, o processo torna-se um tanto fragmentado, pois diferentes organizações governamentais se concentram em suas especialidades em apoio ao esforço geral. O próximo passo seria a definição de uma estratégia militar, definida como “a arte e a ciência de coordenar o desenvolvimento, a implantação e o emprego de forças militares para alcançar

---

tratadas para atender a tais contingências, mas geralmente são tratadas com muito mais urgência” (DREW & SNOW, 2006, p.14).

<sup>5</sup> Tradução nossa: “...a arte de coordenar o desenvolvimento e uso dos instrumentos do poder nacional para alcançar objetivos de segurança nacional” (DREW & SNOW, 2006, p.17).

<sup>6</sup> “Para evitar esse comportamento autodestrutivo, os encarregados de tomar grandes decisões estratégicas devem atribuir essencialmente papéis e missões aos vários instrumentos de poder, determinar métodos para tornar os papéis e missões mutuamente apoiados e identificar áreas de potencial conflito” (Ibidem, p. 18).

objetivos de segurança nacional”. A estratégia militar, em outras palavras, é a aplicação da grande estratégia ao domínio militar. Assim como numa Grande Estratégia, a coordenação nesse nível é indispensável, isso porque na estratégia militar a coordenação se refere a harmonia entre as forças militares, onde são implantadas e como são empregadas (DREW & SNOW, 2006, p. 19-21).

Ao contrário da estratégia militar, o próximo passo, definido como arte operacional é muito mais restrita e mais específica. A arte operacional emprega as forças fornecidas pela doutrina militar e pode ser definida como a arte de planejar, orquestrar e dirigir campanhas militares dentro de um teatro de operações para alcançar objetivos de segurança nacional (DREW & SNOW, 2006).

A última etapa do processo estratégico, segundo Drew & Snow (2006), é a estratégia de campo de batalha ou táticas, definida pelo emprego das forças no campo de batalha para alcançar objetivos de segurança nacional. Simplificando a diferenciação entre táticas e os demais níveis mais altos do processo estratégico, podemos concluir que: as táticas governam o uso de forças no campo de batalha, enquanto a Grande Estratégia, a estratégia militar e a arte operacional trazem forças para o campo de batalha (DREW & SNOW, 2006).

É de grande importância ressaltar que inúmeras influências podem restringir ou distorcer o fluxo de decisões, desde as decisões da GE até as táticas. A figura 1 retrata graficamente o processo estratégico e esse estímulo de influências externas nesse processo. A relação de cada uma dessas influências com as etapas do processo estratégico é particular e situacional. Por exemplo, considerando a influência da economia, que é altamente importante para a atribuição de recursos e missões da Grande Estratégia. Da mesma forma, os mesmos fatores econômicos têm um forte impacto na estratégia militar, devido aos custos envolvidos no desenvolvimento de capacidades adequadas. Contudo, a influência econômica na estratégia do campo de batalha é bem mais indireta (DREW & SNOW, 2006).

**Figura 1: Processo estratégico**



Fonte: Drew & Snow (2006)

Finalmente, a Grande Estratégia é onde os instrumentos não-militares de poder e o aparato militar são coordenados para atingir uma meta em comum. Isso é importante porque a GE torna-se o ponto central dos argumentos sobre a utilização da força militar em um conflito internacional, e em tempos de paz a mesma estratégia procura justificar os gastos militares do país. Importante ressaltar que, conceber o poder militar sendo usado isoladamente de outros instrumentos do poder nacional para resolver uma disputa internacional é algo irreal (DREW & SNOW, 2006).

### *Doutrina Militar*

A definição de Doutrina Militar (DM) enfrenta a mesma dificuldade observada na definição do conceito de Grande Estratégia. Construir um entendimento do que compõe uma DM, levando em consideração às mudanças interna, dentro dos governos, ou as alterações nas relações entre os diferentes atores na sociedade internacional, torna-se um processo laborioso.

Posen (1984) coloca que, as doutrinas militares são determinantes da política de segurança nacional ou GE, que integra um complexo de “meios e destino” político-militar, “uma teoria do Estado” que visa produzir maior segurança para o país. Segundo ele, a DM é um “subcomponente da Grande Estratégia”, que lida diretamente com os meios militares (POSEN, 1984, p.13). Uma

doutrina militar compõe um conjunto de atividades que busca responder: quais meios devem ser empregados? E de que forma devem ser empregados? Essas perguntas só podem ser respondidas após uma avaliação, a longo prazo, dos objetivos nacionais, de como se dão as relações no sistema internacional, a percepção de ameaças e a natureza dos conflitos, assim como, a observação da relação metas e meios (SINGH, 2016). Sobre a função principal da doutrina militar, Singh (2016) coloca que:

...the core function of a military doctrine is to explicitly or implicitly, envisage the most probable and comprehensive battlefield scenario or type of warfare, backed by the larger international and domestic political, social, economic, technological and other relevant logics that military may have to confront, or would like to have information about (SINGH, 2016, p.25).<sup>7</sup>

Homan (2008) entende DM como padrões de procedimentos operacionais, que fornece uma base comum de compreensão e conhecimentos que deve orientar as ações militares. O autor coloca que, a doutrina militar é o “uso eficiente” dos meios militares com base na experiência prática, formulada com o intuito de “guiar e aconselhar”. Visando maximizar vantagens, a “doutrina militar é o que se acredita ser o melhor meio de condução dos assuntos militares” (HOMAN, 2008, p.1-2).

Os meios empregados e a forma de empregá-los são duas questões importantes ao se pensar na DM. Uma análise da operacionalidade e prioridades devem ser feitas antes do emprego dos vários tipos de força militar a disposição do Estado. Um conjunto de prescrições deve esclarecer como as forças militares devem ser estruturadas e empregadas para responder a ameaças e oportunidades reconhecidas. Em termos gerais, o propósito básico da doutrina militar é a sobrevivência do Estado. A falta de congruência entre objetivos políticos e a DM, em uma Grande Estratégia, pode levar a situações de conflito e fracasso, colocando em risco a sobrevivência do Estado. Importante ressaltar que, os Estados enfatizam um tipo de força em detrimento de outro por razões geográficas, tecnológicas, econômicas ou políticas. Assim sendo, dentro das forças armadas, o uso predominante de diferentes tipos de força e armamento poderiam ser destacados de

---

<sup>7</sup>“...a função principal da doutrina militar é, explícita ou implicitamente, conceber o mais provável e abrangente cenário de batalha ou tipo de guerra, apoiado por uma ampla lógica política internacional e doméstica, social, econômica, tecnológica e outras lógicas relevantes que os militares podem vir a enfrentar, ou gostaria de se manter informado” (SINGH, 2016, p. 25).

acordo com os objetivos da Grande Estratégia nacional (POSEN, 1984). Assim, a doutrina militar se assemelha a “estratégia militar” definida por Drew & Snow (2006).

Drew & Snow (2006) observa que a coordenação é o elemento mais importante da estratégia militar. Numa GE, a coordenação envolve as relações entre todos os recursos de poder do nacional. No entanto, na estratégia militar, a coordenação refere-se às relações dentro do instrumento militar de poder; isto é, a harmonia entre todas as forças militares, onde são implantadas e como são empregadas. (DREW & SNOW, 2006). Sobre a função da estratégia militar dentro da GE de um Estado, os autores vão colocar que:

Military strategy sets in motion the actions required to develop a military force structure (i.e., planning; procuring weapon systems and materiel; and recruiting, training, and sustaining personnel) and then deploys that force structure. These actions should be accomplished based on broad concepts of how these forces will be employed to fulfill the roles and missions assigned by grand strategy (DREW & SNOW, 2006, p. 22).<sup>8</sup>

Segundo Singh (2016), uma doutrina militar deve oferecer um conjunto de diretrizes sobre como combater uma guerra conforme visualizada na doutrina. Em seu processo estratégico, a DM precisa: simular o cenário de conflito; identificar o adversário em potencial; visualizar a natureza da ameaça; fazer uma avaliação comparativa dos pontos fortes e fracos; e avaliar a estratégia e as capacidades do adversário. Assim, explorando todas as possíveis respostas a situação. Observando esses pontos percebe-se uma conexão mais próxima entre doutrina militar e estratégia militar. Drew & Snow (2006, p.19), coloca que, é possível, em certas circunstâncias, que o desenvolvimento e a capacidade das forças militares atinjam os objetivos pretendidos sem seu emprego efetivo. Ellis *apud* Singh (2016, p.25) ratifica essa linha de pensamento ao dizer que: *“The function of military doctrine is to provide guidelines for the conduct of war that the armed forces are most likely to wage”*.<sup>9</sup>

Posen (1984), coloca que uma DM reflete julgamentos de militares e líderes civis, sobre se é preciso utilizar, e quais são os meios militares necessários para se alcançar os objetivos vitais do

---

<sup>8</sup> “A estratégia militar aciona as ações necessárias para desenvolver uma estrutura de força militar (ou seja, planejar, adquirir sistemas de armas e material e recrutar, treinar e sustentar o pessoal) e depois implantar essa estrutura de força. Essas ações devem ser realizadas com base em conceitos gerais de como essas forças serão empregadas para cumprir as funções e missões atribuídas pela grande estratégia” (DREW & SNOW, 2006, p.22).

<sup>9</sup> “a função da doutrina militar é fornecer diretrizes para a condução da guerra que as forças armadas têm maior probabilidade de realizar” (ELLIS *apud* SINGH, 2016, p.25).

país. Isso porque, a mesma pode prejudicar os interesses do Estado se não estiver integrada e em conformidade com os objetivos políticos da GE. A doutrina militar deve se articular as mudanças políticas, aos recursos disponíveis e as capacidades dos adversários, para se manter efetiva. O autor também vai caracterizar a DM em três tipos: ofensiva, defensiva e dissuasória. Embora essa divisão seja empregada aos diferentes tipos de doutrina, um Estado não está impedido de utilizar mais de um modelo em sua política nacional. Muitos países adotam política defensiva em uma área, enquanto executam uma abordagem mais ofensiva em outros assuntos (POSEN, 1984).

A distinção entre doutrina militar ofensiva, defensiva ou dissuasiva é importante porque afeta as percepções e reações dos Estados. Uma doutrina ofensiva procura conquistar ou destruir o inimigo, exige um ataque precoce e intenso, e é aplicada em ambientes de confrontação e guerra. A doutrina defensiva, ao contrário da primeira, busca evitar a guerra ao usar mecanismos de negação da capacidade do inimigo. Já a última, a doutrina dissuasória, conota um elemento de punição e retaliação das ações do inimigo, também sendo usada como meio de evitar o conflito (POSEN, 1984).

Segundo Singh (2016), a DM é importante por dois motivos. Primeiro, as doutrinas mantidas pelos Estados dentro de um sistema afetam a qualidade de sua vida política internacional. Por seu caráter ofensivo, defensivo ou dissuasivo, as doutrinas afetam a probabilidade e a intensidade das corridas armamentistas e das guerras. Tanto pela adequação política, quanto militar dos meios empregados, uma doutrina militar afeta a segurança do Estado que a detém. A doutrina militar pode evoluir ou mudar com o tempo e de acordo com a realidade do sistema internacional e os interesses do Estado. Essa mesma DM pode ser vista como indicador das capacidades das forças armadas do Estado, ou pode facilitar o entendimento das intenções estratégicas da nação (SINGH, 2016).

A doutrina militar de um país pode sofrer mudanças advindas de várias fontes como: tentativas de redução de erros operacionais; relações civis-militares; desintegração interna nas forças armadas; preocupações com a balança de poder internacional; aquisições de armamentos e tecnologias; percepções de ameaças; mudanças nos objetivos da GE; condicionantes geográficos; cenário político doméstico; etc. Com essa variedade de elementos que podem influenciar a adoção de uma certa doutrina militar, seria um movimento arriscado acreditar que tal doutrina é estática e de aplicação universal.

## Grande Estratégia Chinesa

Existe amplo debate no momento, entre estudiosos chineses e ocidentais, sobre se a China possui ou não uma grande estratégia. Para Buzan (2014) essa Grande Estratégia já existe e vem sendo moldada a décadas. Enquanto, para Shi (2002) existe uma falta de coerência e objetivos nas ações políticas da China, o que refletiria a falta de uma GE. Embora esse debate ainda esteja ocorrendo, será pontuado aqui as características que afirmam a existência de uma Grande Estratégia chinesa. Baseados em autores que confirmam essa existência (BUZAN, 2014; NORTON, 2015; WANG, 2011; ZHU, 2010), partiremos do princípio de que existe uma GE chinesa, e esta já vem sendo implantada durante significativo período de tempo. Para isso se faz necessário elaborar os principais elementos que influenciaram na construção dessa Grande Estratégia chinesa, começando pela formação do pensamento estratégico chinês, a definição dos objetivos e interesses nacionais, a percepção de ameaças, o cálculo dissuasório, e a política de desenvolvimento pacífico.

### *Pensamento Estratégico Chinês*

Desde sua fundação em 1949, a República Popular da China (RPC), tem passado por importantes transformações de percepção sobre o sistema internacional, de si mesma e de seu papel na atual ordem global. A China contemporânea continua sendo um país de tradições milenares, tradições que ainda exercem grande influência na forma de pensar e agir da sociedade chinesa. Isso demonstra a complexidade do processo de tomada de decisão de Pequim, onde essas tradições são combinadas às rápidas transformações em desenvolvimento doméstico e percepção de sua identidade em relação à sociedade internacional.

Zhu Liqun (2010), pesquisadora chinesa da área de segurança, política e relações internacionais, ao analisar a política externa da China, identifica três conceitos que permanece intrincado no processo de tomada de decisão da política externa chinesa: *Shì* (勢)<sup>10</sup>, identidade e

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: “O antigo conceito chinês de *Shì* (勢), para o qual não há equivalente ocidental, foi traduzido de várias maneiras como “a disposição ou propensão das coisas”, “circunstância”, “poder ou potencial”, e pode ser aplicado a vários domínios, desde a estética até a arte de governar ou à estratégia militar. Neste último contexto, refere-se frequentemente à configuração estratégica do poder” (ZHU, 2010, p. 17).



estratégia. A autora também observa que, a tradição do pensamento estratégico chinês enfatiza a situação geral, a dinâmica de mudanças e os interesses de longo prazo (ZHU, 2010).

O primeiro conceito – *Shì* (勢), refere-se em geral a configuração de poder e a direção ou tendência do processo de mudanças no qual um ator age e interage. Para os chineses, *Shì* deve ser bem entendido muito antes de uma decisão ser tomada. O segundo conceito – identidade, refere-se a quem é o ator, e deriva de uma abordagem onde poder e identidade são definidos dentro de sua rede de relações. Isso significa dizer que, os atores gerenciam e mantêm relações no processo de interação internacional, e que os atores podem desfrutar de múltiplas identidades em relações multifacetadas, que podem não ser conflitantes, mas complementares. O último conceito – estratégia, diz respeito a como os interesses e objetivos nacionais serão alcançados dentro de uma sociedade internacional (ZHU, 2010).

Importante ressaltar que a formulação de uma Grande Estratégia passa pelo processo de identificação dos interesses nacionais e dos meios usados para alcançá-los, mas como coloca Zhu Liqun (2010), os interesses sempre pressupõem identidades mais profundas. Isso porque, um ator não pode saber o que quer até saber quem é. Na concepção chinesa essa identidade é fluida e não fixa, ela responde a seu ambiente de interação, ou seja, as mudanças do cenário internacional e das relações entre os atores (ZHU, 2010).

Seria impossível compreender a posição chinesa em vários assuntos de política externa e doméstica se não considerarmos a complexidade da percepção do país, e o sentimento de vulnerabilidade herdado da experiência com o imperialismo das grandes potências ocidentais e do Império Japonês. O século de humilhação<sup>11</sup>, que durou da I Guerra do Ópio (1839) até a II Guerra Sino-Japonesa, e o estabelecimento da República Popular da China (1949), deixou marcas perduráveis na memória do povo chinês. Consequentemente, como coloca Wang (2011) ainda é possível identificar elementos de grande sensibilidade doméstica a comoção advinda das ameaças de interferência estrangeira nas decisões tomadas pelo governo de Pequim (WANG, 2011).

Desde a formação da República Popular da China (RPC), a liderança chinesa faz questão em destacar a independência do país em tomar decisões por si mesmo, e que não permitirá nenhuma outra entidade interferir nas suas posições políticas, ou em quaisquer outros assuntos internos. Assim como, não possui pretensão de se aliar ou se colocar sob influência de nenhuma potência ou

---

<sup>11</sup> Termo usado para se referir aos anos entre 1839-1949, período de intervenções imperialistas por potências ocidentais e pelo Império Japonês. Durante esse século, a China além de passar por fragmentação interna, perdeu vários conflitos contra os invasores tendo que fazer concessões forçadas as forças estrangeiras (ZHENG, 2008).

bloco de poder. Outra característica do posicionamento chinês em sua política externa é sua postura anti-hegemônica e a favor de uma ordem multilateral global, assim como o comprometimento com a manutenção de um ambiente externo pacífico (PENG, 1996; WHITE, 2013).

A maior parte dos analistas internacionais concorda que nas últimas décadas, a China, vem seguindo uma linha consistente na sua grande estratégia nacional, coordenada a partir das prioridades domésticas do país (BUZAN, 2014; NORTON, 2015). Esses analistas também observam a importância de o governo chinês divulgar um documento que explique, de forma abrangente, quais são os interesses estratégicos do país e as formas que o governo pretende alcançá-los (WANG, 2011). Esse documento seria indispensável aos esforços em direção a uma maior transparência de ações pelo governo chinês, ajudando a dissipar suspeitas circunstanciais, como a percepção de uma “ameaça chinesa”.

Essa necessidade por uma maior transparência nos interesses e objetivos de Pequim é um argumento muito presente entre os países que observam com apreensão o crescente nível de desenvolvimento da China, e seu cada vez maior envolvimento em assuntos externos. É inegável que nas últimas décadas a RPC vem aumentando significativamente seu grau de influência externa. A China, hoje, tem laços fortes de cooperação econômica em basicamente todas as partes do globo. A ampla rede de parcerias do país resultou na presença marcante da China, se não fisicamente, mas como tópico central de discussão, em basicamente todos os fóruns internacionais relevantes, desde os regionais até os fora de sua principal área de interesse. O que ilustra a preocupação internacional em relação à China, tornando imprescindível a importância de maior transparência para entender o pensamento estratégico chinês e como suas ações podem afetar os outros países (BUZAN, 2014).

Wang Jisi (2011) ao analisar a presença de uma Grande Estratégia nas ações políticas de Pequim atenta a duas visões de política externa defendida entre a elite política chinesa, e de acordo com a percepção de ameaças à China. Essas visões são debatidas por dois grupos principais que defendem distintas formas de conduzir a política externa do país. Uma das propostas tem os Estados Unidos como ameaça vital à China. Essa visão está baseada na convicção de que os EUA, junto a outros países ocidentais e o Japão são hostis aos valores políticos chineses e procuram conter sua ascensão ao apoiarem a independência de Taiwan. Os defensores dessa visão argumentam que a abordagem atual da China nas suas relações internacionais é muito branda. Eles sugerem o modelo político de Mao como uma alternativa melhor para a presente configuração de poder na sociedade internacional. Como resultado, diz-se que a China deveria tentar encontrar aliados estratégicos

entre países que pareçam desafiadores em relação ao Ocidente, como Irã, Coreia do Norte e Rússia (WANG, 2011, p. 4-5).

Wang (2011) acredita que essa proposta é essencialmente equivocada, pois mesmo que os Estados Unidos apresentem alguns desafios estratégicos e de segurança para a China, seria impraticável e arriscado construir uma Grande Estratégia baseada na visão de que os Estados Unidos são o principal adversário do país. O autor continua dizendo que isso também seria prejudicial ao desenvolvimento econômico da China, contrariar o maior parceiro comercial do país e a potência econômica e militar mais forte do mundo. Isto posto, a liderança chinesa não compartilha desta mesma visão, apesar de guardar receios contra a presença forte dos EUA na região, Pequim não está disposta a formular uma estratégia em torno do único objetivo - derrotar os Estados Unidos (WANG, 2011).

Ciente da impraticabilidade de uma Grande Estratégia precoce, formulada a partir da percepção de uma só ameaça – os Estados Unidos – outro grupo com uma visão alternativa favorece a concepção de Deng Xiaoping do *Tao Guang Yang Hui* (韬光养晦)<sup>12</sup>, ou “manter um perfil discreto” nos assuntos internacionais. Os apoiadores dessa visão argumentam que, como a China continua em um processo de desenvolvimento, deve manter-se concentrada na manutenção de um ambiente favorável ao seu crescimento econômico e não numa tentativa de derrubar os EUA de sua posição. Entretanto, os defensores dessa abordagem, não rechaça a noção de que os Estados Unidos, é uma ameaça de longo prazo para a China, mas argumentam que a China não é capaz de desafiar a primazia ocidental – e alguns até advertem contra a conclusão precipitada de que o ocidente está em declínio. Assim sendo, esses analistas chineses defendem que, os ensinamentos de Deng sobre manter um perfil discreto permitirão à China concentrar-se nas prioridades do país enquanto condiciona com o atual ambiente pacífico internacional (WANG, 2011, p. 5-6).

Embora o governo de Pequim continue seguindo os ensinamentos de Deng como base de sua estratégia política, ao se concentrando na manutenção de um ambiente internacional favorável aos seus interesses, à medida que surgem novos desafios aos interesses vitais da China é possível constatar maior assertividade nas respostas chinesas. Os discursos políticos de Xi Jinping e demais autoridades chinesas vem demonstrando essa maior assertividade nas posições políticas da China

---

<sup>12</sup> Parte da estratégia dos 24 Caracteres (冷静观察, 站稳脚跟, 沉着应付, 韬光养晦, 善于守拙, 绝不当头) proposta por Deng Xiaoping logo após os acontecimentos da Praça da Paz Celestial (Tiananmen), em 1989. Essa estratégia pode ser traduzida como: “Observe calmamente, manter-se firme, agir calmamente, manter-se discreto, boa defesa, nunca buscar liderança” (ATAL, 20--).

(NORTON, 2015; WANG, 2011; BUSAN, 2014). Essa assertividade está de acordo com a posição de independência política chinesa em assuntos internos e externos, como também reafirma a capacidade do PCC em garantir a realização dos objetivos e interesses vitais da GE chinesa.

### *Objetivos e Interesses vitais*

Antes de analisar quais objetivos e interesses compõe a Grande Estratégia chinesa é necessária apontar a diferenciação do uso desses termos na literatura sobre o assunto. Os objetivos, aqui, se referem às metas mais específicas e alteráveis de acordo com seu ambiente de interação, ou seja, refletem as respostas do país aos estímulos internos e/ou externos. Enquanto os interesses seriam metas de longo prazo, finalidades a serem atingidas. Resumidamente, os objetivos seriam o “caminho”, enquanto os interesses o “destino” a ser alcançado.

De acordo com Heath & Lin (2015), nas últimas décadas, a China tem se concentrado na proteção de seus ‘interesses nacionais primários’ ou ‘interesses vitais’. Sua GE está fundamentada nesses interesses de segurança, que podem se resumir a três: preservar o poder do PCC, soberania e integridade territorial, e desenvolvimento econômico. Aqui, o desenvolvimento econômico pode ser interpretado como a ferramenta basilar do rejuvenescimento do país – o sonho chinês – muito mais do que apenas relações econômicas de mercado (HEATH & LIN, 2015).

A preocupação com a soberania nacional e integridade territorial, pode ser observada em áreas de grande sensibilidade como Xinjiang, Tibete e principalmente Taiwan. A China identifica o aumento perigoso dos “três males” – terrorismo, separatismo e extremismo – nessas regiões. Outra fonte de preocupação são as reivindicações marítimas no Mar da China Oriental (MCO) e no Sul do Mar da China (SMC). Como consequência, Pequim vem adotando uma postura mais dura e assertiva sobre tais assuntos nos últimos anos. Um exemplo disso são os discursos feito por autoridades chinesas que enfatizam que a China “não cederá nenhum centímetro de seu território” reconhecido ou reivindicado (MEDEIROS, 2009).

A preservação do sistema comunista e do poder do PCC é o principal interesse do governo chinês. Os líderes chineses identificam uma série de potenciais ameaças domésticas, incluindo agitação social, desastres naturais, acidentes de segurança e incidentes de saúde pública. A Internet e as mídias sociais também desafiaram o controle do PCC, fornecendo aos cidadãos outros meios para compartilhar informações, expressar frustração e organizar protestos. Por isso, o governo de

Pequim é particularmente sensível às atividades de potências estrangeiras, que podem acentuar essas ameaças ao oferecer suporte e incentivos a movimentos de resistência dentro da China através da internet (HEATH & LIN, 2015). Para impedir que isso ocorra, o governo de Pequim mantém uma vigilância severa sobre o uso da internet no país, sendo proibido acesso a fontes, aplicativos e sites ocidentais como: Google, YouTube, Facebook, Instagram, WhatsApp, Wikipédia, Twitter, LinkedIn, Dropbox, etc.

Outro interesse vital da GE chinesa se refere a manutenção das condições internacionais para o desenvolvimento econômico da China e a proteção dos seus interesses econômicos no exterior. A China com o seu rápido crescimento econômico está cada vez mais dependente de recursos externos, como matéria-prima, energia e mercado. Por isso é crítico para Pequim manter as linhas marítimas de comunicação, rotas de comércio, e outros recursos naturais necessários ao desenvolvimento do país. Essa manutenção do crescimento econômico está diretamente relacionada a garantia da estabilidade doméstica e a preservação do poder do Partido (MEDEIROS, 2009). Em síntese, os interesses vitais da China são: preservar o poder do PCC, soberania e integridade territorial, e a manutenção desenvolvimento econômico pacífico (ade. estabilidade doméstica). Esses interesses vitais se desdobram em um conjunto de objetivos de política externa que visam garantir tais interesses, agregados a Grande Estratégia do país.

Uma análise dos objetivos da China parte de uma compreensão das diretrizes estratégicas oficiais articuladas pelo governo, e que formam a base de orientação da política externa chinesa. Inicialmente a articulação dessas diretrizes pelo PCC não possui um núcleo definido, mas se desenvolvem com a prática ao longo do tempo e como resultado das circunstâncias enfrentadas. Essa flexibilidade nas diretrizes parece dar aos formuladores de política chinesa a licença para, ocasionalmente, tomar medidas contrárias a essas diretrizes, enquanto alegam fidelidade aos ditames do partido. Apesar de tal flexibilidade na interpretação, essas diretrizes continuam a ter um efeito real na política externa da China, como forma de moderação e restrição (MEDEIROS, 2009).

Segundo Medeiros (2009), a visão da China sobre a sociedade internacional e o ambiente de segurança manifestam-se nos cinco objetivos da política externa chinesa. O autor identifica esses objetivos como: crescimento econômico, ‘garantias’,<sup>13</sup> contrariar as restrições (*countering constraints*), diversificação do acesso a recursos naturais e reduzir o ambiente político internacional

---

<sup>13</sup> Com mesmo significado de “reassurance”, no sentido de garantir/tranquilizar os países de que a China não constitui uma ameaça.

de Taiwan. Tais objetivos, de acordo com o autor, se diferenciam dos interesses vitais de longo prazo, por serem mais específicos e alteráveis de acordo com as respostas a estímulos internos e/ou externos. Esses objetivos constituem o núcleo do atual comportamento internacional da China, e refletem as respostas do país ao seu ambiente de segurança e seu esforço para moldar esse ambiente a seu favor (MEDEIROS, 2009). Em suma, os objetivos da Grande Estratégia seriam: manter o crescimento econômico – com acesso a recursos e mercado; tranquilizar a comunidade internacional de que a China não constitui ameaça aos demais países; reduzir as restrições aos interesses chineses – através de maior proatividade e uma imagem de ator responsável; manter Taiwan sob domínio chinês – ao restringir a atuação e reconhecimento do governo de Taiwan no cenário internacional.

Para atingir e assegurar esses objetivos, a China procura manter um ambiente internacional estável e pacífico que facilite as reformas e crescimento econômico do país. Utilizando uma diplomacia diversificada, Pequim busca expandir seu acesso a investimentos, mercados, tecnologias e recursos naturais. Devido o grande aumento da necessidade por energia e outros recursos naturais, a China está fortalecendo suas relações com países da África, Oriente Médio e América Latina. Com o rápido desenvolvimento da China é importante, também, garantir aos Estados vizinhos, assim como a comunidade internacional, que a China não ameaça a estabilidade da segurança internacional (MEDEIROS, 2009). Esse conjunto de interesses vitais e objetivos da Grande Estratégia compreende a percepção de ameaças da China, e vis-à-vis. Como já mencionado na seção anterior, uma GE precisa agregar interesses e objetivos de segurança; identificar as ameaças a esses objetivos e interesses; para melhor direcionar os recursos a disposição do Estado, visando garantir esses mesmo interesses e objetivos.

### *Percepção de Ameaças*

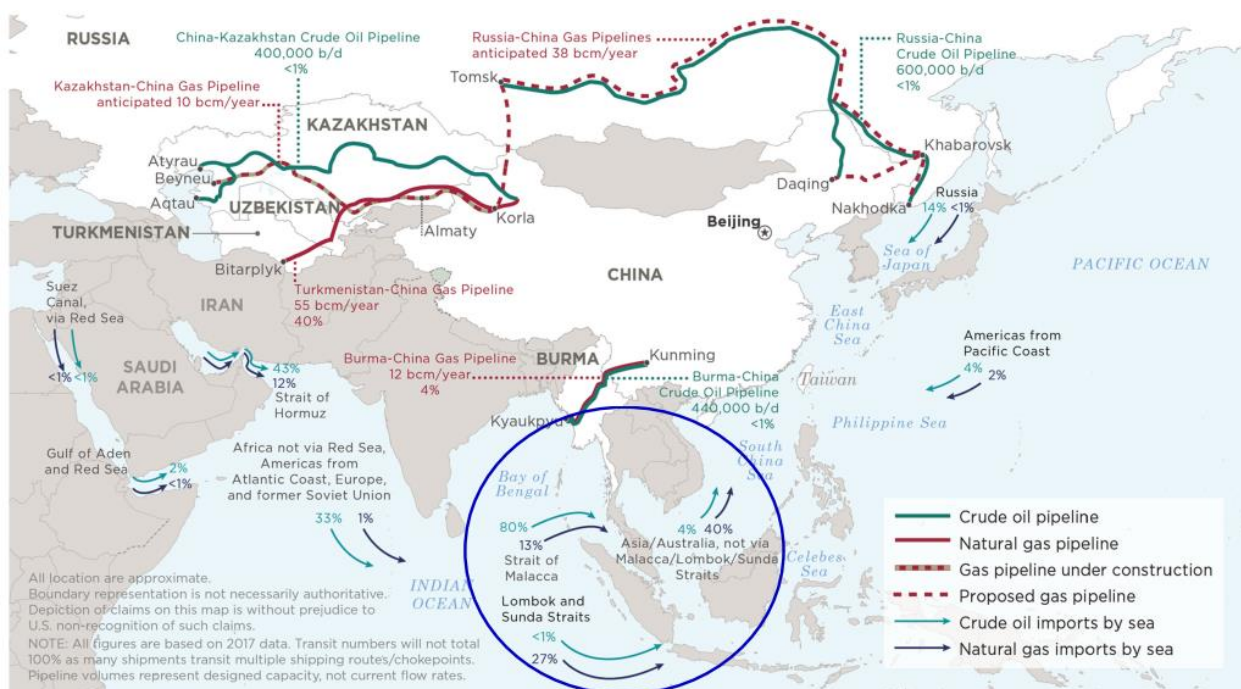
Com a evolução do conceito de segurança e as mudanças internas e externas, a China percebe uma série de ameaças a seus interesses e objetivos da Grande Estratégia. Internamente, Pequim enfrenta instabilidade nas regiões do Tibete e Xinjiang. Os separatistas muçulmanos em Xinjiang também apresentam à China sua mais significativa ameaça terrorista, que surgiu no final dos anos 80. O Movimento Islâmico do Turquestão Oriental é listado como uma organização terrorista pela

China, os Estados Unidos e as Nações Unidas. A região do Tibete também se encaixa no histórico de disputas fronteiriças entre Índia e China (YANG, 2010).

Outra possível área de ameaça é a fronteira com a Coreia do Norte. Se uma guerra acontecer novamente na península coreana, a China vê como alta possibilidade a necessidade de guardar suas fronteiras contra um grande fluxo de refugiado que pode tentar entrar no país ilegalmente. Não só a fronteira com a Coreia do Norte é motivo de preocupação para China, mas também suas fronteiras com a Índia e Rússia, dado seu histórico de conflito sobre áreas disputadas (RINEHART, 2016).

A Crescente dependência de Pequim em fontes de energia importada de fora, direcionou a sua percepção de ameaças para suas rotas e territórios marítimos. A China está preocupada em garantir seu suprimento de energia, mais de metade de sua importação de petróleo não refinado vem do Oriente Médio e passa pelo estreito de Malaca. A ameaça da pirataria nessa área é uma fonte de inquietação para Pequim, assim como possíveis conflitos na região (YANG, 2010). A figura 2 ilustra as rotas de importações de energia da China, destacado dentro do círculo azul o fluxo de transporte pelo Estreito de Malaca.

**Figura 2: Rotas das Importações de Energia da China.**



Fonte: DoD, 2018.

A preocupação com energia e linhas de comunicação marítimas (SLOC) também envolve as reivindicações marítimas da Pequim no Sul do Mar da China (SMC) e no Mar da China Oriental (MCO), aumentando a possibilidade de enfrentamento com diversos dos países vizinhos regionais. Essas disputas incluem: as ilhas Spratly - disputada com a Malásia, Filipinas, Vietnã, Brunei e Indonésia; as Ilhas Paracel - disputada com o Vietnã; Senkaku - disputada com o Japão (YANG, 2010). A figura 3 mostra os territórios reivindicados pela China.

**Figura 3: Reivindicações Territoriais da China**



Fonte: DoD, 2018.

A questão de Taiwan não é apenas uma questão de segurança externa, mas também interna. Isso porque está intimamente relacionada ao nacionalismo chinês. Assim como os territórios marítimos, Taiwan, sempre fez parte do “Império Chinês” e por isso a sociedade chinesa entende essas questões territoriais como ligadas a honra nacional. Se Pequim responder brandamente a essas ameaças, isso pode ser visto como sinal de fraqueza do governo do PCC, pondo em risco a estabilidade doméstica e o governo comunista. Por outro lado, a China precisa controlar suas ações em relação a esses problemas devido a possível interferência dos EUA. Um possível conflito entre China e EUA não é algo que Pequim possa ignorar (YANG, 2010).



Todas essas ameaças variam de extensão e urgência. Algumas podem ser entendidas como desafios estratégicos de longo termo, e que podem levar a um conflito futuro – Taiwan; enquanto outros podem aumentar tensões se não conduzido com cautela. Por isso a China usa uma estratégia de cálculo dissuasório em sua política externa, procurando minimizar os riscos de conflito, mas sem excluir a possibilidade do uso da violência.

### *Cálculo Dissuasório*

Desde sua fundação a RPC tem utilizado, quando necessário, a força militar na defesa de seus interesses nacionais em segurança e integridade territorial. Em tais momentos Pequim tem optado por uma tradição de “cálculo de ameaças e retaliações” ou “cálculo dissuasório”. Primeiramente, o país, usa um conjunto de sinais de ameaças do uso da força militar, com o propósito de deter o adversário antes que este execute ações contrárias aos interesses de Pequim. Quando essa estratégia não funciona, o uso efetivo da força é justificado. Essas declarações de aviso são feitas através de pronunciamentos dos líderes do partido, comentários de tom mais assertivo na mídia e protestos oficiais. A percepção de que seus interesses não estão sendo satisfatoriamente levados em conta, induz Pequim a aumentar o nível de ameaças e sua demonstração de força. A princípio, avisos tácitos são utilizados, mas isso evolui para ações explícitas de potencial uso da força militar como intuito de resguardar os interesses chineses (GODWIN AND MILLER, 2013).

Since its founding in 1949, the People's Republic of China (PRC) has employed military force in defense of China's security and territorial integrity. In many such instances, Beijing implemented a calculus of threat and retaliation signals intended first to deter an adversary from taking actions contrary to Chinese interests by threatening the use of military force and, if deterrence failed, to explain and justify Beijing's resort to military force (GODWIN AND MILLER, 2013).<sup>14</sup>

Godwin and Miller (2013), observam que essa abordagem tradicional tem sido empregada consistentemente, apesar das mudanças internas e externas, a evolução do processo de tomada de

---

<sup>14</sup> Tradução nossa: "Desde a sua fundação em 1949, a República Popular da China empregou força militar em defesa da segurança e integridade territorial da China. Em muitos casos, Pequim implementou um cálculo de sinais de ameaça e retaliação destinados a impedir o adversário de tomar ações contrárias aos interesses chineses, ameaçando o uso de força militar e, se a dissuasão falhou, para explicar e justificar o recurso de Pequim à força militar" (GODWIN AND MILLER, 2013).

decisão e a contínua modernização militar. Esse cálculo dissuasório é uma das ferramenta central do governo de Pequim na sua política externa. Embora o uso desse conjunto de sinais dissuasórios seja aplicado de forma mais sistemática e direta quando Pequim identifica grande ameaça militar exterior a suas áreas de maior sensibilidade, como: Taiwan, Tibet e territórios marítimos.

A estratégia do cálculo dissuasório está de acordo com a doutrina militar chinesa de “defesa ativa”. Essa defesa ativa parte do princípio de preparação para guerra, mas se mantém comprometido com o não primeiro uso da força. Embora o país se comprometa ao não primeiro uso da força, em situação de ataque externo o país está no direito a contra-atacar e eliminar a ameaça a sua segurança (WHITE, 2015). A demonstração constante das capacidades militares chinesas no Sul do Mar da China é um exemplo desse cálculo dissuasório, que busca constranger qualquer tentativa de reivindicação das ilhotas na região pelos países vizinhos, dada a ameaça de um conflito militar com a China.

O uso do cálculo dissuasório para resolver as ameaças aos objetivos e interesses vitais da China é uma parte fundamental da Grande Estratégia do país. Contudo, com a evolução das capacidades militares, faz-se necessário elevar o patamar estratégico do poder militar chinês. Essa abordagem dissuasória abre caminhos para a modernização chinesa, ao identificar os possíveis cenários de conflitos e as áreas que mais necessitam de mudanças, assim melhorando a efetividade do uso de suas forças armadas.

Outro elemento da Grande Estratégia que visa fornecer as condições necessárias a continua reforma e modernização militar do país, ao garantir a manutenção de um ambiente pacífico e primordial ao desenvolvimento econômico chinês é a Política de Desenvolvimento Pacífico (PDP). Essa estratégia será abordada no próximo ponto.

### *Política de Desenvolvimento Pacífico (PDP)*

Buzan (2014), parte da ideia de que a política de desenvolvimento pacífico chinês é a base fundamental da Grande Estratégia do país. Essa concepção está embutida na reforma e abertura da China, e constitui um dos conceitos principais da Grande Estratégia chinesa. Tendo em vista que a China é um grande país que faz fronteiras com 14 outros Estados, surge a necessidade de assegurar aos países vizinhos que a ideia de “ameaça chinesa” não é precisa. O crescente crescimento do país na área econômica e política de influência internacional, assim como, seu aumento de capacidades

militares corrobora essa ideia de ameaça entre os demais Estados. A China para manter seu desenvolvimento econômico e o sonho chinês de rejuvenescimento da nação, necessita de um ambiente internacional estável e pacífico. Por isso, garantir aos demais atores internacionais que a China é um ator responsável faz parte desse comprometimento com uma PDP (BUZAN, 2014).

Quando Zheng Bijian (2005), formulou o termo em 2003, a principal preocupação era acabar com a percepção de “ameaça chinesa”. Mas como coloca Buzan (2014), a política de desenvolvimento pacífico passou a significar mais do que uma mediação das preocupações internacionais. A ideia surgiu bem antes de Zheng, com a proposta de Deng Xiaoping ao abandonar o princípio de “guerra e revolução” para uma abordagem de “paz e desenvolvimento”. Assim, percebe-se que foco da PDP é o desenvolvimento econômico da China, a construção de uma nação forte e a manutenção do poder do PCC. Importante colocar que sem esse contínuo crescimento econômico da China, os projetos de reforma e modernização militar seriam amplamente comprometidos (BUZAN, 2014).

Atualmente, essa concepção de desenvolvimento pacífico ainda está embutida nas políticas do governo Xi Jinping, e a China demonstra intenção de manter essa linha de pensamento, pelo menos até seus objetivos de rejuvenescimento da nação sejam alcançados. Isso pode ser constatado nos Livros Brancos de Defesa (2010; 2013; 2015), onde o caráter pacífico do desenvolvimento chinês constitua a ser destacado. Importante colocar que essa concepção de política de desenvolvimento pacífico não contradiz a ideia de “defesa ativa” da doutrina militar chinesa. Aqui se nota que, a PDP seria um mecanismo para assegurar os objetivos e interesses da Grande Estratégia, buscando manter a estabilidade do sistema internacional como pré-requisito para o contínuo rejuvenescimento da China (WHITE, 2010; 2013; 2015). A ideia de defesa ativa conota uma situação em que se necessário o uso da força para defesa dos interesses vitais da China, as forças armadas do país devem estar preparadas para a ação. Por isso, ambas as concepções explicam a modernização e reformas militares implantadas por Xi Jinping. A política de desenvolvimento pacífico garante o contínuo crescimento econômico, oferecendo assim os recursos necessários a modernização. Enquanto a ideia de defesa ativa orienta em que direção essa modernização e reformas devem manter-se. O próximo capítulo passará a abordar esse assunto mais profundamente.

## **CAPÍTULO 2: REFORMA E MODERNIZAÇÃO MILITAR CHINESA**

Para contribuir com o propósito deste trabalho em entender qual a importância da reforma e modernização militar chinesa em relação aos objetivos de Grande Estratégia do país, se faz necessário, analisar não só as reformas estruturais e de capacidades adquiridas. Deve-se primeiro, entender o que constitui o aparato de segurança e defesa chinês, a importância do Exército de Libertação Popular (ELP) para o Partido, a relevância das relações civil-militar e o papel do ELP na diplomacia chinesa.

Por isso, esse capítulo vai ser dividido em duas seções. Na primeira seção será apresentado a organização do aparato de segurança e defesa chinês e a missão principal designada a cada setor. Logo após, será analisado a dinâmica da relação entre o PCC-ELP e a redução da atuação militar na esfera política. Depois será abordado a relevância da relação civil-militar (sociedade) para o ELP. E fechando a primeira seção, uma análise da importância da diplomacia militar na Grande Estratégia será colocado. A segunda seção deste capítulo, partirá para uma análise das reformas e modernizações implementadas, principalmente no governo Xi Jinping, observando a relevância dessas mudanças na capacidade do ELP garantir os objetivos e interesses vitais da Grande Estratégia da China.

Analisar esses pontos é um processo significativo e complexo, que requer um amplo estudo de matérias sobre o assunto. Algumas questões, no entanto, serão superficialmente abordadas devido a falta de informações concretas sobre o assunto, resultado da pouca transparência do governo chinês sobre temas de sensibilidade nacional, como os assuntos militares. A despeito disso farei uso de estudos e observações feitas por especialistas ao longo de décadas, assim como os poucos documentos e discursos de autoridades chineses disponível ao público.

### *Aparato de Segurança e Defesa Chinês*

Um conjunto de entidades governamentais tem a tarefa de manter a segurança interna e a defesa externa da China. O termo “aparato de segurança e defesa chinês” é usado ao se referir a esse conjunto de entidades de segurança, que inclui: o Ministério de Segurança Pública (MSP); o Ministério de Segurança Estatal (MSE); e as forças armadas, composta pelo Exército Libertação Popular (ELP), a Polícia Armada do Povo (PAP) e a milícia. As forças que compõem esse aparato

de segurança podem assim ser categorizadas como: civis, organizações militares e paramilitares (BLASKO, 2006).

A segurança pública do país está sob a responsabilidade do MSP, assim sendo, operações domésticas de aplicação da lei e ações de repressão contra incidentes que ameacem a segurança pública do país são a principal função do MSP. O MSP pode ser visto como o equivalente a uma Agência Policial Nacional. Os oficiais da MSP têm autoridade de detenção, e geralmente assumem liderança em operações domésticas e de combate ao crime, tendo a PAP sob sua supervisão. A função da PAP inclui: patrulha doméstica, controle de tráfego, investigações, ações anticrime, antiterrorismo<sup>15</sup> e antiterrorismo (BLASKO, 2006).

A principal organização de inteligência e segurança nacional é o MSE, com sede em Pequim. Essa agência pode ser vista como o equivalente a uma combinação das agências americanas da CIA e FBI.<sup>16</sup> Oficialmente, o MSE é responsável por: ações de contraespionagem, prevenção, controle e combate às atividades criminosas ilegais que ponham em perigo a segurança e os interesses do Estado chinês, defesa da segurança do Estado, manutenção da estabilidade social e política, garantia e manutenção do sistema socialista, educar os cidadãos chineses a se manter leais à pátria, conservar os segredos de Estado, a segurança e os interesses do Estado<sup>17</sup> (BLASKO, 2006).

De acordo com a lei (RPC, 1997), o MSE tem autoridade para deter e/ou prender pessoas por crimes que envolvam a segurança do Estado. As novas Leis de Inteligência Nacional de 2017, faz parte dos esforços de Xi Jinping para transformar a prática da segurança nacional na China de acordo com seu “conceito abrangente de segurança”, que inclui: Lei de Contraespionagem (2014), Lei de Segurança Nacional/Estadual (2015), Lei de Contraterrorismo (2015), Lei de Organização Não Governamental Estrangeira (2016) e Lei de Segurança Cibernética (2016).<sup>18</sup> A nova Lei de

---

<sup>15</sup> Tradução nossa: “Em 2001, o MSP emitiu uma ordem para que as grandes cidades estabelecessem uma força antiterrorismo de não menos de 300 pessoas, ou 200 para as capitais das províncias. As unidades antiterrorismo geralmente são equipadas com carros blindados ou transportadores de pessoal blindados e sofisticadas armas de pequeno porte. Essas unidades especiais, frequentemente se vestem de preto, parece e operam como equipes da SWAT nas forças policiais ao redor mundo (BLASKO, 2006, p. 17).

<sup>16</sup> US Department of Justice, p. 4. Disponível em: <<https://www.justice.gov/opa/press-release/file/953321/download>>. Acesso em: 10 jan 2019.

<sup>17</sup> Responsabilidades do MSE tiradas da página online do china.org.cn - “The Organizational Structure of the State Council”. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/kuaixun/64784.htm>>. Acesso em: 10 jan 2019.

<sup>18</sup> CANADA, Government. China’s intelligence law and the country’s future intelligence competitions. 2017. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/security-intelligence-service/corporate/publications/china-and-the-age-of-strategic-rivalry/chinas-intelligence-law-and-the-countrys-future-intelligence-competitions.html>>. Acesso em: 13 jan 2019.

Inteligência, Art. 10 e Art. 11, concede ao MSE poder de deter organizações ou indivíduos estrangeiros que divulguem informações secretas chinesas ou suportem grupos que ameacem a estabilidade doméstica da China (RPC, 2017).

O MSP e o MSE são sistemas civis do aparato de segurança chinês, já as forças militares/armadas são responsáveis por uma diferente cadeia de comando que culmina na Comissão Militar Central (CMC). Entretanto, todas as entidades do aparato de segurança e defesa da China vão responder ao líder supremo do PCC. As forças armadas possuem três componentes básicos, dois dos quais são considerados forças paramilitares: o ELP, a PAP, e a milícia. O ELP é composto por unidades ativas e de reservas, principalmente responsáveis por defender a China contra ameaças externas, enquanto a PAP e a milícia são forças paramilitares responsáveis por manter a ordem doméstica. Embora por definição a PAP e a milícia não façam parte do ELP, as três organizações retêm certo nível de cooperação, mas com diferentes prioridades sendo atribuída para cada força (BLASKO, 2006).

A unidade de reserva do ELP pode dar assistência na manutenção da ordem pública, de acordo com a lei, assim como torna-se unidade ativa em tempos de guerra. E a milícia sob comando de órgãos militares desempenham tarefas de prontidão de combate, com função de luta defensiva e podem auxiliar na preservação da ordem pública. Ao incluir o termo “de acordo com a lei”, implica dizer que o governo civil ou a liderança do PCC pode comandar qualquer segmento do seu aparato de segurança e defesa a atuar em operações de segurança doméstica e externa, em circunstâncias excepcionais. Sendo um exemplo histórico, o uso do ELP na repressão dos protestos na Praça da Paz Celestial em Pequim, em 1989<sup>19</sup> (BLASKO, 2006). A tabela 1 mostra resumidamente a divisão do aparato de segurança e defesa chinês.

---

<sup>19</sup> Os protestos da Praça da Paz Celestial em 1989 (六四事件), foram manifestações pacíficas estudantis a favor da democracia, que se iniciou após a morte de Hu Yaobang. As manifestações provocaram uma divisão de opiniões dentro do PCC sobre como lidar com os protestantes. Em 20 de maio de 1989, o então primeiro-ministro, Li Peng, declarou lei marcial. O movimento foi forçosamente reprimido com o avanço das tropas e tanques militares que dispararam contra os manifestantes. O número de mortes diverge entre as fontes, mas estima-se um total de 400 a até 10.000 mortos e feridos (CALHOUN, 2013).

Tabela 1: Aparato de segurança chinês

Força	Tipo	Missão Primária	Missão Secundária	Cadeia de Comando
MSP	Civil	Aplicação da lei/segurança doméstica		Conselho de Estado (liderança do PCC)
MSE	Civil	Contraespionagem/inteligência	Segurança doméstica	Conselho de Estado (liderança do PCC)
ELP	Militar	Defesa externa	Segurança doméstica	CCM
PAP	Paramilitar	Segurança doméstica	Defesa externa	CCM e Conselho de Estado (liderança do PCC)
Milícia	Paramilitar	Defesa externa	Segurança doméstica	CCM e Conselho de Estado (liderança do PCC)

Fonte: Adaptado de Blasko, 2006

O ELP é composto pelas principais forças militares da China e está sob a autoridade da CMC. Embora seja chamado de Exército de Libertação Popular (中国人民解放军), o ELP consiste em cinco serviços: a Força Terrestre do Exército de Libertação Popular (FTELP), a Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP), a Força Aérea do Exército de Libertação Popular (FAELP), a Força de Foguete do Exército de Libertação Popular (FFELP)<sup>20</sup>, e a Força de Apoio Estratégico do Exército de Libertação Popular (FAEELP)<sup>21</sup>. Além disso, a China usa forças paramilitares como a Guarda Costeira para patrulhar seu território marítimo (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

<sup>20</sup> Também conhecido como o “Segundo Corpo de Artilharia (SCA)”. É uma força tática que controla o arsenal de mísseis balísticos da China. Em 2016, o Presidente Xi Jinping mudou o nome de Segundo Corpo de Artilharia para Força de Foguete do Exército de Libertação Popular (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

<sup>21</sup> Criada em 2015 e também conhecida apenas como “Força de Suporte Estratégico (FSE) ou Força de Apoio Estratégico (FAE). É responsável por operações nos domínios cibernético, espacial e guerra eletrônica (Ibidem).

*Relações Partido Comunista Chinês–Exército de Libertação Popular (PCC-ELP)*

Dado o papel que os militares tiveram em trazer o Partido Comunista ao poder e sua importância como base fundamental desse poder, a principal preocupação do PCC é manter a lealdade do ELP ao Partido e ao líder supremo. Hu Jintao, a quase duas décadas atrás, deixou claro a natureza da relação entre PCC-ELP:

**The PLA is forever at the Chinese Communist Party's command** [...] To follow the CPC's command is the overriding political requirement that the Party and Chinese people have placed on the PLA and is the unshakable and fundamental principle for the PLA (HU apud FISHER, 2008, p. 15, grifo nosso).<sup>22</sup>

Algumas décadas antes, Mao Zedong, fundador da RPC escreveria sobre o assunto, o que muito provavelmente construiu para a base do pensamento que moldou as relações entre PCC-ELP: *“Every Communist must grasp the truth, ‘Political power grows out of the barrel of a gun.’ Our principle is that **the Party commands the gun, and the gun must never be allowed to command the Party**”* (FISHER, 2008, p. 22).<sup>23</sup> Seguindo essa afirmação o jornal *Apple Daily* de Hong Kong, publicou nota que elucidou mais do que o discurso de Mao gostaria de afirmar, mostrando que “as forças armadas que dão poder ao Partido têm o poder de tirá-lo”.<sup>24</sup> Ou seja, enquanto o Partido controlar os militares seu poder político não será ameaçado (FISHER, 2008, grifo nosso).

Kiselycznyk & Saunders (2010) vão analisar a partir de cinco tendências chaves as transformações na interação entre a elite política chinesa e militares durante os anos pós-1989 até a atual década. Levando em consideração as fases onde essas distintas mudanças afetaram o papel dos militares na política chinesa. A escolha do período pós-1989, como recorte analítico, reflete o papel que as intervenções militares tiveram na supressão das manifestações estudantis na Praça da

<sup>22</sup> “O ELP está para sempre sob o comando do Partido Comunista Chinês... Seguir o comando do PCC é a exigência política primordial que o Partido e o povo chinês colocaram sob o EPL e é o princípio inabalável e fundamental para o ELP” (HU apud FISHER, 2008, p. 15).

<sup>23</sup> “Todo comunista deve compreender a verdade, ‘o poder político cresce no cano de uma arma’. Nosso princípio é que o Partido comanda a arma, e a arma nunca deve ser autorizada a comandar o Partido” (FISHER, 2008, p.22).

<sup>24</sup> Tradução nossa: “No entanto, na verdade, é a 'arma que comanda o partido'. Quem controla o direito de comandar o exército é o líder supremo do [PCC].” É essa verdade mais profunda que explica a longevidade do PCC, mas também revela talvez a sua fraqueza mais fundamental: **as forças armadas que dão poder ao partido têm o potencial para tirá-lo**” (Ibidem, p.22, grifo nosso).



Paz Celestial,<sup>25</sup> e como isso afetou a participação do ELP na política chinesa (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

A primeira grande tendência, identificada por Kiselycznyk & Saunders (2010), é uma ênfase crescente dada a especialização profissional dentro do ELP, evidente nos esforços para melhorar as habilidades técnicas e militares dos soldados, com propósito de capacitá-los a operar equipamentos mais sofisticados e realizar operações mais complicadas. Essa especialização profissional, embora necessária em vários aspectos, delimita a área de atuação desses oficiais que não são treinados para agir além do pensamento militar (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010). Isso mostra uma preocupação do Partido em manter os oficiais militares sob certo controle civil, mantendo sua especialidade em assuntos militares e não políticos. Fisher (2008, p. 25) também coloca que a preocupação com a profissionalização das forças armadas, no sentido de compor um corpo de oficiais com níveis mais altos de educação especializada, gerou uma tendência crescente nas promoções por mérito dentro do ELP. O que anteriormente era baseado num sistema de preferências e afinidades (FISHER, 2008).

A segunda tendência refere-se à separação das elites civis e militares pós-Revolução Cultural<sup>26</sup>. Durante o período de revolução, os líderes do movimento serviram nas forças armadas como comandantes ou comissários políticos, enquanto os civis trabalharam em conjunto com os oficiais militares compartilhando experiências. Isso ajudou a formar laços estreitos entre a elite política civil e os militares, permitindo aos líderes civis liberdade de intervenção em questões militares quando se achava necessário, enquanto muitos oficiais militares mantinham posições políticas importantes. Contudo a partir da Terceira Geração de líderes comunistas, a elite política civil e os militares não possuíam experiência substancial fora de sua área de atuação – Deng Xiaoping tendo sido o último líder do Partido com experiência revolucionária direta e, portanto, militar (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

Essa falta de experiência militar pelos líderes civis aumentou a necessidade do Partido e do líder supremo manter controle sobre o ELP, a fim de reafirmar sua posição de liderança dentro do

---

<sup>25</sup> Cf. nota 19 deste capítulo.

<sup>26</sup> Revolução Cultural: período de 1966-1976, foi o movimento político-ideológico iniciado pelo líder do Partido Comunista Chinês, Mao Zedong. Seu objetivo era neutralizar oposições políticas e preservar a “verdadeira” ideologia comunista Maoísta no país. A revolução ajudou a reafirmar a posição de poder de Mao Zedong após os fracassos do plano econômico Grande Salto Adiante (1958-1960), que resultou num período de crise econômica, fome generalizada, caos e morte de pessoas nas regiões pobres. O movimento paralisou a China politicamente e afetou negativamente a economia e a sociedade do país (HISTORY, 2009).

PCC e o reconhecimento como supremo comandante pelo ELP. E mesmo embora alguns oficiais seniores sejam membros do Partido, eles não têm posição política independente, especialmente quando falam fora do seu domínio profissional (FISHER, 2008).

O profissionalismo, identificado como primeira tendência reforça essa bifurcação das elites, pois a carreira individual em ambos os grupos se baseia na especialização profissional para tornar-se bem-sucedido. Os líderes civis na China fazem suas carreiras com base em credenciais educacionais formais, conhecimento técnico, experiência em gerenciamento, conexões políticas e/ou habilidades políticas. As oportunidades de interação entre líderes civis e oficiais militares são relativamente limitadas, até que sejam promovidos a cargos de nível provincial ou nacional. Por outro lado, os oficiais militares são educados quase exclusivamente em instituições militares e passam grande parte de seus primeiros anos de carreiras em uma única região militar (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

A terceira grande tendência é o papel reduzido do ELP nas instituições políticas formais. Isto é evidente a partir de uma análise da representação do ELP nos principais órgãos do Partido Comunista Chinês (PCC), como o Comitê Permanente do Politburo (CPP), o Politburo, o Comitê Central (CC) e o Congresso Nacional do Povo (CNP). Essa mudança pode ser considerada como um indicador da crescente ou decrescente influência militar no decorrer dos anos. Durante a Revolução Cultural o papel dos militares no restabelecimento da ordem foi acompanhado por uma maior representação militar nesses órgãos. No entanto, essa representação tem estado em declínio nas últimas décadas (FISHER, 2008; KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

Embora os acontecimentos de 1989<sup>27</sup> resultou num fortalecimento da aliança entre PCC-ELP, como também influenciou profundamente as direções políticas internas e externas da China, nas últimas duas décadas a participação do ELP na política tem decrescido significativamente. O 14º Congresso do Partido, em outubro de 1992, selecionou um CC com um recorde de 23,3% de oficiais militares. Enquanto que durante os governos Deng e Jiang o papel do ELP nos assuntos do governo aumentou amplamente – incluindo a permissão para oito oficiais superiores do ELP comparecer às reuniões do Politburo como membros não votantes. Esse número de representantes militares em órgãos políticos caiu ligeiramente para 20,5% durante o 17º Congresso do Partido (em 2007). Ainda mais importante é a constante falta de representação militar no Comitê Permanente do Politburo desde 1997 (FISHER, 2008, p.24).

---

<sup>27</sup> Cf. nota 19 deste capítulo.

Outro fator importante na redução do papel dos militares na política deve-se a capacidade dos líderes civis em evitar grande crise política que exija intervenção dos militares, como o que aconteceu durante os movimentos estudantis na Praça da Paz Celestial em 1989. O aumento da eficácia da PAP junto ao rápido crescimento econômico, medidas do governo de supressão as organizações políticas independentes e repressão a protestos civis, ajudou a manter a ordem sem a necessidade de intervenção militar pesada. Isso permitiu aos militares maior foco em suas responsabilidades profissionais, mas provavelmente ajudou a reduzir sua influência política (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010, p.7-8).

O PCC também parece ter desenvolvido um processo de sucessão mais institucionalizado, ainda que informal, que limita a influência militar na escolha da liderança civil do país. Isso é observado no processo de sucessão que levou ao poder os últimos dois líderes do PCC, Hu Jintao e Xi Jinping. É importante ressaltar que o processo preparatório de sucessão oferece oportunidades para o líder supremo interagir de forma mais ampla com os oficiais militares, aumentando sua familiarização com questões militares. Enquanto a eventual presidência da CMC reforça sua imagem como supremo comandante, na qualidade de Secretário Geral do Partido Comunista Chinês. Depois de obter a posição de Presidente do CMC, o líder supremo está em posição de decidir ou influenciar significativamente as promoções e atribuições militares (KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010, p. 9).

A quarta tendência, identificada é a ênfase reduzida em ideologia e educação político ideológica dos militares. Essa quarta tendência é dedutiva e uma consequência lógica da profissionalização. Não obstante, o PCC ainda impõe sua orientação sob todas as áreas importantes da sociedade chinesa, sem permitir qualquer forma de oposição aos princípios difundidos pelo Partido. Um exemplo disso são as campanhas e ações de repressão contra o movimento Falun Gong<sup>28</sup> e discursos sobre a mudança do ELP de um exército do Partido para um exército nacional. Essa redução de ideologia ainda não pode ser comprovada devido ao alto nível de controle do

---

<sup>28</sup> Falun Gong é uma prática espiritual chinesa, criada por Li Hongzhi em 1992, que combina meditação e exercícios qigong (postura corporal, movimentos, respiração e meditação), usado para fins de saúde, espiritualidade e treinamento de artes marciais. É uma prática com ensinamentos Budistas e Taoísta, que reuniu milhares de seguidores de todas as classes sociais, oficiais militares e figuras políticas. A perseguição aos praticantes do Falun Gong começou com campanhas criticando seus ensinamentos em 1996, após o grupo se negar a filiar-se ao Partido Comunista Chinês. Durante o governo de Jiang Zemin em 1999 a perseguição tomou outro tom, com o governo emitindo ordem para erradicar a prática Falun Gong. O governo chinês continua a usar medidas coercitivas como detenção, reeducação ideológica forçada, tortura, trabalho forçado, assassinato e colheita de órgão, segundo organizações internacionais e praticantes do Falun Gong (HUMAN, 2016).

Partido sobre as forças armadas. Mas pode-se deduzir como consequência do profissionalismo e seu foco na especialização de pessoal para lidar com assuntos específicos, que o papel da ideologia na formação dos profissionais militares torna-se secundário, ao contrário do que era visto nas primeiras décadas pós fundação da RPC (CHASE *et al.*, 2015; KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

A última tendência são os aumentos sustentados nos orçamentos militares nos últimos 15 anos. Devido ao rápido crescimento econômico e das receitas do governo chinês os recursos e orçamento direcionados a modernização e reforma militar também cresceram. Alguns sugerem que o aumento nos gastos militares do governo chinês é um meio de “comprar” a lealdade do ELP. Logo que, o papel dos militares na elite política chinesa vem decrescendo o Partido precisa demonstrar seu comprometimento com as forças armadas. Significativamente os gastos militares indica que a liderança civil coloca as forças armadas como prioridade no seu projeto de crescimento nacional. Embora tal motivo não possa ser totalmente descartado, existem várias outras razões para o aumento dos gastos militares, incluindo o comprometimento em estabelecer uma força militar forte e moderna capaz de nivelar o gap entre a China e demais nações desenvolvidas (CHASE *et al.*, 2015; KISELYCZNYK & SAUNDERS, 2010).

Embora o papel dos militares na elite política chinesa tenha reduzido, a atuação de líderes civis dentro das forças armadas tem aumentado. Além do absoluto controle do líder supremo do Partido sobre o ELP, o PCC também mantém um grande aparato de comissários políticos dentro da CMC. Esses comissários estão presentes em vários níveis de comando e alguns alternam entre posições político e militar. E ainda tem o papel de monitorar e assegurar a lealdade das forças ao PCC, como também garantir o bem-estar das tropas (FISHER, 2008).

### *Relação Civil-militar*

Outra esfera afetada pelos eventos de 1989 foi a dinâmica de relação entre sociedade e forças armadas dentro da China. Aqui essa relação será referida como relação civil-militar.

As ações de repressão aos movimentos estudantis da Praça da Paz Celestial deixaram uma sombra negativa sobre a imagem internacional e doméstica do ELP. Para restabelecer os laços favoráveis entre civil-militar e restaurar a reputação do exército, durante as próximas décadas, o ELP vai implementar em sua agenda operações para além da guerra (OPAG), como: assistência a

desastre naturais (ADN), assistência humanitária (AH), apoio a operações de segurança doméstica e infraestrutura, e operações de paz da Organização das Nações Unidas (OP-ONU). Todas essas atuações são destinadas a reconstruir a imagem do ELP perante o povo chinês e a comunidade internacional. Desde que, na perspectiva do ELP, para cumprir sua missão primária de defesa nacional, as forças armadas precisam do apoio do povo chinês (BLASKO, 2006).

Importante ressaltar que apesar dos esforços do ELP em restaurar a imagem de “servir ao povo chinês”, as forças armadas chinesas não são um exército nacional e sim um exército do Partido. Devido a essa “dualidade” de serviços, Blasko (2006) vai comparar o ELP como “um servo a serviço de dois senhores”, o Partido e o povo chinês.

A relação civil-militar está sob a percepção de “apoio mútuo”, ou seja, além do comprometimento do ELP com OPAG voltada para o bem-estar da população, os grupos civis devem fornecer suporte às forças armadas. Na perspectiva da população esse apoio mútuo pode ser visto como ajudar os militares a se reintegrar na sociedade, fornecendo trabalho, moradia e ajuda financeira se necessário, mas também com a assistência a avanços na área de pesquisa e desenvolvimento (P&D). Do lado do ELP, o “amor pelo povo” pode ser demonstrado através do suporte ao crescimento econômico nacional e na participação da construção de projetos de infraestrutura ao redor do país. Nessa área o ELP tem contribuído com engenheiros, máquinas e mão-de-obra para a construção de inúmeros edifícios, rodovias, pontes, aeroportos, portos, oleodutos e ferrovias, e na colocação de quilômetros de cabos de fibra óptica entre áreas remotas. As equipes e instalações médica do ELP, também estão ativamente empenhadas em dar suporte e apoio a população, principalmente nas áreas rurais pobres e distantes das capitais (BLASKO, 2006).

As operações de ADN do ELP em conjunto com o PAP e a milícia é parte indispensável nas respostas de socorro a áreas afetadas por desastres naturais, como inundações, furacões, terremotos e incêndios florestais. Os recursos de mão-de-obra, equipamentos e materiais dedicados a esses esforços variam de ano para ano, mas geralmente abrange um alto número estafe, acompanhadas de veículos, helicópteros, barcos e aeronaves. Como parte da responsabilidade contínua do ELP em atuar nas operações de ADN, foi estabelecido forças específicas e treinamento de emergência ao Programa de Treinamento e Avaliação Militar (BLASKO, 2006).

Muitos, senão a grande maioria, desses projetos também possui aplicações militares em tempos de guerra, e.g. pistas de aterrissagem em rodovias, portos e aeroportos de uso duplo. A

participação militar nessas OPAG tem o duplo benefício de melhorar a imagem do ELP enquanto testa a capacidade da força militar em comando e controle (C2), logística, mobilização e transporte (BLASKO, 2006).

Esforços para uma integração civil-militar (ICM) mais profunda começaram em 2015, ao se tornar prioridade na agenda nacional. Em 2016 foi criado o Departamento de Desenvolvimento de Equipamentos (DDE) sob a CCM, e em 2017 seria formado a Comissão para o Desenvolvimento Integrado Civil-Militar (CDICM), sob a presidência de Xi Jinping. As medidas de fortalecimento das relações civil-militar em P&D está de acordo com o “período de oportunidade estratégica” para a modernização da capacidade das forças armadas, que destaca as áreas de infraestrutura, aquisição de equipamentos, treinamento, logística e mobilização de defesa. Essa integração também permite que o ELP faça uso de tecnologias de uso duplo advindas do setor civil, para atender às necessidades militares (YANG, 2011).

Em reunião de setembro de 2017, o CDICM publicou um conjunto de diretrizes e objetivos, sobre a integração civil-militar no desenvolvimento da indústria de defesa e logística militar. O DDE-CCM desempenha papel de liderança ao estabelecer os mecanismos e normas para o fluxo duplo de bens, serviços e tecnologias entre os setores civil e de defesa. Foi anunciado, também, a criação de um sistema compartilhamento de informações sobre aquisições, um robusto mecanismo de precificação de mercado, um sistema de proteção de propriedade intelectual, um sistema de supervisão de cumprimento de contrato e um sistema de normas para produtos militares e civis (YANG, 2011). Segundo o The Military Balance (2018), o DDE-CCM anunciou planos para mais de 800 projetos em P&D no valor de cerca de 6 bilhões de RMB (US \$ 883 milhões), utilizando o novo sistema de aquisição.

### *Diplomacia Militar*

Atualmente, a República Popular da China, através de sua Grande Estratégia e os esforços de modernização e reforma, vem mostrando aspirações globais para o Exército de Libertação Popular (ELP), com uma maior participação das forças armadas na política externa do país. A China vem dando ênfase à diplomacia militar como um dos meios de moldar seu ambiente de segurança e promover seus objetivos de política externa. Essa diplomacia militar faz parte dos esforços da política externa de Pequim para criar uma “imagem internacional favorável,

desenvolver *soft power*, coletar inteligência e aprender com forças armadas mais avançadas” (ALLEN *et al.*, 2017; HAGT, 2015).

A República Popular da China adere a amplas definições de diplomacia militar (军事外交), que abordam uma variedade de atividades. Em síntese a diplomacia militar pode ser definida como: as atividades diplomáticas, entre países, relativas a assuntos militares e afins, incluindo a troca de pessoal, negociações, controle de armas, ajuda militar, cooperação, inteligência, tecnologia, aliança militar, manutenção da paz internacional, etc. Sendo a diplomacia militar um componente importante das relações externas de um país. Para as forças armadas da China uma diplomacia militar coerente faz parte da necessidade nacional, visto que as relações militares podem servir na construção e planejamento da Grande Estratégia do país, ao identificar ameaças reais e percebidas, e estimular a modernização militar (ALLEN *et al.*, 2017).

O ELP, também, estabelece distinções entre as funções da diplomacia militar em tempos de paz e guerra. Em período de paz, a diplomacia militar se preocupa em manter e desenvolver relações bilaterais, promover a modernização militar e a defesa nacional, além de lidar com questões de segurança internacional, melhorar a influência externa das forças armadas do país e moldar seu ambiente estratégico. Durante guerras, a diplomacia militar serve para fortalecer as alianças e enfraquecer o inimigo, estabelecer cadeias de ajuda militar para o combate, adquirir apoio internacional e fornecer um canal para acabar com a guerra, assim como, resolver problemas do pós-guerra (ALLEN *et al.*, 2017).

Com as reformas estruturais de 2016, a responsabilidade primária de coordenação das relações exteriores do ELP passou a supervisão do Comissão Militar Central (CMC), com a criação do Escritório de Cooperação Militar Internacional. Um ano antes, em 2015, o atual Presidente Xi Jinping formulou vários objetivos para a diplomacia militar chinesa, reforçando os interesses da Grande Estratégia nacional, dando ênfase na proteção da soberania, segurança e desenvolvimento da China (ALLEN *et al.*, 2017). As reformas conduzidas por Xi Jinping serão melhores abordadas no início do próximo capítulo.

É importante colocar que as atividades diplomáticas do ELP devem seguir um roteiro de conversas e informações a serem compartilhadas. Esse roteiro é criado e autorizado pela liderança do Partido, como meio de impedir o vazamento de informações consideradas de grande sensibilidade para o país. Assim, a maioria dos oficiais e interlocutores do ELP não tem poder ou autoridade para negociar ou compartilhar suas visões independentes sobre assuntos militares,

principalmente político. Como resultado isso dificulta a formação de laços fortes com suas contrapartes estrangeiras (HAGT, 2015).

Segundo Allen *et al.* (2017), os objetivos da diplomacia militar chinesa podem ser divididos em categorias estratégicas e operacionais. Em seu âmbito estratégico buscam moldar o ambiente de segurança, reforçam os objetivos da GE chinesa e da diplomacia nacional. Já no âmbito operacional visam melhorar as capacidades do ELP de lutar e vencer guerras; através da coleta de inteligência sobre as capacidades e intenções das forças armadas estrangeiras e sobre as potenciais áreas operacionais, além de aprender novas habilidades táticas e técnicas. A ênfase no aprendizado com outras forças armadas vem sendo ressaltado nos Livros Brancos de Defesa chinês (ALLEN *et al.*, 2017).

Dentre esses quatro objetivos, Allen et al. (2017) divide as atividades as atividades diplomáticas militares em seis categorias, sendo estes: (1) encontro de oficiais; (2) diálogos; (3) exercícios militares; (4) visitas portuárias; (5) intercâmbio funcional; e (6) operações de segurança não tradicionais.

A primeira categoria, os encontros de oficiais, envolve contato com militares de alta patente e ministro da defesa de países parceiros. Esses encontros apoiam os esforços diplomáticos chinês para estabelecer relações positivas com países-alvos.<sup>29</sup> Já os diálogos são realizados para promover compreensão, confiança e a aprendizagem mútua. O estabelecimento de um diálogo bilateral mostra a importância que a China dá as relações de segurança com a outra parte (HAGT, 2015). Exemplos disso são: o diálogo estratégico e econômico entre EUA-China; e o diálogo bilateral anual com a Austrália, Alemanha e França. Enquanto a participação da RPC em diálogos multilaterais, como o Cúpula de Segurança Asiática - Shangri-La, fornece oportunidades para a China moldar a agenda de segurança regional e aumentar seu *status* internacional (ALLEN *et al.*, 2017)

Os exercícios militares com forças armadas estrangeiras trazem oportunidades de aprendizado, benchmarking, coleta de inteligência da capacidade militar estrangeiras, e o estabelecimento de parcerias em capacidades. Alguns dos exercícios militares incluem: a série de exercícios Sino-Paquistanês, e a bienal operações de paz da Organização de Cooperação de Shanghai (OCS) e ações de contraterrorismo (HAGT, 2015). As visitas portuárias por outro lado,

---

<sup>29</sup> Por países-alvos refere-se aos países identificados como de grande importância aos interesses e objetivos da GE chinesa.



envolvem os navios da marinha chinesa visitando portos estrangeiros e navios estrangeiros aportados na China. Essas visitas proporcionam oportunidades para treinos combinados, entendimento mútuo e estabelecimento de relações amigáveis. As ações contra pirataria no Golfo de Aden, que se iniciou em 2008, permitiu novas possibilidades para visitas portuárias na região. E o navio hospitalar da marinha chinesa - *Peace Ark* (和平方舟号医院船) que também faz visitas a vários portos da região (ALLEN *et al.*, 2017)

A quinta categoria, os intercâmbios funcionais, são intercâmbios profissionais (incluindo acadêmicos) entre os militares do ELP e das forças armadas estrangeiras. Esses intercâmbios são formas de desenvolver as habilidades do ELP, melhorar os laços de amizade e fortalecer a cooperação, mas também ajudam a coletar informações. Um exemplo são os intercâmbios entre a Universidade de Defesa de Pequim (NDU)<sup>30</sup> e vários países. A sexta e última categoria, operações de segurança não tradicional, inclui uma variedade de atividades militares de assistência internacional, como as evacuações de civis, operações de paz, AH/ADN, e os esforços antipirataria. Essas operações mostram a China como uma grande potência pacífica e responsável. Exemplos disso incluem as ações antipirataria da marinha chinesa no Golfo de Aden, as contribuições da força aérea chinesa nas buscas do voo MH370 da Malásia em 2014, e o envio de um batalhão de infantaria do ELP para o Sudão em 2014, como parte da operação de paz da ONU (ALLEN *et al.*, 2017; HAGT, 2015). A tabela 2 resume as atividades diplomáticas militares por objetivos e categorias.

---

<sup>30</sup> Sigla em inglês, refere-se a “National Defense University”, localizada em Pequim. Esta universidade é a principal em educação militar na China.

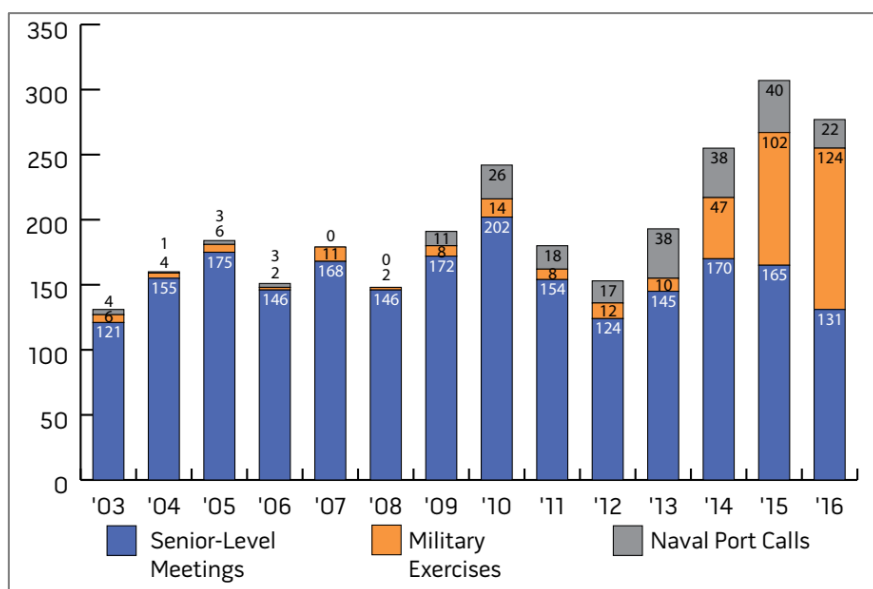
**Tabela 2: Atividades diplomáticas por categorias e objetivos**

	Strategic Goals		Operational Goals	
	Support PRC Diplomacy	Shape Security Environment	Collect Intelligence	Learn New Skills and Benchmarking
<b>Senior-Level Meetings</b>				
Hosted	x	x	x	
Abroad	x	x	x	
<b>Dialogues</b>				
Bilateral	x	x	x	
Multilateral	x	x	x	
<b>Military Exercises</b>				
Bilateral	x	x	x	x
Multilateral	x	x	x	x
<b>Naval Port Calls</b>				
Escort Task Force	x	x	x	x
Non-Escort Task Force	x	x	x	
<b>Functional Exchanges</b>	x		x	x
<b>Nontraditional Security Operations</b>				
HA/DR	x	x	x	x
PKO	x	x	x	x
MOOTW	x	x	x	x

Fonte: Allen *et al.*, 2017

A maioria das atividades diplomáticas do ELP consiste em encontros de oficiais, o que representa 83% da atividade diplomática militar chinesa entre 2003-2016. A RPC considera esses encontros úteis para o fortalecimento das relações bilaterais. Embora a maior parte das atividades da diplomacia militar consista em relações bilaterais, o ELP também vem aumentando sua participação em reuniões multilaterais, como: conferências, exercícios e competições militares. A maior parte desses exercícios bilaterais e multilaterais do ELP, assim como, intercâmbio funcionais e visitas a portos concentram-se em operações de AH/ADN e outras OPAG. Esse envolvimento em cooperação de segurança não tradicional com vários países e organizações parceiras demonstra que um ELP mais forte pode desempenhar um papel positivo na segurança regional e mundial (ALLEN *et al.*, 2017).

Durante o governo do atual Presidente Xi Jinping, como mostra a figura 4, a quantidade de encontro de oficiais vem sendo reduzida, enquanto os exercícios militares e as visitas portuárias demonstram relativo crescimento.

**Figura 4: Total das interações diplomáticas por categoria, 2003-2016**

Fonte: Allen *et al.*, 2017

Segundo Allen *et al.* (2017), as interações mais frequentes da diplomacia militar do ELP são com “a Rússia (4,8%), os Estados Unidos (4,4%), o Paquistão (3,9%), a Tailândia (3%) e a Austrália (2,9%)”. A diplomacia militar do ELP coloca grande ênfase na Ásia, principalmente na periferia chinesa, com um total de 41% das atividades militar diplomáticas, ver tabela 3. Assim, como mostra a tabela 4, o Sudeste Asiático (22%) e o Sul da Ásia (9%) são as regiões com maior prioridade, enquanto o nordeste da Ásia (4,8%) e a Ásia Central (5%) ficam em segundo plano. A frequência das atividades diplomática militar chinesa com determinado país, geralmente está de acordo com a hierarquia prioritária que a GE chinesa atribui aos países e regiões. Com o governo de Xi Jinping, e a constante preocupação chinesa com a presença americana na região periférica da China, através bases e alianças estratégicas dos EUA na Ásia, as interações do ELP com os aliados americanos vem aumentando significativamente, a exceção do Japão (ALLEN *et al.*, 2017).

**Tabela 3: Interação diplomática do ELP por região, 2003-2016**

Geographic Region	Military Exercises	Naval Port Calls	Senior-Level Meetings	Grand Total	% of Total Interactions
Asia	204	105	842	1151	41.3
Europe	51	33	543	627	22.5
Africa	13	22	259	294	10.6
South America	8	12	201	221	7.9
Middle East	10	76	113	199	7.2
North America	27	13	130	170	6.1
Russia	38	4	81	123	4.4

Fonte: Allen *et al.*, 2017

**Tabela 4: Interações diplomática do ELP na Ásia, 2003-2016**

	Military Exercises	Naval Port Calls	Senior-Level Meetings	Grand Total	% of Interactions in Asia
Southeast Asia	91	68	466	625	54.30
South Asia	58	33	160	251	21.81
Central Asia	39	0	102	141	12.25
Northeast Asia	16	4	114	134	11.64

Fonte: Allen *et al.*, 2017

De acordo com Hagt (2015), os exercícios militares com parceiros estrangeiros permitem ao ELP adquirir não só prática e experiência, mas comparar suas capacidades e aprender com as forças armadas estrangeiras. Exemplos incluem a participação da força aérea chinesa na competição multilateral *Aviadarts* (2014), a OP-ONU de 2005, os exercícios sino-russo no Mar Mediterrâneo e no SMC (ALLEN *et al.*, 2017; HAGT, 2015).

Importante ressaltar que devido a subordinação do ELP ao PCC, a diplomacia militar da China deve ser entendida como uma ferramenta usada para promover os objetivos e alcançar os interesses vitais da Grande Estratégia chinesa.

## Reformas e modernização militar

O uso do termo reforma e modernização ao abordar as transformações nas forças armadas chinesa, se dá pelo fato de que, ao mesmo tempo em que o Exército de Libertação Popular está se modernizando outras reformas organizacionais estão sendo implantadas conjuntamente, resultando numa organização com uma estrutura diferente das décadas anteriores.

### *Mudanças Estruturais na Era Xi Jinping*

As primeiras tentativas de introdução de reformas estruturais no ELP datam dos anos iniciais do pós-estabelecimento da República Popular da China (1949). Esse projeto de reestruturação incluía desde grandes mudanças nas principais organizações militares até alterações menos ambiciosas. Isso porque a antiga organização estrutural do ELP, incluía problemas como corrupção, falta de pessoal treinado, falta de uma estrutura conjunta de comando e controle (C2), e barreiras institucionais no processo de pesquisa e desenvolvimento (P&D) da indústria de defesa. Essas primeiras tentativas de reforma, no entanto, alcançaram resultados limitados devido às resistências burocráticas (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

Durante o governo de Deng Xiaoping, como resultado do Terceiro Plenário do 11º Comitê do PCC, em dezembro de 1978, o governo chinês viria a descartar a ideia de “revolução contínua” de Mao e passaria a implementar as “Quatro Modernizações”<sup>31</sup> proposta por Deng. Essa nova estratégia abriria caminhos e possibilidades para maiores reformas nas forças armadas, como as implementadas atualmente (BLASKO, 2006).

Apesar das iniciais tentativas de modernização do ELP, datar do fim da década de 70, esse processo só virá se intensificar no final do século XX. Esse processo de modernização pretende rever a percepção de guerra da China e suas forças armadas. Para Blasko (2006), essa modernização além da aquisição de novos equipamentos é composta por nove elementos:

“...(1) changes in force structure; (2) changes in the personnel system; (3) doctrinal change; (4) improvements in the frequency, content, and methods of military training; (5) transformation of the PLA logistics system; (6) reorganization of the professional military education system; (7) enhancing all soldiers’ standard of living, pay, and life style; (8) reforming the structure and missions of the reserves and militia; and (9) modification to the PLA’s interaction with society” (BLASKO, 2006).<sup>32</sup>

Esses elementos de modernização visam resolver problemas como: corrupção, redução de força, mudanças na organização das unidades de guerra, redução do período de recrutamento para dois anos, preparação para guerra sob condições de novas tecnologias e o uso de operações

---

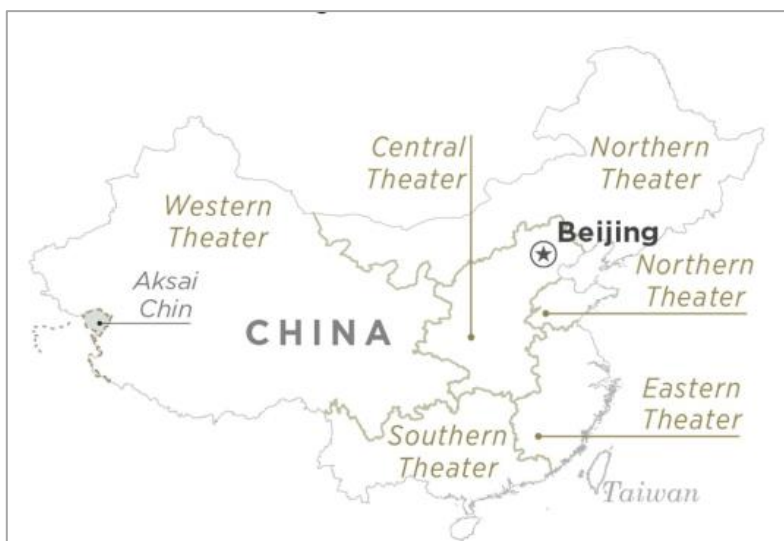
<sup>31</sup> As Quatro Modernizações incluíam setores da agricultura, indústria, tecnologia e defesa nacional.

<sup>32</sup> Tradução nossa: “...(1) mudanças na estrutura da força; (2) mudanças no sistema de pessoal; (3) mudança doutrinária; (4) melhorias na frequência, conteúdo e métodos de treinamento militar; (5) transformação do sistema logístico de PLA; (6) reorganização do sistema profissional de educação militar; (7) melhorar o padrão de vida, o salário e o estilo de vida de todos os soldados; (8) reformar a estrutura e as missões das reservas e da milícia; e (9) modificação da interação do PLA com a sociedade” (BLASKO, 2006).

conjuntas (BLASKO, 2006).

Sob o governo do atual líder supremo Xi Jinping, no final de 2015 e início de 2016, o ELP procurou corrigir esses problemas, promulgando uma série de reformas estruturais importantes, parte de um amplo conjunto de reformas no setor de defesa nacional. Entre as mudanças significativas implementadas por Xi estão: (i) a reestruturação das sete regiões militares (RM) em cinco comandos de operações (CO) ou teatro de operações (TO), alinhados contra ameaças regionais (Figura 5); (ii) a redução do número de soldados em 300.000; (iii) redistribuição de pessoal do exército para a marinha e a aeronáutica; (iv) criação de novos departamentos da CMC e nova sede para a força terrestre; (v) transição de foco da CMC para a “organização, treinamento e equipamento” nas missões, enquanto as operações de condução de operação fica com os CO/TO. Essa reestruturação reflete o desejo de fortalecer as capacidades de operações conjuntas do ELP – em terra, no mar, no ar e nos domínios espacial e cibernético (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

**Figura 5: Teatros de operações do ELP**



Fonte: DoD, 2018

O foco central das reformas é uma nova estrutura conjunta de C2, com ligação com o CMC e os níveis de teatros de operações que coordenarão as respostas da China às crises regionais, e conduzirão os preparativos para as operações de guerra. Outra mudança foi o estabelecimento de uma Força de Apoio Estratégico (FAE) para fornecer apoio de comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, vigilância e reconhecimento (C4ISR) aos comandantes

supervisionando as atividades de guerra eletrônica, espacial e cibernética. Juntamente a uma Força de Apoio Logístico (FAL) que fornecerá apoio logístico às unidades dentro dos teatros de operação (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

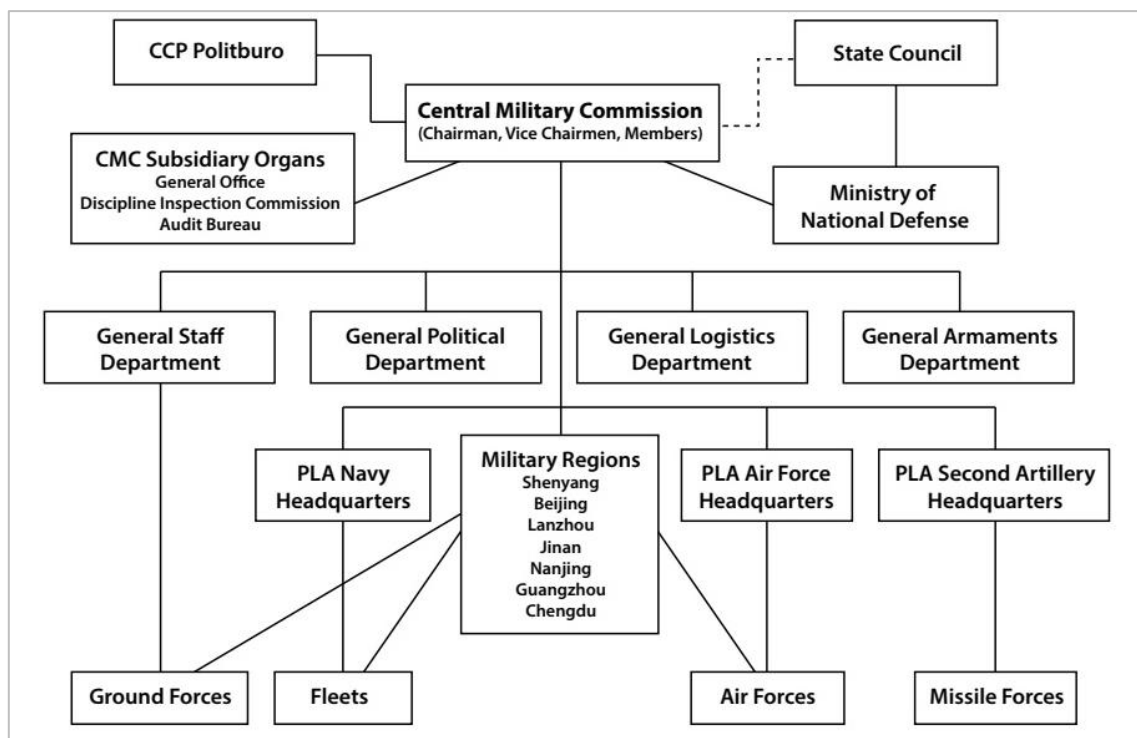
Embora o ELP continue enfrentando uma série de obstáculos na efetividade das operações conjuntas, a criação de um sistema de C2 e outras mudanças de treinamento, logística e desenvolvimento doutrinário pode resultar em uma força de combate capaz de realizar operações conjuntas ao longo do atual espectro de contingência chinês (DIA, 2019).

Os principais obstáculos ao sucesso dessas reformas incluem o domínio da força terrestre sobre as demais forças, rivalidade interserviços, desaceleração do crescimento orçamentário e a falta de experiência em combate para a maioria dos funcionários do ELP (CORDESMAN, 2016). Segundo Wuthnow & Saunders (2017) serão necessários vários anos de exercícios conjuntos e treinamento para que os oficiais e unidades do ELP ganhem experiência suficiente operando no novo sistema. Isso pode vir a impedir a capacidade de a China conduzir grandes operações de combate durante este período de ajustamento (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

Essas transformações da era Xi Jinping indicam que o ELP está superando os obstáculos a caminho de uma força de operações conjuntas mais eficiente. Os indicadores desse processo incluem as novas designações conjuntas destinadas a oficiais de outras forças além da terrestre, expansão e treinamento conjunto e as evidências de que os TOs estão exercendo maior controle operacional sobre as forças de foguete aéreo, navais e convencionais. Sendo também anunciada reformas adicionais nos sistemas de educação militar e na atribuição de títulos de oficiais necessários para a condução eficiente de operações conjuntas num ELP reestruturado (CORDESMAN, 2016).

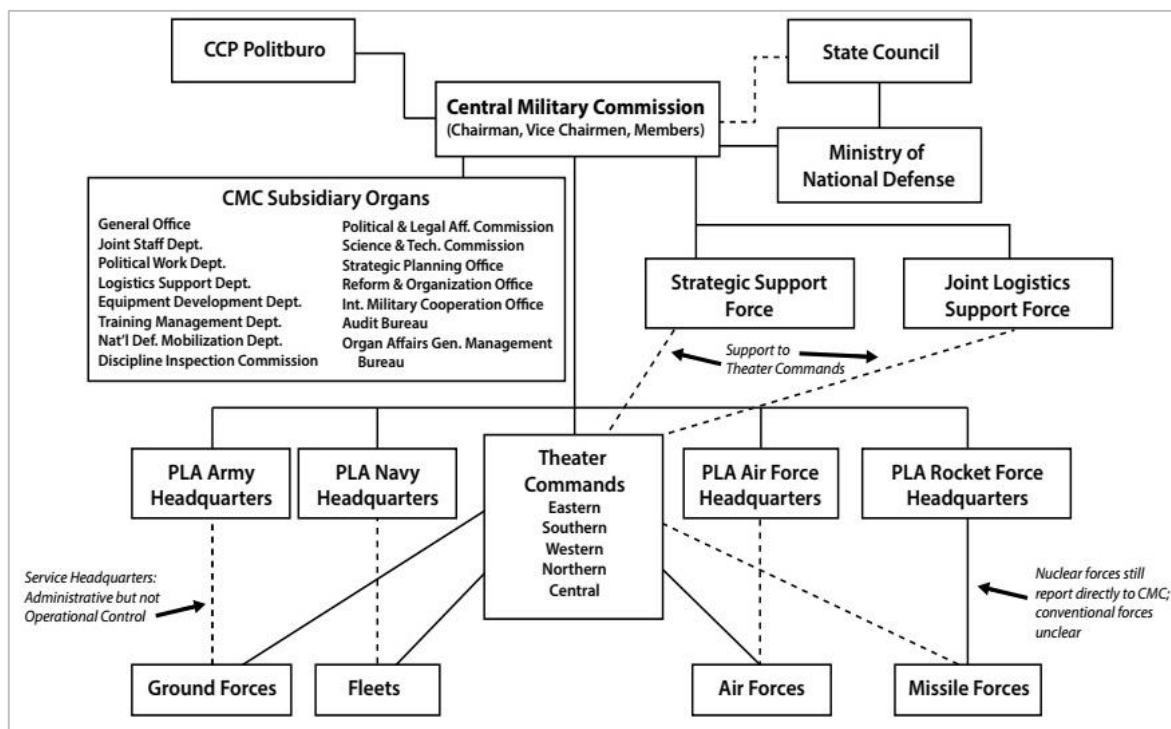
Tais reformas também pretendem aumentar o controle do presidente Xi Jinping sobre o ELP e revigorar a presença do PCC dentro das forças armadas. Isso porque as reformas enfatizam o papel de Xi Jinping na tomada de todas as decisões importantes. Entretanto, Xi Jinping ainda terá que fazer uso dos conselhos de oficiais confiáveis dentro do ELP, sobre assuntos militares, ao executar suas decisões. Isso porque Xi Jinping não tem experiência concreta em assuntos militares (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017). As figuras 6 e 7 mostram a estrutura do ELP pré-reforma e pós-reformas.

Figura 6: Estrutura do ELP pré-reformas



Fonte: Wuthnow & Saunders, 2017

Figura 7: Estrutura do ELP pós-reformas



Fonte: Wuthnow & Saunders 2017.



A competência do presidente Xi Jinping ao promover todas essas reformas demonstra seu maior nível de autoridade sobre o ELP diferente de seus predecessores recentes. Seus esforços conseguiram quebrar com as barreiras institucionais que impediam as tentativas de reformas anteriores. Isso também demonstra a dependência do sucesso das reformas a liderança de Xi Jinping e sua capacidade em manter a supervisão sobre as forças armadas e os oficiais que executarão essas reformas. Se a liderança de Xi Jinping fracassar ou houver uma redução do crescimento da economia chinesa, impedindo que esta continue a fornecer os recursos necessários à modernização militar; o resultado pode ser uma onda de negatividade sobre o governo de Xi Jinping e o controle do PCC sobre os assuntos militares (CODESMAN, 2016; WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

#### *Despesas Militares – Orçamento*

Segundo relatório de 2018 do *Department of Defense* (DoD), a China anunciou no início de 2017, um aumento de 6,5% da inflação ajustada no seu orçamento anual militar para US \$ 154,3 bilhões, aproximadamente 1,3% do PIB. Este orçamento continua com mais de duas décadas de aumentos anuais nos gastos com defesa. Dados de 2008-17 indicam que o orçamento militar oficial da China cresceu uma média de 8% em termos de inflação ajustada, ao longo desse período. Importante colocar que, muitas categorias de gastos com defesa não estão incluídas no orçamento oficial de defesa chinês, como a P&D e aquisições de armas estrangeiras, que entram em outras rubricas (DOD, 2018). Isso mostra que os gastos militares da China em realidade são maiores do que os números oficiais.

O rápido crescimento econômico e das receitas do governo permite a China manter sua posição de segundo país com maior gasto militar do mundo, depois dos Estados Unidos. Para manter a captação de recursos para área de defesa, o governo chinês tem buscado fontes não-governamentais, principalmente insumos corporativos e de mercado, além do fundo de investimento entre empresas estatais e privadas. Nos últimos anos, vários mecanismos de investimentos de uso duplo relacionado a defesa foram estabelecidos, entre eles: o Fundo de Inovação da China (US \$ 22 bilhões) e o Sino-CMI Fundo de Desenvolvimento Industrial (US \$ 4,4 bilhões), ambos conduzidos pela *China Aerospace Investment Holdings*, uma das dez maiores corporações de defesa da China (IISS, 2018).

A estimativa de crescimento orçamentário, de acordo com dados apresentados no relatório anual do DoD de 2018, espera que o orçamento oficial de defesa da China aumente em 6%, com crescimento para US \$ 240 bilhões até 2021. Sendo dividido entre setores de treinamento, operações e modernização. Contudo se o crescimento econômico da China diminuir durante a próxima década, isso poderia acarretar uma redução de gastos com defesa, mas não ao ponto de uma interrupção total (DOD, 2018).

### *Força Terrestre do Exército de Libertação Popular – FTELP*

Em 2017, houve uma ampla reorganização das forças terrestres do Exército de Libertação Popular (中国人民解放军陆军). Com uma redução de 5 dos 18 grupos armados (GA) existentes, enquanto os 13 restantes foram renumerados. Outra medida efetuada foi a reorganização das unidades subordinadas de nível de brigada, divisão e regimento, que foram movidas ou desmanteladas (regimentos e divisões), preservando o uso de brigadas e batalhões. Atualmente cada grupo armado consiste quase que inteiramente de um conjunto de seis brigadas de manobra de “armas combinadas” – artilharia, defesa aérea, força de operação especial, aviação/ataque aéreo, um engenheiro e um químico, e uma brigada de suporte e serviços. O suporte e serviços permite montar uma rede de comando e organizar transporte para o campo de batalha, assim como, o reparo de equipamento para unidades táticas (IISS, 2018). A figura 8 mostra onde estão localizados os 13 grupos armados.

**Figura 8: Principal base terrestre**



Fonte: DoD, 2018

Segundo o *The Military Balance* (IISS, 2018), o Exército de Libertação Popular vem experimentando o uso de unidades de armas combinadas em nível de batalhões nos seus recentes exercícios. Embora o estabelecimento dessas unidades como padrão de organização em tempo de paz seja um afastamento brusco do modelo de estrutura anterior do ELP. As novas brigadas combinadas, aparentemente, consiste em dois batalhões de manobras a menos que as anteriores. Nas brigadas mais pesadas, esses batalhões parecem se assemelhar a um antigo batalhão de infantaria mecanizado, auxiliado por companhia de artilharia e tanques.

A redução no tamanho total da força terrestre é outra consequência das reformas implementadas pelo governo Xi Jinping. Efetivamente, a FTELP passou de cerca de 19 divisões e 76 brigadas em 2016 para cerca de 5 divisões e 81 brigadas no final de 2017. Isso representa cerca de 10% da redução de pessoal. Tal redução foi compensada, em certa medida, pelo emprego de brigadas de operações especiais e aviação/assalto aéreo, permitindo que cada grupo armado, assim como as forças no Tibete e em Xinjiang, seja composto por uma brigada de cada (IISS, 2018).

Segundo relatório do DoD (2018), a FTELP continua a enfatizar em sua modernização, sistemas que atuam como multiplicadores de força para melhorar o poder de combate do exército. Enquanto as transformações no corpo de nível e TO do ELP, busca produzir comunicações mais rápidas, horizontalmente entre as forças e verticalmente para cima da cadeia de comando.

Apesar da grande reforma nas unidades operacionais, a FTELP, conduziu em 2017 duas séries de exercícios: STRIDE 2017, para a nova brigada de armas combinadas; e o FIREPOWER 2017, para a defesa aérea e brigada de artilharia. A coordenação desses exercícios, que incluem uma unidade profissional de força oposta, importantes para treinar os oficiais e soldados, e criar uma FTELP mais conjunta, ficou a encargo de cada TO e da sede em Pequim. Os exercícios da série STRIDE é essencial na coordenação de poder de fogo entre a FTELP e a FAELP (DOD, 2018).

A força terrestre do ELP também continuou a se modernizar em 2017, houve melhorias em todos os níveis de escalão dos GAs: melhorias na defesa aérea, na artilharia, no suporte e serviços, nos engenheiros e nos sistemas de defesa química. Dando ênfase às brigadas e batalhões como os principais escalões operacionais, atribuindo aos seus comandantes, capacidades críticas de proteção de força orgânica, ataque de fogo, reconhecimento e sustentação. A redução de 5 dos 18 GAs e a reestruturação e redistribuição de suas unidades e equipamentos deve resultar numa melhoria e modernização do exército, desde que somente os equipamentos mais avançados serão mantidos e integrados ao restante dos GAs, diminuindo a quantidade de sistemas antigo e desatualizado da era soviética (DOD, 2018).

#### *Marinha do Exército de Libertação Popular – MELP*

A marinha chinesa (中国人民解放军海军), sem dúvida, é um dos focos centrais de modernização do Exército de Libertação Popular. A China que antes se mantinha concentrada em seu poder terrestre, nas últimas décadas vem voltando-se para além de suas fronteiras terrestres. Isso se deve a mudanças na sua percepção de ameaças e do sistema internacional. Os objetivos e interesses vitais apresentados na Grande Estratégia chinesa mostra como essa nova realidade foi

tomando forma, colocando a marinha chinesa como novo protetor dos interesses vitais da GE. A figura 9 apresenta, em mapa, as principais bases navais chinesas e sua disposição de forças.

**Figura 9: Principais bases navais**



Fonte: DoD, 2018.

Entre 2016-2017, a China demonstrou significativos progressos na sua força naval. Os exercícios no Sul do Mar da China e no Mar de Bohai, marcaram o início dos exercícios com disparos reais utilizando o porta-aviões *Liaoning*. Depois de rápido período de construção, a China lança seu primeiro porta-aviões Type 001A construído no estaleiro de Dalian. O novo navio é uma evolução do modelo *Liaoning*, adquirido incompleto da Rússia. Acredita-se que o novo navio tenha um espaço maior no hangar, o que pode permitir uma asa aérea maior, bem como mais espaço no convés e um projeto modificado de superestrutura de ilha. Em meados de 2020 um segundo navio deve estar disponível (IISS, 2018).

A China se move em direção a construção de uma frota de porta-aviões capaz de produzir projeção para além de sua costa, o que permitirá ao país o aumento de sua influência na região e

de suas capacidades expedicionárias. Além de permitir que a marinha opere de forma mais independente no futuro. Para reforçar estes desenvolvimentos, a China lançou seu primeiro cruzador Type 055 com, pelo menos, mais três em construção. Essas embarcações sofisticadas aumentarão a capacidade do MELP em grupo de tarefas e operações independentes de longo alcance. O comissionamento de dois destroieres Type 052D, duas fragatas Type 054A e sete corvetas Type 056A continuaram a consolidar e modernizar as forças de superfície do MELP. Enquanto isso o primeiro dos novos navios de reabastecimento rápido Tipo 901, com 40.000 toneladas, foi comissionado. Esse modelo é o maior navio de reabastecimento usado MELP. Em setembro de 2017, o segundo navio da classe foi lançado (IISS, 2018).

A marinha chinesa também está aumentando suas capacidades de guerra no seu litoral, principalmente no Sul do Mar da China e no Mar da China Oriental, com a produção de corvetas Type 056 JIANGDAO (FFL). As últimas fragatas são variantes de guerra antissubmarino (ASW) com um sonar de arrasto, substituindo as antigas fragatas e combatentes de patrulha armados com mísseis. A China também tem 60 barcos de patrulha de míssil guiado por catamarã Type 022 HOUBEI-class construídos para operações nos mares um pouco além da costa chinesa. A marinha do ELP reconhece que os mísseis de cruzeiro anti-navio (ASCMs) de longo alcance exigem uma robusta e precisa capacidade de direcionamento para realizar todo o seu potencial. Por isso, China está investindo em sistemas de reconhecimento, vigilância, sistema de C3 nos níveis estratégico, operacional e tático, para fornecer informações de direcionamento de alta fidelidade às plataformas de lançamento de superfície e subsuperfície (DOD, 2018).

A modernização da força submarina da China continua sendo uma alta prioridade para MELP. Atualmente estão em operação 4 submarinos de míssil balístico movidos com propulsão nuclear (SSBN), 5 submarinos de ataque com propulsão nuclear (SSN) e 47 submarinos de ataque com propulsão diesel-elétrica (SSK). A China continua aumentando seu estoque de submarinos convencionais avançados capazes de lançar mísseis de cruzeiro anti-navio (ASCM). Ao decorrer dos últimos anos, os estaleiros chineses entregaram 13 SONG-class (SS) Type 039 e 17 YUAN-class (SSP) Type 039A com sistema de propulsão independente de ar (AIP) e propulsão SSK. O uso de AIP oferece a esse modelo a possibilidade de carregar permanecer mais tempo submerso, já que pode ser recarregado debaixo d'água (IISS, 2018; DOD, 2018).

Segundo o *The Military Balance* (2018), o primeiro dos novos submarinos Type 093A de ataque nuclear/mísseis guiados Shang II-class começou a operar na Baía de Yalong, na ilha de

Hainan, no final de 2017. No entanto, a presença observada de todos os quatro Type 094 Jin-class SSBNs aportados na mesma base no início do ano sugere que não estão sendo usados em operação contínua no mar. Embora a produção dos submarinos de Classe Yuan II da classe Type-039B tenha aumentado, a prioridade parece ser a modernização, e não a expansão da força submarina da MELP.

Em agosto de 2017, foi oficialmente inaugurada a primeira base de apoio internacional da China, no Djibuti, marcando um novo estágio nas aspirações e modernização das capacidades da MELP. Com planos de desenvolvimento adicional, incluindo um novo píer para aceitar embarcações de até 40 mil toneladas. Essa nova instalação amplia e assegura a influência da China, assim como, garante a proteção dos interesses chineses na região (DIA, 2019).

#### *Força Aérea do Exército de Libertação Popular – FAELP*

A força aérea chinesa (中国人民解放军空军) ocupa primeiro lugar em capacidades na região asiática e terceiro lugar no mundo. O principal objetivo da China em relação a FAELP é a construção de uma força estratégica capaz de projetar seu poder aéreo em um longo alcance. A FAELP possui um arsenal de mais de 2.700 aeronaves, sem contar os drones, e 2.000 aeronaves de combate – caças, bombardeiros táticos e estratégicos e aeronaves táticas e de ataque multimissão. A contínua modernização da força aérea chinesa está rapidamente diminuindo a lacuna existente com a força aérea dos Estados Unidos, assim reduzindo a vantagem técnica de Washington na região (DOD, 2018).

As reformas estruturais de 2017, teve resultados significativos na reorganização da FAELP. Essas mudanças incluem reestruturação dos antigos regimentos subordinados em brigadas, sob as bases recém-estabelecidas, através da dissolução de divisões de caças e bombardeiros. Outra mudança foi o estabelecimento de, pelo menos, seis novas bases aéreas. A FAELP também relocou algumas unidades para diferentes TOs e reorganizou o 15º Corpo Aéreo (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017). A figura 8 mostra as bases aéreas chinesas.

**Figura 10: Principais bases aéreas**



Fonte: DoD, 2018.

A China continua a adquirir aeronaves de quinta geração, atualmente está produzindo caças mais avançadas e com tecnologias e armas muito mais modernas. Possivelmente, a força aérea chinesa se tornará uma força de quinta geração nos próximos anos, segundo dados do relatório anual do DoD (2018). No final de 2016, a China, importou 24 caças de quarta geração Su-35 da Rússia. Caças de quinta geração também estão em desenvolvimento, incluindo o J-20 e o FC-31. Em 2017, durante comemoração do 90º do ELP, a força aérea realizou publicamente *flybys* de alto perfil com o J-20 de quinta geração em Pequim, e também estreou seus avançados J-16 e J-10C, equipados com as mais recentes armas. A produção e a implantação de veículos aéreos não tripulados (UAVs), conhecido como drones, de reconhecimento e combate desenvolvidos internamente continua em expansão, assim como o caça J-31 que está em desenvolvimento na China (IISS, 2018). A adição dessas aeronaves de quinta geração aumenta ainda mais a capacidade da força aérea realizar missões mais avançadas.

A força de bombardeiros da FAELP é composta de variantes do modelo H-6 BADGER, que a China vem trabalhando para melhorar e manter a eficácia operacional dessas aeronaves. A mais



recente variante do modelo H-6K, que está sendo lançado em maior quantidade pela China, possui sistema de armas isoladas e eficientes motores de *turbofan* em asas redesenhadas. Essa aeronave de longo alcance pode transportar até seis mísseis de cruzeiro de ataque terrestre (LACMs), dando ao ELP capacidade de precisão de longo alcance. A marinha emprega o modelo H-6G com quatro adaptadores de armas (*pylons*) em missões de marítimas. Ademais, a FAELP busca aumentar seu alcance com o desenvolvimento de um bombardeiro reabastecível e de um novo bombardeiro estratégico furtivo (*stealth*). A nova geração de *stealth* H-6 pode ter capacidade nuclear. A modernização de aeronaves com dois mísseis balísticos lançados pelo ar (ALBM), um dos quais pode incluir uma carga nuclear (DOD, 2018).

Para realizar missões de reabastecimento aéreo de seus caças nacionais, a FAELP, usa uma versão modificada do H-6, conhecido como H-6U, junto ao IL-78 MIDAS adquiridos da Ucrânia. O serviço de missões especiais também está integrando aeronaves de alerta antecipado e controle aeronaves (AEW&C) – como o KJ-2000 MAINRING, KJ-200 MOTH e KJ-500 – para detectar, rastrear e mirar ameaças em condições variáveis, em volumes maiores, e em maiores distâncias. Essas aeronaves ajudam a ampliar a rede de sistemas integrados de defesa aérea (IADS) da China (IISS, 2018). A figura 9 mostra o sistema de características das aeronaves chinesas.

Figura 11: Sistema de característica das aeronaves

Chinese Manned Aircraft	U.S. Generation	Mission/Role	Status	AESA Radar	Long-Range A/A Missiles	Off-Bore- sight A/A Missiles	Precision- Guided Munitions	Speed
J-7	2nd	Fighter	Operational					Mach 2 class
J-8	3rd	Fighter	Operational		X			Mach 2 class
Su-30	4th	Multirole Fighter	Operational		X	X	X	Mach 2 class
J-10A	4th	Multirole Fighter	Operational				X	Mach 1.8 class
J-11B	4th	Multirole Fighter	Operational		X	X		Mach 2 class
J-10B	4th+	Multirole Fighter	Operational		X	X	X	Mach 1.8 class
J-10C	4th+	Multirole Fighter		X	X	X	X	Mach 1.8 class
J-16	4th+	Multirole Fighter		X	X	X	X	Mach 2 class
Su-35S	4th+	Multirole Fighter	Buying from Russia		X	X	X	Mach 2 class
J-20	5th	Multirole Fighter	Development	X	X	X	X	Mach 2 class
FC-31/J-31	5th	Multirole Fighter	Development	X	X	X	X	Mach 1.8 class
JH-7	N/A	Fighter-Bomber	Operational				X	Mach 1.7 class
H-6	N/A	Bomber	Operational				X	Subsonic
Tactical Bomber	Next Gen	Fighter-Bomber	Development	X	X		X	
Strategic Bomber	Next Gen	Long-Range Bomber	Development	X			X	
KJ-2000	N/A	AEW&C	Operational	X				Subsonic
KJ-200	N/A	AEW&C	Operational	X				Subsonic
KJ-500	N/A	AEW&C	Operational	X				Subsonic

+ Indicates a generation of aircraft has been partially upgraded with next-generation capabilities.

Fonte: DoD, 2018.

O setor de aviação da China continua avançando com a entrega de seu avião de transporte de grande porte Y-20 doméstico, e o primeiro voo do maior hidroavião do mundo, o AG-600. Esses transportes destinam-se a apoiar o C2 aéreo, logística, paraquedismo, reabastecimento aéreo, operações de reconhecimento estratégico e missões de AH/ADN. Também complementarão e futuramente substituirão a frota de IL-76 (IISS, 2018).

Por último, o setor de defesa aérea de mísseis da FAELP possui um dos maiores e mais avançados sistemas de míssil terra-ar (SAM) de longo alcance do mundo, constituído de uma combinação de modelos russos SA-20 (S-300PMU 1/2) e CSA-9 produzidos internamente. A China tem um acordo com a Rússia para adquirir o sistema S-400/*Triumf* SAM, para agregar aos SA-20 e CSA-9 e melhorar as defesas aéreas estratégicas de longo alcance do país. Nacionalmente,

a China ainda está desenvolvendo seu HQ-19 para aumentar a capacidade de defesa de mísseis balísticos (DOD, 2018).

### *Força de Foguete do Exército de Libertação Popular – FFELP*

Com as reformas de Xi Jinping, a Segunda Força de Artilharia (SFA) foi renomeado Força de Foguete do Exército de Libertação Popular (解放军火箭军) e seu status foi elevado de um ramo independente do exército para um serviço completo, ao lado do exército, marinha e aeronáutica. Sua responsável, no entanto, continua sendo a mesma – o controle do arsenal de mísseis convencionais e arsenal nuclear da China (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

Wuthnow & Saunders (2017) vai colocar que as mudanças na SAF foi “um dos aspectos mais superficiais da reforma”. A elevação de uma agência para serviço não afetou inicialmente sua missão, descrita por Xi Jinping como “uma força central de dissuasão estratégica do país... e uma pedra angular importante na defesa da segurança nacional”<sup>33</sup>. No entanto, as unidades convencionais da FFELP passam a ter relações mais próxima com os novos teatros de operações (WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

A China segue uma política de não-uso-inicial de armas nucleares, desde seu primeiro teste nuclear em 1964. O papel principal de seu arsenal nuclear é a dissuasão estratégica. Embora Pequim entenda essa dissuasão como um conceito amplo, que engloba, tanto as capacidades nucleares, como as convencionais, espaciais e cibernéticas (CHASE *et al*, 2015).

De acordo com o *The Military Balance* (2018), a maioria das brigadas de mísseis permaneça subordinada à mesma base em 2016, várias foram realocadas ou rebaixadas. Por ora o tamanho total da força de foguetes do ELP, parece praticamente inalterado, mas a emissão de, pelo menos, quatro designadores de cobertura de unidade militar (DCUMs) no mesmo nível que as brigadas de mísseis existentes sugere uma possível expansão futura.

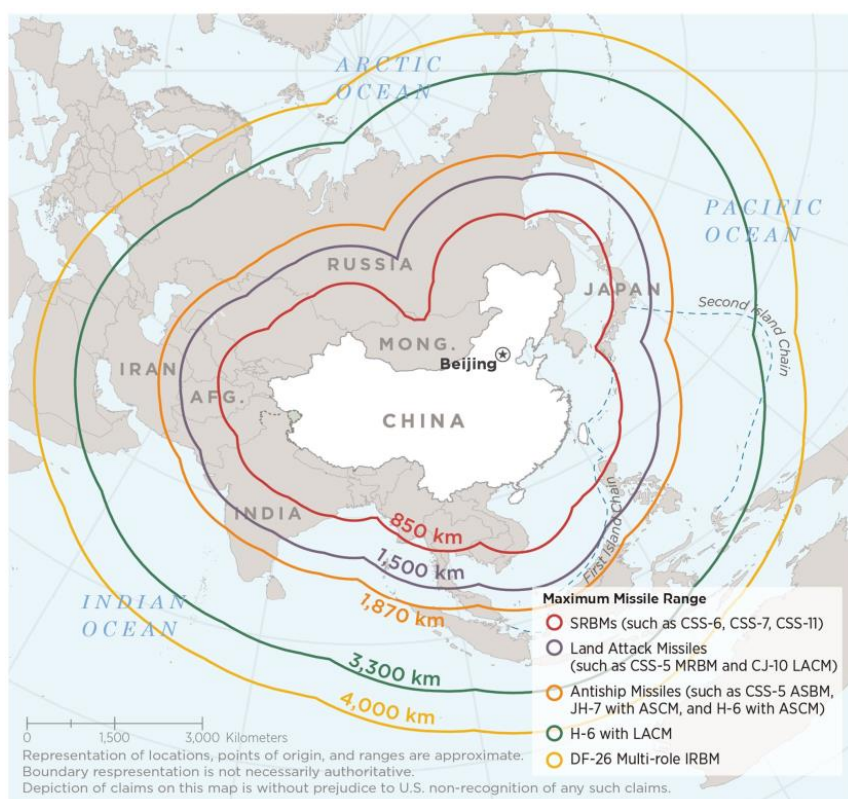
Segundo relatório do DoD (2018), em 2017 houve avanço nos planos de modernização de longo prazo para melhorar a “capacidade de dissuasão estratégica” da força. A FFELP está

---

<sup>33</sup> “Establishment Ceremony Held in Beijing for Army Leading Organ, Rocket Force, Strategic Support Force” [陆军领导机构火箭军战略支援部队成立大会在京举行], Xinhua, January 1, 2016. Disponível em: <[http://news.xinhuanet.com/politics/2016-01/01/c\\_1117646667.htm](http://news.xinhuanet.com/politics/2016-01/01/c_1117646667.htm)>. Acesso em: 15 abr 2019.

desenvolvendo e testando várias variantes de mísseis, assim como, na área de defesa de mísseis balísticos. A força de míssil convencional da China inclui: mísseis balístico de curta alcance (SRBM) CSS-6 (725-850 km), CSS-7 (300-600 km), CSS-11 (+700 km); míssil balístico de médio alcance (MRBM) CSS-5; míssil balístico de alcance intermediário (IRBM) DF-26; míssil de cruzeiro lançado no solo (GLCM) CJ-10. A força convencional de míssil balístico anti-navio (ASBM) CSS-5 Mod 5 fornece ao ELP capacidade para atacar navios, incluindo porta-aviões, no oeste do Oceano Pacífico (DOD, 2018). A figura 10 ilustra a capacidade de ataque convencional da China.

**Figura 12: Capacidade de ataque convencional**



Fonte: DoD, 2018.

Novas versões do míssil balístico DF-16G SRBM/MRBM estão em serviço, esse modelo promete alta precisão, curto tempo de preparação e um estágio terminal manobrável melhorado que pode se infiltrar melhor nos sistemas de defesa antimíssil. A FFELP também continua aprimorando seus mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs) baseados em silos e está adicionando mais sistemas de entrega móvel. O DF-41 (CSS-X-20), os mísseis de reentrada múltipla

independentemente direcionada (MIRV) e o ICBM de estrada-móvel continuam em fase de teste. O CSS-10 Mod 2, com um alcance superior a 11.200 km, pode alcançar a maioria das localidades dentro da área continental dos Estados Unidos. Uma versão recém-modificada do míssil balístico intercontinental DF-31A (ICBM) (CH-SS-10 mod 2), com a designação DF-31A (G), e um novo lançador-transportador foram vistos nos exercícios de 2017. Assim como, o IRBM DF-26, que pode ser usado para realizar ataques de precisão convencionais e nucleares contra alvos terrestres e ataques convencionais contra alvos navais nos oceanos Pacífico Ocidental e Índico e no Mar do Sul da China. (IISS, 2018; DOD, 2018).

#### *Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular – FSEELP*

A Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular (中国人民解放军战略支援部队) foi estabelecida em 2015, como medida para reunir as operações espaciais, cibernéticas e do espectro eletromagnético. A consolidação das capacidades espaciais, cibernética e de guerra eletrônica do ELP na FSEELP permite a colaboração entre os domínios nas “fronteiras estratégicas” (DIA, 2019). Segundo Takahashi (2018), a China está fortalecendo suas capacidades operacionais relacionadas à guerra de informação, combinando capacidade dos três ramos - espaço, ciberespaço e a guerra eletrônica - visando incapacitar as redes adversárias (TAKAHASHI, 2018).

O governo chinês considera a área eletromagnética como um fator potencialmente decisivo durante as operações militares modernas. Por isso, o ELP tem dado importância ao treinamento em condições eletromagnéticas complexas, como preparação para cenários extremos. Desta forma, o país, desenvolvendo equipamentos de interferência que podem ser usados contra uma variedade de alvos, incluindo sistemas de comunicação, radares e o Sistema de Posicionamento Global (SPG). Na área espacial, a China está fortalecendo suas capacidades de comando e apoio, controle e navegação. O governo chinês também está buscando melhorar a capacidade de sobrevivência de seus satélites, com a redução de assinaturas, medidas de proteção eletromagnética e mapeamento dos sistemas espaciais estrangeiros. Ademais, a China continua a desenvolver novas capacidades de apoio ao seu programa espacial, como a criação de dois sistemas de lançamento espacial rápido (CHASE *et al.*, 2015).

Segundo relatório do DoD (2018), o programa espacial chinês continua a amadurecer

rapidamente, com o contínuo investimento do ELP no desenvolvimento de capacidades espaciais ISR, satélites de comunicação, navegação e meteorologia, assim como, voo espacial humano e exploração espacial robótica. A China construiu uma vasta infraestrutura de suporte terrestre como apoio a sua crescente frota espacial em órbita e funções relacionadas, incluindo: espaçonaves, SLV, fabricação, lançamento, C2, e *downlink* de dados. Além disso, a China, está desenvolvendo habilidades de operações anti-espaciais, úteis na sabotagem de operações inimigas, como a negação do uso espacial por adversários em tempos de conflitos (CHASE *et al.*, 2015; DOD, 2018).

A empresa chinesa *Expac Technology Co, Ltd.*, subsidiada a Corporação Aeroespacial e Científica da China (CAECC), em 2017, lançou com sucesso seu primeiro veículo de lançamento de satélite (SLV) comercial Kuaizhou-1 (KZ-1A), entregando três pequenos satélites para a órbita síncrona solar. A mesma empresa está desenvolvendo uma versão maior KZ-11 que deve ser adotado pelo ELP. Também em 2017, a China lançou 18 SLVs, dos quais só 16 foram bem-sucedidos, orbitando um total de cerca de 31 espaçonaves de comunicações, navegação, ISR, e satélites de teste/engenharia. Com o projeto de construção de uma futura estação espacial chinesa, o LM-5 SLV capaz de lançar até 25.000kg em direção à órbita baixa da Terra, terá um papel de grande importância nesse projeto. O lançamento de sua primeira espaçonave de abastecimento Tianzhou-1 (TZ-1), com a missão de abastecer a Tiangong-2, testou as tecnologias necessárias para manutenção e operação a longo prazo de uma futura estação espacial chinesa (DOD, 2018).

Em medidas de anti-acesso espacial, o ELP, está adquirindo um amplo conjunto de mecanismos, como bloqueadores de satélites, armas de energia direcionada, capacidades cinéticas de co-órbita e mísseis antissatélites. Pequim está empregando operações de satélites mais sofisticadas e tecnologias de uso duplo, que podem ser usadas para ações de negação e anti-acesso. Um exemplo disso foi o uso de míssil antissatélite na destruição de um satélite meteorológico em 2007 (CHASE *et al.*, 2015; DOD, 2018).

A China também vem dando ênfase ao domínio cibernético como uma nova arena de competição estratégica e possível conflito. No Livro Branco de Defesa de 2015, a China identifica o ciberespaço como um dos quatro domínios críticos a segurança nacional. O ELP distingue entre operações cibernéticas em tempos de paz e guerra. Em tempos de paz as missões se voltam a “defender o espaço eletromagnético e cibernético”; em situações de guerra, as capacidades podem “ajudar o ELP a reunir informações sobre o inimigo, apoiar no planejamento de operações de combates das tropas do ELP e garantir a vitória no campo de batalha” (CHASE *et al.*, 2015; DOD,

2018).

Devido a crescente importância desses novos domínios na estratégia de defesa nacional da China, a criação da FSEELP pode representar um passo em direção ao desenvolvimento de uma força cibernética eficiente, que combina recursos de reconhecimento, ataque e defesa cibernética sob uma organização (DOD, 2018).

### **CAPÍTULO 3: LIMITES DA MODERNIZAÇÃO MILITAR DA CHINA**

Antes de abordar as limitações da modernização e reforma chinesa, se faz necessário identificar as missões e os possíveis desafios estratégico de segurança que exigiria do ELP empregar suas capacidades. A partir daí torna-se mais evidente até onde o ELP avançou, e em que áreas ainda precisa de esforços para atingir eficiência necessária para garantir os objetivos e interesses da GE chinesa. Por esse motivo, a primeira parte do capítulo vai apresentar as missões e possíveis desafios estratégicos da China. Logo após, será analisado as limitações da modernização chinesa, observando em que áreas as cinco forças ainda precisam avançar.

#### *Missões do ELP*

Sem dúvidas a principal missão do ELP é a preservação do poder do Partido e seu governo “socialista com características chinesas”. No Livro Branco de Defesa da China (2013), os objetivos do ELP são colocados como: “proteção da soberania nacional, segurança nacional, integridade territorial e apoio ao desenvolvimento pacífico da China”. Tais objetivos estão de acordo com os interesses vitais estabelecidos na Grande Estratégia chinesa.

Para Heath (2016), o papel do ELP permanece definido pelas “missões históricas das forças armadas”, anunciadas pelo antigo presidente Hu Jintao, definidas como: “proteger o governo e o Partido, proteger o período de oportunidade estratégica, proteger os interesses nacionais, promover a paz mundial e o desenvolvimento comum”. Em conformidade com isso, Chase *et al.* (2015), identifica um conjunto de missões centrais, que as forças armadas precisam desempenhar para garantir seus objetivos e resistir às ameaças. Tais missões podem ser categorizadas em “missões tradicionais” ou “missões novas”.

As missões tradicionais são aquelas que estão de acordo com o histórico de percepção de ameaças da RPC. Sendo um país que compartilha fronteiras terrestres com 14 outros países, a China, tem amplo antecedente de disputas territoriais, algumas ainda não resolvidas. Além disso, existe ainda o “problema de Taiwan”, as reivindicações marítimas e movimentos separatistas em Xinjiang e Tibete. Acordos bilaterais da OCS também identificam os “três males” ou “três forças” – terrorismo, separatismo e extremismo – como uma crescente preocupação na região. As reformas



executadas por Xi Jinping visam melhorar a capacidade do ELP lidar com esses tipos de ameaças (CHASE *et al.*, 2015).

A despeito das mudanças atuais no ambiente de segurança e nas capacidades do ELP, o foco de preocupação principal da China, e consequentemente do ELP, continua sendo os desafios advindos da sua periferia. Para lidar com essas questões, as missões tradicionais incluem: (1) “resistir possíveis agressões” advindas da Rússia e Índia, assim como países que podem projetar poder e ameaçar os interesses territoriais e marítimos da China, e.g. a atuação dos Estados Unidos na região; (2) “conter forças separatistas”, nas províncias de Xinjiang e do Tibete e impedir os movimentos em direção à independência de Taiwan; (3) “proteger a segurança aérea fronteiriça, costeira e territorial” de ameaças estatais e não-estatais. Essas missões estão em conformidade com os conceitos operacionais do ELP de “defesa ativa” e “vencer guerras locais sob condições informatizadas” (CHASE *et al.*, 2015; JOHNSON *et al.*, 2009). Esse conceito estratégico de defesa ativa estabelecido no Livro Branco de Defesa (2015) é tido como sendo a essência do pensamento estratégico militar, e aderência à postura de que “não atacaremos a menos que sejam atacados, mas certamente contra-atacaremos se atacados”.

Proteger os interesses marítimos territoriais da China no Sul do Mar da China e Mar da China Oriental, assim como conter os avanços de Taiwan rumo à independência, são missões primárias da MELP e FAELP. Os investimentos nessas duas forças visam formar capacidades para um possível conflito. Outros motivos também entram na lista de missões da marinha chinesa, como: assegurar as linhas marítimas de comunicação, rotas comerciais e acesso a recursos naturais (CHASE, *et al.*, 2015; HEATH, 2016).

Segundo Johnson *et al.* (2009), como o controle do arsenal nuclear da China está sob o domínio da Segunda Força de Artilharia, que com as reformas de 2016 passou a se chamar Força de Foguete do ELP, sua responsabilidade primária é impedir ataque nuclear contra a China, ou contra-atacar se algum inimigo do país usar a força nuclear primeiro. A MELP tem a missão de constranger as tentativas de independência de Taiwan, com bloqueios, enquanto a FAELP e a FFELP seriam outros meios de coerção contra Taiwan. No entanto se um conflito com Taiwan estourar, o ELP, usaria as três forças militares em uma campanha conjunta. O FTEL tem a responsabilidade de defender as fronteiras terrestres da China e combater os “três males”. A MELP tem dever de proteger o litoral da China contra invasões e ataques, assim como, defender as

reivindicações marítimas do país. Aqui também a FAELP entra como outro meio de coerção numa campanha conjunta (JOHNSON, *et al.*, 2009; WUTHNOW & SAUNDERS, 2017).

As missões novas estão em concordância com a concepção estratégia da PDP e exige do ELP o “engajamento em OPAG”, e.g. AH/ADN, tanto dentro como fora do território chinês; a “sabotagem e repressão de forças separatistas”, no apoio aos esforços antiterroristas; “realizar provisão de segurança”, tanto internamente como no exterior, através das OP-ONU; a “proteção de navios mercantes” estatais e não-estatais; a “evacuação de cidadãos chineses” em países com riscos significativos de segurança; e o “apoio aos interesses de segurança da China no exterior”, e.g. proteção do comércio marítimo por meio de operações antipirataria (CHASE *et al.*, 2015).

Os Livros Brancos de Defesa<sup>34</sup> ressalta uma série de tarefas estratégicas que incluem: (1) “proteger a segurança e interesses da China em novos domínios”, o que abrange a defesa dos interesses marítimos, espaciais e cibe espaciais; (2) “proteger os interesses da China em outras regiões”, como a preservação de ativos em outros países; (3) “participar de mecanismo de cooperação regional e internacional em segurança, buscando a manutenção da paz mundial”, o que inclui esforços multilaterais de promoção da estabilidade internacional; e (4) “atuação em resgate de emergência, OP-ONU, AH/ADN e apoio ao desenvolvimento nacional e econômico”, o que requer que os militares se preparem para OPAG nacionais e estrangeiras (HEATH, 2016).

As missões do ELP em conformidade com os interesses e objetivos apresentados na Grande Estratégia chinesa. As medidas de reforma e modernização do ELP busca aumentar a capacidade da força militar chinesa executar essas missões, assim como, se preparar para possíveis crises e conflitos. Os desafios estratégicos identificados pelo governo chinês constitui o conjunto de potencial ameaças aos interesses e objetivos da China. Esses desafios, em sua maioria, advêm da periferia chinesa. Como as questões territoriais, marítimas, ameaça terrorista, etc. A próxima subseção vai apresentar os principais desafios estratégicos de segurança da China.

### *Desafios Estratégicos de Segurança*

A expansão do conceito de segurança para uma visão holística resultou numa ampliação na percepção de ameaças e na política de segurança dos Estados. Essa nova visão de segurança não

---

<sup>34</sup> Os três Livros Brancos de Defesa (2010, 2013 e 2015), numa síntese, definem o mesmo conjunto de missões essenciais do ELP.

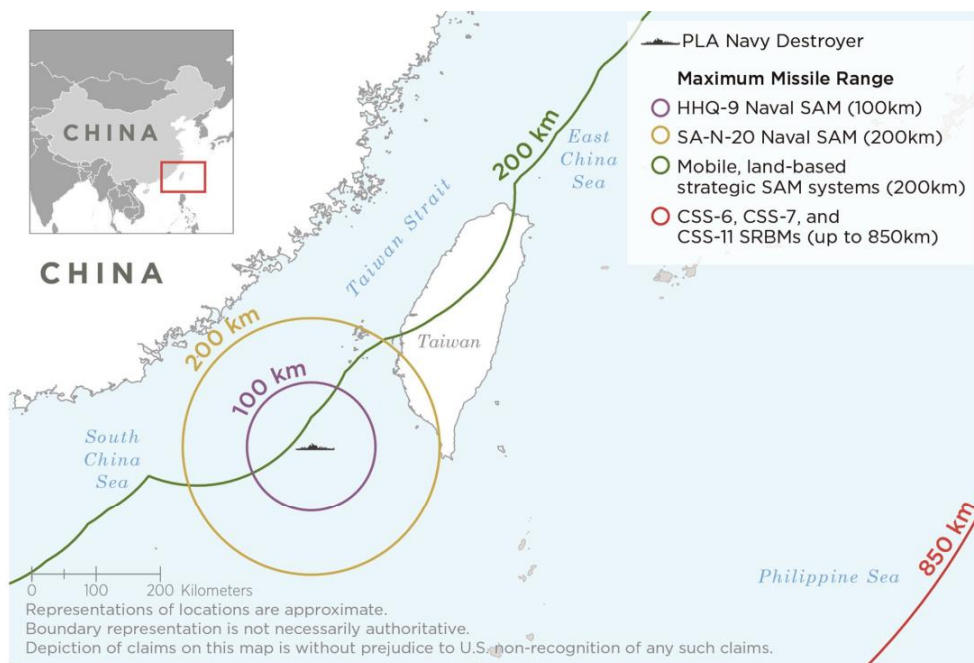
só abrange as tradicionais fontes de ameaças aos Estados, mas passa a incluir ameaças aos cidadãos, empresas, meio ambiente, etc. Atualmente essa visão holística de segurança abrange 11 campos: político, territorial, militar, econômico, cultural, social, científico e tecnológico, informacional, ecológico, financeiro e nuclear (HEATH, 2016).

A estratégia militar chinesa fornece um guia geral para a preparação e emprego do ELP. Essa estratégia consiste em um conjunto de diretrizes que mesclam julgamentos sobre a natureza da guerra e a percepção de ameaças, com os principais conceitos estratégicos formulados pelo partido. A China tem um histórico de disputas territoriais e marítimas de longa data, a presença do Estados Unidos na região também é motivo de preocupação chinesa, assim como, a sua crescente dependência de fontes de energia importada, que acrescenta novos desafios para o país (HEATH, 2016). Neste trabalho será apresentada os principais desafios estratégicos para a segurança da China, identificados na literatura, estes sendo: Taiwan, Xinjiang e Tibete (movimentos separatistas dentro de suas fronteiras terrestres), Coreia do Norte, Sul do Mar da China e Mar da China Oriental, USA.

- I. Taiwan: A questão de Taiwan está intimamente relacionada à segurança externa e estabilidade doméstica da China. Externamente, um confronto militar no Estreito de Taiwan pode acabar em um conflito militar entre a China e os EUA. Internamente, o manejo incorreto da questão de Taiwan poderia se desencadear numa ameaça a legitimidade do poder do partido. Isso porque, tanto Taiwan quanto os territórios reivindicados no Sul do Mar da China (Spratly) e no Mar da China Oriental (Senkaku) são questão de orgulho nacional para o povo chinês (YANG, 2010). A meta final de Pequim é incorporar Taiwan a China sob o princípio de “Uma Grande China”. O ELP constitui o mecanismo principal para que Pequim alcance seus objetivos. Seja pela ameaça do uso da violência ou a demonstração com uso limitado da força, e.g. os exercícios militares no estreito de Taiwan e a constante presença do Liaoning na região perto da costa de Taiwan. Se um conflito acontecer, a força naval chinesa juntamente com a força aérea terá papel de destaque em operação conjunta de ataque. A força de foguete seria a principal força a ser usada em um ataque convencional de mísseis. A figura 13 mostra a cobertura dos mísseis chineses SAM e SRBM no estreito de Taiwan. Deve-se considerar também que num conflito direto com Taiwan, os Estados Unidos podem vir a se envolver aumentando o nível de desafio para a

China. Problemas de logística e distribuição de força e treinamento pode causar dificuldades em vencer um possível conflito (CHASE *et al.*, 2015).

**Figura 13: Estreito de Taiwan e a cobertura dos SAM-SRBM chinês**



Fonte: DoD, 2018.

- II. Xinjiang e Tibete (movimentos separatistas): Essas duas regiões representam outro desafio de segurança para Pequim. Enquanto Pequim é capaz de controlar os movimentos separatistas em ambas as regiões autônomas, as agitações nessas localidades poderiam aprofundar a suspeita chinesa de forças anti-China no exterior e, conseqüentemente, o impacto sobre a política externa chinesa. Os separatistas muçulmanos em Xinjiang também apresentam à China sua mais significativa ameaça terrorista, que surgiu no final dos anos 80. Já o Tibete está em uma região disputada pela China e Índia, acrescentando-se aos demais problemas fronteiriços entre os dois países. Ainda no Tibete, Pequim vê o Dalai Lama como um movimento separatista e insurgente, e ao longo de décadas o governo chinês vem tomando medidas de contenção nessa região. Um dos esforços significantes para melhorar o acesso ao Tibete foi a construção de uma estrada ligando Xinjiang e Tibete, essa estrada é usada como principal rota militar na região. Se um conflito de larga escala ocorrer em ambas as localidades, e a Polícia Armada do Povo e milícia não conseguirem controlar,

o exército seria a principal força militar a ser usado com apoio da força aérea e força de foguete. As figuras 14 e 15 mostram as regiões do Tibete e Xinjiang (YANG, 2010).

**Figura 14: Região do Tibete - Fronteira China e Índia**



Fonte: CIA

**Figura 15: Região de Xianjiang**



Fonte: Google Imagens

- III. Coréia do Norte: O atual medo de Pequim, no que diz respeito a Coréia do Norte, é que se um conflito irromper novamente na península coreana, não só as forças armadas chinesas

terão que se envolver no conflito, mas que o governo norte-coreano venha a ser derrubado. Isso levaria a instabilidade doméstica no país e um grande fluxo migratório de refugiados para dentro da China, o que não seria conveniente dado que o país ainda está a caminho do seu rejuvenescimento. Por isso, Pequim busca mediar as ações de Pyongyang com os demais atores internacionais. Em caso de conflito nessa área o exército seria a principal força a ser utilizada, juntamente com a força aérea e o apoio da PAP e milícia no controle de fronteiras. A figura mostra a fronteira entre a China e a Coréia do Norte (JOHNSON *et al.*, 2015).

**Figura 16: Mapa da fronteira entre China e Coréia do Norte**

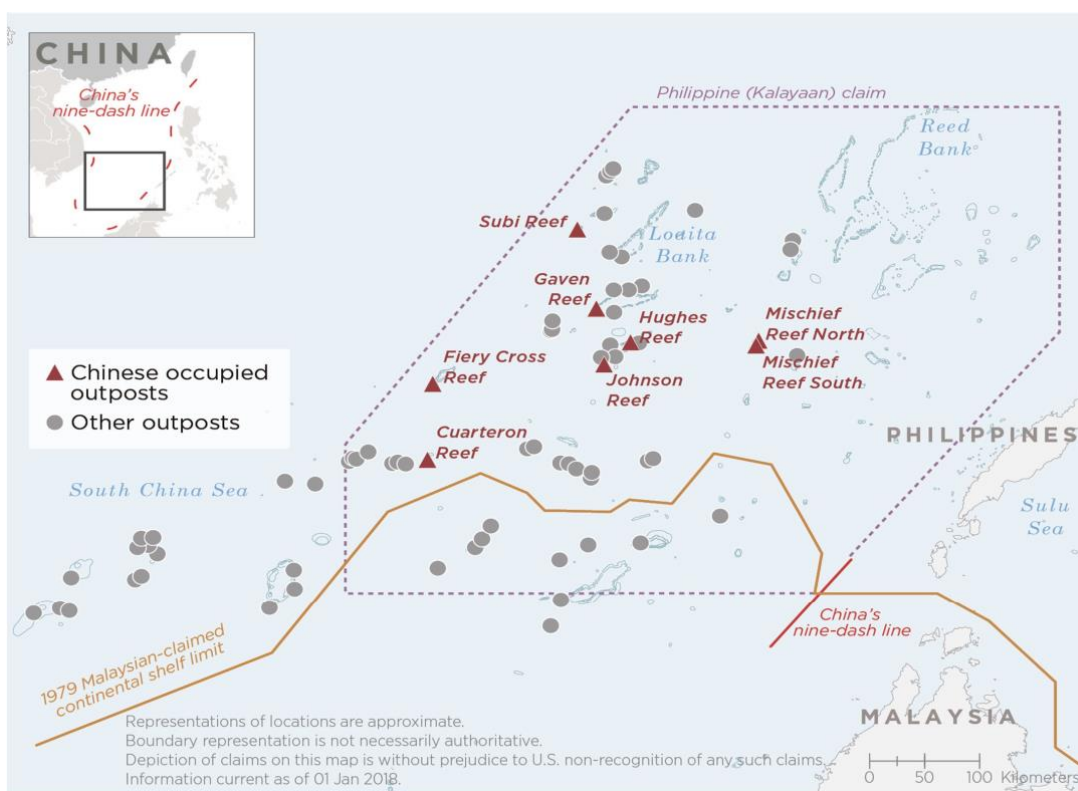


Fonte: <[www.teara.govt.nz](http://www.teara.govt.nz)>.

- IV. Sul do Mar da China e Mar da China Oriental: A China reivindica 90% do Sul do Mar da China, baseado na sua linha das nove raia. A disputa territorial nessa região envolve: Vietnã, Malásia, Brunei, Taiwan, Filipinas e a China. Todos esses países reivindicam um conjunto de ilhas e recifes – Spratly e Paracel. Já no Mar da China Oriental a principal disputa são as ilhas Senkaku/Daioyu. Essas ilhas são disputadas entre China e Japão. Ambas as regiões marítimas possuem grande importância para a China, seja pelo fato de que essa área é rica em recursos naturais ou pelas linhas marítimas de comunicação necessárias ao

grande fluxo comercial chinês. A China vem construindo instalações no Sul do Mar da China para garantir sua soberania, assim como melhor posicionamento de sua frota marítima. No caso de um conflito sobre dominância desses territórios ocorrer, a força naval chinesa será a principal força a ser usada em conjunto com a força aérea e a força de foguete (CHASE et al., 2015). A figura 18 e 19 mostram os postos avançados chinês nas ilhas Spratly e o mapa das ilhas Senkaku.

**Figura 17: Postos avançados chinês nas Ilhas Spratly**



Fonte: DoD, 2018.

Figura 18: Mapa das Ilhas de Senkaku/Daiouyu



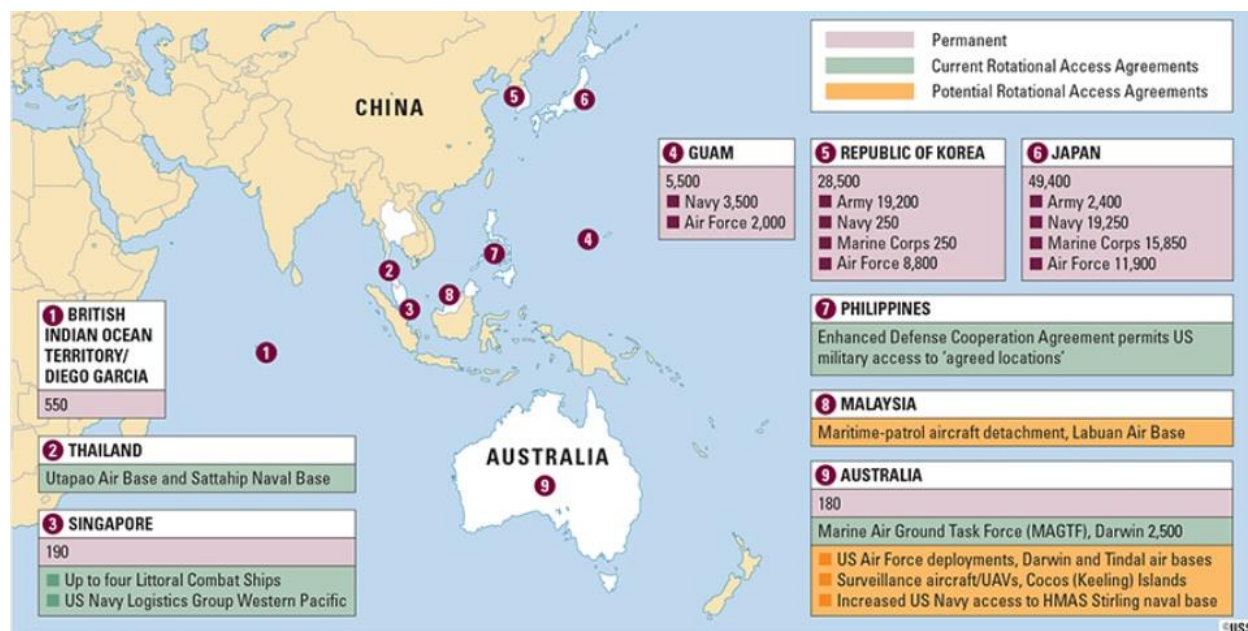
Fonte: Wiki Mapas

- V. Estados Unidos: A presença dos EUA na região periférica da China continua sendo uma fonte de constante preocupação para Pequim, principalmente no que se refere a interferências sobre Taiwan e reivindicações no Sul do Mar da China. Essa possível intervenção estadunidense mantém-se como a maior ameaça de retaliação a realização dos objetivos chineses nessas áreas. Atualmente, o ELP, para dissuadir a intervenção dos EUA, vem desenvolvendo capacidades de acesso/negação de área (A2AD), bem como diplomacia militar e dissuasão estratégica em todos os domínios. Em caso de imediato conflito, a China ainda se veria em desvantagem contra as forças estadunidenses. Isso porque, as forças armadas chinesas continuam enfrentando limitações em áreas como: operações conjuntas, emprego logístico das forças, experiência de pessoal em combate real, e uso efetivo das novas tecnologias adquiridas. Antes de se envolver em conflito com qualquer potência militar mundial, o ELP precisa primeiro obter sucesso em todas as metas de reformas e adquirir capacidade tecnológica que ultrapasse a do seu oponente. Enquanto isso, a solução mais viável para a China é o uso de sua crescente capacidade militar como ferramenta dissuasória, juntamente com os demais mecanismos diplomáticos, deixando que o custo de



um conflito direto seja suficiente para desencorajar tal ação (HARTNETT & VELLUCCI, 2011; HEATH, 2016). A figura 19 demonstra a presença dos Estados Unidos na Ásia.

**Figura 19: Presença dos Estados Unidos na Ásia**



Fonte: IISS, 2015.

Todas essas missões e desafios, sejam tradicionais ou novos, de projeção regional ou internacional, demandam do ELP não só modernização tecnológica, mas efetividade em todas as demais áreas, como: treinamento, organização, desenvolvimento e logística. A próxima seção vai abordar as limitações do ELP, identificadas na literatura sobre o assunto, assim como os avanços feitos em direção a redução dessas limitações, levando em consideração as reformas estruturais de Xi Jinping e as novas aquisições de equipamentos.

## Limitações para a Modernização Militar Chinesa

Sem dúvidas os avanços em modernização e reformas, nos últimos anos, mostram o empenho do governo chinês em solucionar os problemas e limitações de capacidades das forças armadas. Os avanços em diversas áreas constituem significativas melhoras nas habilidades do ELP em preservar

os interesses regionais da GE do país. Entretanto essas melhorias ainda não são suficientes para garantir ao país vantagens sobre outras potências militares modernas. Isso porque, ainda existe limitações e deficiências que impedem o avanço das habilidades do ELP conduzir operações conjuntas e lutar guerras locais sob condições informatizadas. Essas mesmas limitações continuam a ser um empecilho para a projeção militar chinesa para além de sua região (RINEHART, 2016).

Ao endereçar tais problemas, ainda persistentes nas forças armadas do país, Chase *et al.* (2017) vai fazer uso as duas percepções de “duas incompatibilidades” e “duas lacunas”, formulada por Hu Jintao. Essas percepções buscam identificar o problema, sua origem e direcionar soluções. De acordo com essas percepções, os problemas enfrentados pelo ELP se encontram no: (i) no nível da modernização, que as forças armadas precisam adquirir para lutar e “vencer guerras locais sob condições informatizadas” – tipo de conflito em que a China provavelmente se envolva no futuro; e (ii) no nível de capacidades militares para executar e completar suas “novas missões históricas”. Dentro desse espectro, um conjunto de problema são identificados nas áreas de treinamento, organização, desenvolvimento e logística (CHASE *et al.*, 2015).

A insuficiência de habilidades de luta em guerras ou experiência do ELP, especialmente contra oponentes informatizados modernos, assim como, as tradições antigas de treinamento, ainda empregadas, sem mecanismo de autoavaliação e melhoria. Assim como, a falta de pessoal qualificado e pouco suporte logístico compromete a efetividade do ELP lutar e vencer guerras informatizadas ou cumprir com suas novas missões históricas. Existe ainda gaps entre o ELP e as forças armadas modernas do mundo, e o entre a organização e o comando das forças armadas chinesa em direção a efetivas operações conjuntas. Para resolver esses problemas o ELP enfatiza o desenvolvimento científico, profundas reformas em treinamento e aceleração da modernização. O governo chinês também observa a necessidade de manter vigilância pesada na supervisão da implementação dos esforços das reformas (CHASE *et al.*, 2015; RINEHART, 2016).

O ELP enfrenta limitações em projeção de poder para além da periferia da China, apesar dos frequentes esforços para superar esse problema. A crescente ambição chinesa em projetar poder para além de sua periferia aumenta a necessidade do país resolver seus problemas de C2, ISR cobertura e direcionamento, logística e seu limitado arsenal de armas de longo alcance. Esses mesmos problemas podem comprometer a eficiência de operações contra Taiwan (CHASE *et al.*, 2015; RINEHART, 2016). Abaixo apresentarei as limitações das cinco forças, assim como, os

avanços que a China vem fazendo para contornar esses problemas e aumentar sua efetividade ao enfrentar seus principais desafios de segurança regionais.

### *Força Terrestre do Exército de Libertação Popular – FTELP*

A força terrestre chinesa, ou seja, seu exército tem o papel principal de garantir a defesa nacional da China, dentro de suas fronteiras terrestres. Muito embora seu exército seja o maior do mundo, a China enfrenta significativas limitações que podem levar ineficiência em situações de combate real.

O problema operacional e tático para efetuação de operações conjuntas é identificado como a principal limitação enfrentada pela China ao tentar projetar poder de combate para fora de suas fronteiras terrestres. Enquanto vários outros obstáculos contribuem para a fraca capacidade do ELP coordenar missões conjuntas. Chase *et al.* (2015) identifica esses problemas a partir da percepção de duas incompatibilidades/duas lacunas.

A qualidade e o número limitado de militares treinado e experiente em todas as forças do ELP, que em sua quase totalidade, não tem experiência de combate real e pouca profissionalização para operar os novos equipamentos, pode gerar péssima execução de serviços e negligência. Assim como, a falta de pessoal treinado para fazer reparos de emergência pode vir a resultar em ineficiências em tempos de guerra (CHASE *et al.*, 2015). Embora a China tenha se envolvido em disputas com a Rússia, Índia, Vietnã e Coreia do Norte, por questões de integridade territorial e segurança, o uso da força militar nesses conflitos foram limitadas e de curta duração. Sendo seu último conflito de maior escala em 1949. Isso ilustra como o atual pessoal militar carece de experiências de combate, principalmente sob as novas condições de guerra moderna (GODWIN & MILLER, 2013).

Outro problema identificado é a insuficiente habilidade de liderança/comando dos oficiais, em combate e em guerras modernas. Isso pode ser consequência da chamada mentalidade pacífica que prevalece na China há 50 anos, desde seu último envolvimento em uma guerra. Há problemas, também, na adaptação às rápidas mudanças ocorrendo dentro do ELP. Existe um gap entre as gerações dentro do ELP, que aumenta o problema da falta de experiência. A política do filho único adotada na China e a crescente economia também pode influenciar no número de novos alistamentos para as forças armadas. Por isso uma das reformas de Xi Jinping visa melhorar as

condições salariais dos militares, demonstrando que uma carreira militar pode oferecer vantagens (CHASE *et al.*, 2015).

Na área de treinamento para a eficiência de combate ainda persiste apesar dos anos de esforços para tornar o treinamento mais realista e mais eficiente em termos de lidar com as deficiências e melhorar as capacidades operacionais do ELP. Apesar dos avanços em ISR e comunicações nos últimos anos, o ELP, ainda tem um longo caminho a percorrer para melhorar seu nível de informatização o suficiente para atingir seus objetivos mais amplos. Desafios em suporte logístico e capacidade de manutenção, com poucas forças de suporte móvel, insuficiente equipamento logístico informatizado e profissionais que sejam capazes de operar os novos equipamentos. Assim como, o baixo nível de integração em IT, que resulta num gap entre requerimento e performance, problemas em design e efetividade, integração de sistemas entre as forças, e acesso a informações operacionais. São outros problemas que a ELP enfrenta em sua força terrestre (CHASE *et al.*, 2015).

Sendo o maior exército na região, a FTELP está capacitada a enfrentar potenciais invasões ao território chinês. Mesmo com as limitações apresentadas, que podem levar a ineficiência em algumas operações de combate, como as operações conjuntas, essas limitações constituem baixa ameaça a capacidade do exército vencer guerras dentro do seu território. As missões para além da periferia, no entanto, pode colocar a prova o fraco sistema logístico da FTELP, o que pode constituir risco ao sucesso das missões. Campanhas para além de suas fronteiras terrestre, e em direção às reivindicações marítimas chineses e Taiwan, também pode ser afetada pela falta de sistema logístico capacitado (CHASE *et al.*, 2015).

#### *Marinha do Exército de Libertação Popular – MELP*

A China manteve uma vantagem quantitativa sobre seus vizinhos imediatos em navios de superfície desde 2000, e atualmente possui vantagem numérica de navios sobre os Estados Unidos na região (328 e 280 respectivamente). Atualmente a marinha chinesa é uma das mais bem equipada na região. Mesmo com os progressos nos últimos anos, a força marítima da China, assim como, as demais frotas, enfrentam limitações em determinadas áreas, principalmente de logística

de capacidade de conduzir operações conjuntas e projeção marítima para além de sua costa (RINEHART, 2016; ROSS, 2018)

A MELP vem construindo com relativo sucesso uma frota cada vez mais moderna ao longo da última década, capaz de conduzir missões cada vez mais distante da costa chinesa. Os novos combatentes e submarinos da MELP apresentem capacidades comparáveis às de uma marinha moderna mundial. Entretanto, eles apresentam desafios que devem ser resolvidos para uma implantação efetiva. O principal desses desafios está relacionado à integração de armas modernas e plataformas de equipamentos cada vez mais complexos. De igual importância está o melhoramento do treinamento de pessoal da marinha, que não está totalmente preparado para manter e operar os equipamentos mais avançados. Outros desafios incluem a necessidade de maior domínio nas capacidades de guerra antissubmarino (ASW) e operações anfíbias (CHASE *et al.*, 2015).

O apoio logístico continua a ser um obstáculo fundamental que impede a MELP operar, de forma mais ampla, para além de suas águas costeiras. Isso se torna uma preocupação para a China, ao tentar proteger interesses críticos, como os SLOCs. As atividades da marinha chinesa no Golfo de Aden, e a atual base em Djibuti são iniciativas para garantir suporte as ações de contra pirataria da MELP, e também como forma de projeção de poder. Apesar disso a China ainda precisa melhorar suas capacidades marítimas para além das suas águas costeiras. E as limitações logísticas influencia grandemente na aplicação de medidas nessa direção. Em situações de conflito em águas para além da costa da China, as limitações em logística podem resultar em ineficiência de suporte a operações, chegando a afetar a probabilidade de vitória em cenário de guerra contras forças mais avançadas (CHASE *et al.*, 2015).

As limitações em ASW também estão sendo reduzidas com as novas atividades chinesas de implementação expedicionárias, como as citadas acima. A falta de treinamento de tripulação, incluindo em tecnologia, manutenção, armamentos e prontidão de combate em longas distancias, são outros problemas enfrentados pela MELP. A maioria de sua frota não tem conhecimento suficiente para operar e manter adequadamente os modernos equipamentos e sistemas de armas a bordo dos novos e mais avançados navios da MELP. Isso se deve a falta de treinamento de combate no mar em condições realistas (CHASE *et al.*, 2015).

A marinha chinesa fez alguns avanços em questões como combate e treinamento técnico e defesa aérea, mas parece estar apenas começando a abordar o ASW e o apoio logístico. O MELP

está procurando potencialmente construir maiores capacidades expedicionárias, e.g. base em Djibuti. Outra medida para diminuir as limitações da frota do MELP, são a implementação de uma rede de vigilância oceânica acústica para fortalecer sua capacidade antissubmarino. Os combatentes da MELP têm passado por um treinamento de “prontidão em combate em mares distantes”, que às vezes inclui treinamento em ASW, com mais frequência do que no passado. A MELP está levando a sério o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, com a realização de “competição de habilidades” (CHASE *et al.*, 2015)

### *Força Aérea do Exército de Libertação Popular – FAELP*

As capacidades de combate no ar do ELP estão concentradas principalmente na FAELP. Originalmente, a FAELP foi criada com o intuito de servir como uma força defensiva, responsável pela defesa aérea e pelo apoio das forças terrestres (KAMPHAUSEN & SCOBELL, 2007). Atualmente a força aérea chinesa já está em primeiro lugar em questão de capacidades na região. A China possui por volta de 2.700 aeronaves, entre caças, bombardeiros, aeronaves táticas, sem contar os drones (IISS, 2018; DOD, 2018).

Comparando com limitações identificadas até início de 2015, a FAELP fez mais progressos em direção a se tornar uma força moderna do que as demais. O gap entre força aérea chinesa e estadunidense vem diminuindo demonstrando o potencial da FAELP. Embora em capacidades de equipamentos a FAELP não esteja atrasada, ainda existe problemas operacionais que devem ser resolvidos para aumentar a eficiência da força aérea em situações de combate (RINEHART, 2016).

Esses problemas podem ser identificados como: logística, que prejudica as operações conjuntas e o apoio a outras forças; qualidade do treinamento das tropas FAELP, que falha em preparar seus pilotos para situações de combate real; oficiais sem experiência em operar os novos equipamentos; a mentalidade pacífica, que deixou o ELP despreparado para conflitos ao efetuar treinamentos irrealistas prejudicando a capacidades de combate do EPL no domínio aéreo; fraquezas de "software" que poderiam restringir a capacidade da China de empregar efetivamente seus recursos de domínio aéreo (CHASE *et al.*, 2015).

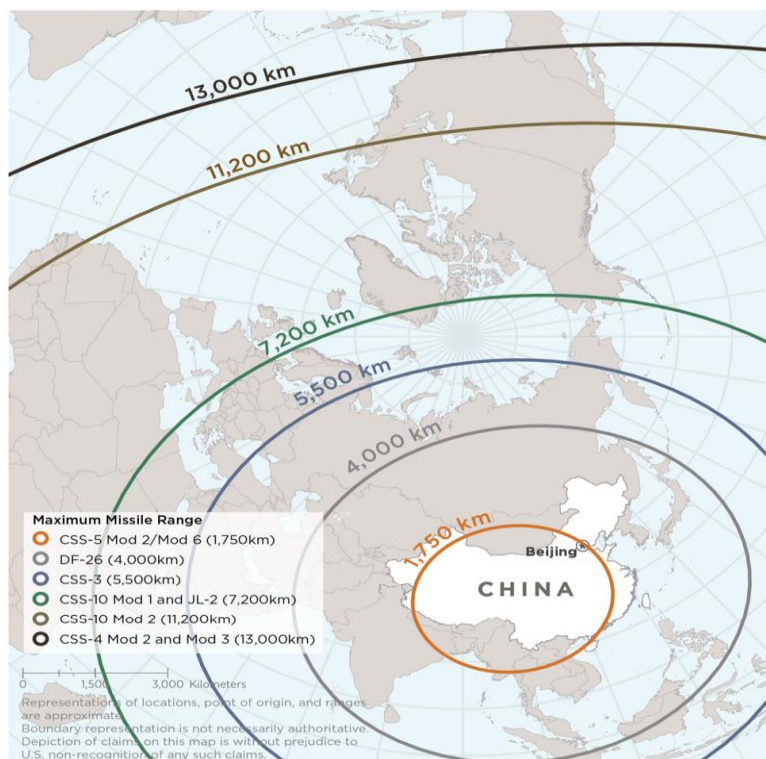
O governo de Xi Jinping vem buscando solucionar esses problemas ao melhorar seus exercícios simulados conjuntos.

### *Força de Foguete do Exército de Libertação Popular – FFELP*

Sendo a força responsável pelo arsenal de mísseis convencionais e nuclear, a FFELP é a principal ferramenta de coerção da China. Essa força enfrenta problemas na condução de operações conjuntas, coordenação e compartilhamento de informações. Isso porque a FFELP enfatiza suas funções mais do que o suporte em operações conjuntas. Existe também uma incompatibilidade entre as necessidades da força e a qualidade dos treinamentos efetuados nas academias, embora esforços sugiram tentativas de solucionar esse problema ao fazer os treinamentos mais desafiadores e similar às condições de guerra (CHASE *et al.*, 2015).

O sistema de armas da FFELP aparentemente fez grande avanços em desenvolvimento e implementação de armas e equipamentos modernos. Mas isso enfrenta o problema do pouco pessoal capacitado a operar esses avançados sistemas. E mesmo com o grande número de mísseis convencionais, a força de foguete pode não ter armas suficiente para campanhas contra adversários tecnologicamente avançados (CHASE *et al.*, 2015). Entretanto, em 2017, o presidente Xi Jinping fez significativos planos para aumentar sua capacidade de dissuasão estratégica ao continuar a melhorar seu arsenal de ICBM avançados, tendo o CSS-10 Mod-2 alcance de mais de 11,200km, podendo atingir a maioria das localidades dentro do continente norte-americano. Pequim também parece estar considerando adquirir outras opções de lançamento, incluindo móvel e silo baseando. (IISS, 2018). A figura 11 demonstra o atual alcance dos mísseis chineses.

**Figura 20: Alcance máximo dos mísseis chineses**



Fonte: DoD, 2018

Na área de logística, a FFELP ainda precisa construir uma “abrangente rede logística”. A força continua operando a um nível mais baixo do que desejado, por causa do limitado grau de informações e porque o foco da força permanece em transporte e armazenamento. Limitações adicionais incluem: um sistema disperso, com múltiplos níveis de decisões envolvidos e uma subdivisão inútil de especialidades; falta de uma agência dedicada a logística de emergência; baixa eficiência logística e baixa eficiência na utilização dos depósitos; falta de profissional especializado; e exercícios abrangentes para emergência (CHASE *et al.*, 2015).

O fraco sistema logístico pode afetar a efetividade da FFELP em campanhas contra Taiwan, e territórios para além de sua periferia imediata, desde que envolveria seu arsenal de mísseis convencionais que requer operações conjuntas, tipo de operação que o ELP ainda enfrenta grandes problemas para garantir efetividade. Para contornar essas limitações, o ELP vem investindo no melhoramento das capacidades de seus mísseis convencionais, com a adição de IRBM capaz de atingir alvos para além de Guam. As novas aquisições, feitas nos últimos anos, vem ampliando a capacidade de ataque de longo alcance da China, fortificando seus mecanismos de coerção e dissuasão (CHASE *et al.*, 2015).



*Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular – FSEELP*

A FSEELP é responsável pela defesa dos domínios espaciais, cibernético e de guerra eletrônica. A China vem dando grande importância a esses domínios, ao reconhecer que possíveis guerras informatizadas futuras estarão apoiadas nessas capacidades para a garantia de vitórias. O governo chinês considera a área eletromagnética como um fator potencialmente decisivo durante as operações militares modernas. Por isso, o ELP tem dado importância ao treinamento em condições eletromagnéticas complexas, como preparação para cenários extremos. Desta forma, o país, está treinando e desenvolvendo equipamentos de interferência que podem ser usados contra uma variedade de alvos, incluindo sistemas de comunicação, radares e o Sistema de Posicionamento Global (CHASE et al., 2015).

A FSEELP também enfrenta algumas limitações potenciais em termos de sua capacidade de proteger os interesses chineses no espaço e no espectro eletromagnético. Pequim entende que é necessário operar com sucesso nessas áreas para apoiar campanhas militares nas quais a dominância da informação seria essencial. As limitações encontradas estão na área de organização, pessoal e capacidades. O ELP também reconhece que a dependência da China no espaço aumentará junto com a expansão de seus próprios recursos espaciais. Isso pode ser percebido nas funções importantes de ISR, navegação, posicionamento e comunicações, que estão cada vez mais dependentes das capacidades espaciais da China. Essa grande dependência do espaço traz maior vulnerabilidade para o país. Outra fraqueza limitada eficácia do C4ISR, que inclui desafios técnicos associados à integração de uma variedade de novas tecnologias e sistemas complexos, mas também fraquezas processuais, como coordenação insuficiente entre várias organizações de inteligência, operadores e níveis de decisão (CHASE *et al.*, 2015).

A FSEELP está focando no treinamento sob o que se refere como “condições eletromagnéticas complexas”. Além disso, o ELP está dedicando atenção considerável ao desenvolvimento de suas capacidades cibernéticas e de guerra eletrônica. O ELP vê a guerra eletrônica como um fator potencialmente decisivo durante operações militares modernas. Por isso a crescente necessidade de desenvolvimento, treinamento e profissionalização/capacitação de equipamentos de interferência que poderiam ser usados contra vários tipos de alvos, incluindo sistemas de comunicação, radares e o Sistema de Posicionamento Global. O ELP, também, ver o espaço como um domínio “predominantemente ofensivo”, no qual provavelmente será muito mais

fácil para um invasor explorar os sistemas espaciais e as capacidades de apoio de um adversário do que será para o alvo de tais ataques proteger seus satélites, estações terrestres e links de comunicação. A crença de que outros países estão constantemente modernizando suas capacidades nesses domínios aumenta ainda mais a preocupação da China com suas limitações nessas áreas. O ELP precisa estar preparado para proteger seus ativos espaciais por meio de medidas defensivas ou dissuasão (CHASE *et al.*, 2015).

Segundo Takahashi (2018), a China está fortalecendo suas capacidades nas áreas de operação espacial, incluindo apoio de comando, controle e navegação; capacidades operacionais relacionadas à guerra de informação, combinando capacidade de guerra eletrônica com capacidades relacionadas ao espaço e ao ciberespaço; e as capacidades de operação cibernética, visando incapacitar as redes adversárias (TAKAHASHI, 2018).

O governo chinês também está buscando melhorar a capacidade de sobrevivência de seus satélites, com a redução de assinaturas, medidas de proteção eletromagnética, mapeamento dos sistemas espaciais estrangeiros, etc. Ademais, a China continua a desenvolver novas capacidades de apoio ao seu programa espacial, como a criação de dois sistemas de lançamento espacial rápido que pode permitir ao país o aumento de seu arsenal espacial ou a substituição de satélites danificados em caso de conflito. Um aspecto negativo do grande investimento de Pequim em tecnologia espacial é a crescente dependência do país nessa área. Essa dependência aumenta junto a ampliação dos próprios recursos na espaciais, trazendo maior vulnerabilidade nesse teatro operacional. Exemplo disso, o ELP está se tornando mais dependente das capacidades espaciais para funções importantes como de inteligência, vigilância e reconhecimento espacial, além de navegação, posicionamento e comunicações. Por isso, é esperado que a China, também, desenvolva suas habilidades de operações anti-espaciais, úteis na sabotagem de operações inimigas. (CHASE *et al.*, 2015).

Segundo Chase *et al.* (2018), a China considera as capacidades espacial, cibernética e de guerra eletrônica como aspectos cada vez mais vitais a sua capacidade de deter ou, se necessário, derrotar um adversário tecnologicamente avançado em uma futura guerra informatizada local, seja em Taiwan ou nas Ilhas Senkaku/Diaoyu no Mar da China Meridional, ou em outro lugar (CHASE *et al.*, 2015).

## CONCLUSÃO

Uma Grande estratégia bem definida e executada pode trazer benefícios indefinidos para um Estado. A China como um ator de crescente influência internacional vem fazendo uso de sua modernização e reformas militares como mecanismo orientados a garantir os interesses e objetivos de sua Grande Estratégia. O grande objetivo político internacional de Pequim é torna o país altamente capacitado para lidar com questões de política internacional necessária a manutenção de um ambiente favorável ao crescimento da China. A qualidade das relações políticas do país com a comunidade internacional traz benefícios para seu processo de modernização, mas se realizadas de forma precipitada e mal planejada pode reduzir os meios para tal modernização.

Partindo da hipótese de que a modernização e a reforma militar chinesa atende aos objetivos e interesses da Grande Estratégia do país, tendo em consideração que o componente militar é de extrema importância para a garantia desses mesmos objetivos e interesses. O estudo conseguiu definir quais os elementos que formam essa GE, e como o aumento das capacidades militares da China são orientados a realizar os designios da GE nacional. Justificando os aumentos em gastos militares, assim como, a maior projeção para além das fronteiras nacionais da China.

O papel da grande estratégia é estabelecer os objetivos e interesses vitais de segurança de um Estado, construindo um modelo de como os recursos políticos, econômicos, diplomáticos e militares de um Estado devem ser usados para melhor atender a realização efetiva desses objetivos e interesses. A China define seus interesses vitais como: a preservação do poder do atual governo comunista, defesa da soberania e segurança, integridade territorial e manutenção do atual desenvolvimento. A base da Grande Estratégia chinesa é o “sonho chinês” de rejuvenescimento do país. Como discutido durante a pesquisa, vários elementos compõe a formação do pensamento político de Pequim e sua Grande Estratégia. A percepção de ameaças para a China, que passou por uma evolução seguindo as mudanças no cenário internacional e a posição que a China ocupa hoje no mundo, deve ser entendida como componente dessa GE, ao orientar a aquisição de capacidades para atender os objetivos e garantir os interesses vitais do país. O cálculo dissuasório e a política de desenvolvimento pacífico também fazem parte dessa Grande Estratégia chinesa, pois são direcionados a servir os objetivos e interesses dessa estratégia nacional.

A percepção da China de si mesma e de sua posição no sistema internacional vem sendo influenciada pela seu crescente desenvolvimento econômico e importância política internacional.

A China que durante décadas se voltou para dentro de suas fronteiras nacionais, atualmente, entende sua sobrevivência como dependente da manutenção de um cenário internacional pacífico e favorável a seu desenvolvimento. Não obstante, a comunidade internacional também sofreu mudanças de percepções sobre a China. O contínuo crescimento e desenvolvimento do país, juntamente a seu modelo de governo e objetivos nacionais, criou a ideia de “ameaça chinesa” entre os atores internacionais. Por isso a ênfase chinesa na manutenção do ambiente internacional pacífico como pilar de sua política externa.

A evolução gradual da doutrina militar chinesa, elaborada para atender os interesses e objetivos da GE chinesa, foca na melhoria de suas capacidades em lutar “guerra locais informatizada de curta”. Para isso as mudanças estruturais implementadas pelo atual presidente Xi Jinping, desde início de seu governo, buscam resolver problemas de comando e controle, limitações da condução de operações conjuntas, problemas de logística, capacidades e corrupção nas forças armadas.

Essas mudanças também ajudaram a reafirmar o controle do Partido sobre as forças armadas, e conseqüentemente, diminuíram a participação dos militares na esfera política. O foco na profissionalização dos militares ajudou a manter a separação de especialidades. Apesar da menor atuação dos militares na política é possível observar o aumento de cargos civis dentro da Comissão Central Militar. Seguindo o pensamento tradicional de Mao, de que “o Partido controla a arma e a arma nunca deve controlar o Partido”, esse aumento do controle de Xi Jinping sobre os assuntos militares do país é necessário para a sobrevivência do governo comunista. Um dos objetivos da GE chinesa é justamente essa preservação do poder do PCC, por isso as reformas implementadas por Xi Jinping são importantes para manter a estabilidade política da China.

A doutrina militar chinesa corresponde a atual projeção externa do país, focando em uma estratégia de defesa ativa. Basicamente O ELP mudou sua visão central e histórica, de defesa de suas fronteiras terrestre para uma abordagem mais ampla, que inclui o aumento de capacidades das forças armadas projetar poder para fora dos limites domésticos da China. Na sua grande estratégia a China estabelece como interesse vital a proteção de sua segurança e integridade territorial. A questão de Taiwan e as reivindicações no Sul do Mar da China, assim como, as ameaças separatistas em Xingjian e Tibete responde aos aumentos nos gastos em modernização das forças armadas. O poder de projeção, atual, da marinha e aeronáutica chinesa demonstra a mudança na perspectiva do país de uma potência terrestre para um país com aspirações globais.

Apesar do aumento em suas capacidades expedicionárias, a principal preocupação chinesa continua sendo sua periferia imediata. No entanto, isso parece está mudando com a grande dependência da China em importação de energia. Seu fornecimento de energia passa por aéreas de grande risco de conflito, como o Golfo de Aden – ameaça da pirataria e instabilidade na região; e o Sul do Mar da China – onde o país mantém reivindicações territoriais com vários países da região. A capacidade do ELP nas suas forças aéreas e marítimas ajudam a garantir esses objetivos, apesar dos limites ainda existentes, principalmente em coordenação de operações conjuntas e experiência de combate real.

As limitações ainda existentes no ELP vem sendo reduzidas lentamente, o que é de se esperar dada a recente implementação das reformas. A China tem consciência que para essas reformas resolver totalmente as limitações do ELP requer um longo prazo de adaptação, visando isso o país estabeleceu metas a serem atingidas até 2050, período em que Pequim acredita está apta a se comparar a outras potências militares mundiais. Essas limitações, no entanto, não constituem severa ameaça aos objetivos e interesses da Grande Estratégia chinesa. A constante preocupação em melhorar suas capacidades de lutar e vencer guerra faz da China um “possível futuro oponente” a ser analisado pelos demais atores internacionais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Kenneth et al. **Chinese Military Diplomacy, 2003-2016: Trends and Implications**. NDU Press, v. 11, 2017.

ATAL, Prateek. **Tao Guang Yang Hui (韬光养晦): Where has China Moved?** [20--] Disponível em:

<[https://www.academia.edu/29440527/Tao\\_Guang\\_Yang\\_Hui\\_%E9%9F%AC%E5%85%89%E5%85%BB%E6%99%A6\\_Where\\_has\\_China\\_Moved](https://www.academia.edu/29440527/Tao_Guang_Yang_Hui_%E9%9F%AC%E5%85%89%E5%85%BB%E6%99%A6_Where_has_China_Moved)>. Acesso em: 10 abril 2019.

BIDDLE, Tami Davis. **Strategy and Grand Strategy: What Students and Practitioners Need to Know**. USAWC Press, 2015, p. 1-58.

BLASKO, Dennis J. **The Chinese army today: tradition and transformation for the 21st century**. Routledge, 2006.

BUZAN, Barry. **The Logic and Contradictions of 'Peaceful Rise/Development' as China's Grand Strategy**. The Chinese Journal of International Politics, n. 7 (4), 2014, p. 381-420.

CALHOUN, Craig. **Revolution and repression in Tiananmen Square**. LSE, Society, 26 (6), 2013, p. 21-38. Disponível em: <[http://eprints.lse.ac.uk/42467/1/Calhoun\\_Revolution\\_repression\\_Tianmen\\_1989.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/42467/1/Calhoun_Revolution_repression_Tianmen_1989.pdf)>. Acesso em: 22 jul 2018.

CANADA, Government. **China's intelligence law and the country's future intelligence competitions**. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/security-intelligence-service/corporate/publications/china-and-the-age-of-strategic-rivalry/chinas-intelligence-law-and-the-countrys-future-intelligence-competitions.html>>. Acesso em: 13 jan 2019.

CHASE et al. **China's Incomplete Military Transformation: Assessing the Weaknesses of the People's Liberation Army (PLA)**. RAND Corporation, 2015.

CHASE, Michael S et al. **China's Incomplete Military Transformation: assessing the weaknesses of the People's Liberation Army (PLA)**. Santa Monica: RAND Corporation, 2015. Disponível em:

<[https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research\\_reports/RR800/RR893/RAND\\_RR893.pdf](https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR800/RR893/RAND_RR893.pdf)>. Acesso em: 18 aug 2017.

COLBY, Elbridge. **Grand Strategy: Contending Contemporary Analyst Views and Implications for the US Navy.** CNA, 2011. Disponível em: <[https://www.cna.org/CNA\\_files/PDF/D0025423.A2.pdf](https://www.cna.org/CNA_files/PDF/D0025423.A2.pdf)>. Acesso em: 20 set 2018.

CORDESMAN, Anthony H. **China military organization and reform.** CSIS, 2016. Disponível em: <[https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/160801\\_chinese\\_military\\_reform.pdf](https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/160801_chinese_military_reform.pdf)>. Acesso em: 13 jan 2019.

DIA, Defense Intelligence Agency. **China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win.** [2019]. Disponível em: <[https://www.dia.mil/Portals/27/Documents/News/Military%20Power%20Publications/China\\_Military\\_Power\\_FINAL\\_5MB\\_20190103.pdf](https://www.dia.mil/Portals/27/Documents/News/Military%20Power%20Publications/China_Military_Power_FINAL_5MB_20190103.pdf)>. Acesso em: 18 mar 2019.

DOD, Department of Defense. **Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2018.** Annual Report to Congress, May 16, 2018. Disponível em: <<https://media.defense.gov/2018/Aug/16/2001955282/-1/-1/1/2018-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT.PDF>>. Acesso em: 10 abril 2019.

DREW; Dennis M; SNOW, Donald M. **Making Twenty First Century Strategy: An Introduction to Modern National Security Processes and Problems.** Alabama: Air University Press, 2006.

FEWSMITH, Joseph. **China's Response to SARS.** China Leadership Monitor, n. 7, 2003. Disponível em: <[http://media.hoover.org/sites/default/files/documents/clm7\\_jf.pdf](http://media.hoover.org/sites/default/files/documents/clm7_jf.pdf)>. Acesso em: 20 mar 2019.

FISHER, Richard D. **China's Military Modernization: Building for Regional and Global Reach.** London: Greenwood Publishing, 2008.

GODWIN, Paul H. B; MILLER, Alice L. **China's Forbearance has Limits: Chinese Threat and Retaliating Signaling and Its Implications for a Sino-American Military Confrontation.** NDU Press, v. 06, 2013.

HAGT, Eric. The Rise of PLA Diplomacy. In. SAUNDERS, Phillip; SCOBELL, Andrew. **PLA Influence on China's National Security Policymaking**. Stanford University Press, 2015, p. 218-246.

HARTNETT, Daniel M; VELLUCCI, Frederic. Toward a Maritime Security Strategy: An Analysis of Chinese Views Since the Early 1990s. In. SAUNDERS et al. **The Chinese Navy: Expanding Capabilities, Evolving Roles**. NDU Press, 2011, p. 81-108.

HEATH, Timothy R. **Developments in China's Military Force: Projection and Expeditionary Capabilities**. RAND Corporation, 2016. Disponível em: <[https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/testimonies/CT400/CT450/RAND\\_CT450.pdf](https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/testimonies/CT400/CT450/RAND_CT450.pdf)>. Acesso em: 10 jan 2019.

HEATH, Timothy R; LIN, Bonny. The Chinese Dream: Strategic and Policy Priorities of the People's Republic. In. **China, Inside and Out: A Collection of Essays on Foreign and Domestic Policy in the Xi Jinping Era**. RAND, 2015, p. 1-6.

HILLE, Kathrin; WATERS, Richard. **Washington Unnerved by China's 'Military-Civil Fusion'**. [2018]. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/8dcb534c-dbafe11e8-9f04-38d397e6661c>>. Acesso em: 22 out 2018.

HISTORY, Editors. **Cultural Revolution**. HISTORY, 15 nov 2009. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/china/cultural-revolution>>. Acesso em: 10 set 2018.

HOMAN, Kees. **Doctrine**. [2008]. Disponível em: <[https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/20080700\\_cscp\\_chapter\\_homan\\_doctrine.pdf](https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/20080700_cscp_chapter_homan_doctrine.pdf)>. Acesso em: 28 set 2018.

**HUMAN Rights Report on Persecution of Falun Gong in China 2013-2016**. [2016]. Disponível em: <[http://www.conservativehumanrights.com/reports/submissions/Falun\\_Gong\\_Submission\\_Human\\_Rights.pdf](http://www.conservativehumanrights.com/reports/submissions/Falun_Gong_Submission_Human_Rights.pdf)>. Acesso em: 8 jul 2018.

IISS. **The Military Balance**. [2018]. IISS Publication, 2018. Disponível em: <[http://factmil.com/load/spravochniki/the\\_military\\_balance/10](http://factmil.com/load/spravochniki/the_military_balance/10)>. Acesso em: 15 jul 2018.



JOHNSON et al. **Preparing and Training for the Full Spectrum of Military Challenges: Insights from Experiences of China, France, the United Kingdom, India, and Israel.** RAND Corporation, 2009, p. 23-58.

KAMPHAUSEN, Roy; SCOBELL, Andrew. **Right Sizing the People's Liberation Army: Exploring the contours of China's military.** Strategic Studies Institute: 2007. Disponível em: <<https://ssi.armywarcollege.edu/pdffiles/PUB784.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2019.

KISELYCZNYK, Michael; SAUNDERS, Phillip C. **Civil-Military Relations in China: Assessing the PLA's Role in Elite Politics.** NDU Press, v. 02, 2010.

MASUDA, Masayuki. **China: quest for a great-power role.** National Institute for Defense Studies (NIDS). East Asian Strategic Review, 2017. cap. 3, p. 71-102. Disponível em: <[http://www.nids.mod.go.jp/english/publication/east-asian/pdf/2017/east-asian\\_e2017\\_03.pdf](http://www.nids.mod.go.jp/english/publication/east-asian/pdf/2017/east-asian_e2017_03.pdf)>. Acesso em: 20 out 2018.

MEDEIROS, Even S. **China's International Behavior: Activism, Opportunism and Diversification.** RAND Corporation, 2009.

NORTON, Simon. **China's Grand Strategy.** The University of Sydney – China Studies Center, 2015. Disponível em: <[https://sydney.edu.au/china\\_studies\\_centre/images/content/ccpublications/policy\\_paper\\_series/2015/chinas-grand-strategy.pdf](https://sydney.edu.au/china_studies_centre/images/content/ccpublications/policy_paper_series/2015/chinas-grand-strategy.pdf)>. Acesso em: 18 set 2018.

PAULEY, Logan. **China Takes the Lead in UN Peacekeeping.** 2018. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2018/04/china-takes-the-lead-in-un-peacekeeping/>>. Acesso em: 15 fev 2019.

PENG, Li. **Main Characteristics of China's Foreign Policy** [1996]. Disponível em: <<http://www.china-embassy.org/eng/zmgx/zgwjzc/t35077.htm>>. Acesso em: 2 set 2018.

POSEN, Barry R. **The Sources of Military Doctrine: France, Britain and Germany between the World Wars.** Ithaca and London: Cornell University Press, 1984, p. 13-41.

RINEHART, Ian E. **The Chinese Military: Overview and Issues for Congress.** CRS Report,

March 24, 2016. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/row/R44196.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2019.

ROSS, Robert. **O Fim do Domínio Naval dos Estados Unidos na Ásia**. Poder Naval, 13 dez 2018. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2018/12/13/o-fim-do-dominio-naval-dos-eua-na-asia/>>. Acesso em: 27 de abr 2019.

RPC, **Criminal Procedure Law. Chapter I: Aim and Basic Principles**, Art. 4. Disponível em: <<http://en.chinacourt.org/public/detail.php?id=2693>>. Acesso em: 10 jan 2019.

RPC, **National Intelligence Law. Chapter II: National intelligence work organs and powers**, Art. 10-11. Disponível em: <<https://chinacopyrightandmedia.wordpress.com/2017/05/16/national-intelligence-law-of-the-peoples-republic-of-china-draft/>>. Acesso em: 13 jan 2019.

SHAMBAUGH, David. **Civil-Military Relations in China: Party-Army or National Military?** Copenhagen Journal of Asian Studies, n. 16, p. 10-29, 2002. Disponível em: <<https://rauli.cbs.dk/index.php/cjas/article/viewFile/3/3>>. Acesso em: 22 out 2018.

SHI, Yihong. **The Rising China: Essential Disposition, Secular Grand Strategy, and Current Prime Problems**. SPFUSA, 2001. Disponível em: <<https://www.spf.org/publication/upload/178474a17de.pdf>>. Acesso em: 02 abr 2019.

SILOVE, Nina. **Beyond the Buzzword: The Three Meanings of ‘Grand Strategy’**. Security Studies: DOI, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09636412.2017.1360073>>. Acesso em: 18 set 2018.

SINGH, Prashant Kumar. **Chinese Military Strategy and Doctrine**. IDSA, 2016, n. 49.

TAKAHASHI, Sugio. **NIDS China security report 2018: the China-US relationship at a crossroads**. NIDS Japan, 2018, p. 23-38.

**THE ORGANIZATION Structure of the State Council**. China.org. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/kuaixun/64784.htm>>. Acesso em: 10 jan 2019.

**US Department of Justice**, p. 4. Disponível em: <<https://www.justice.gov/opa/press->

release/file/953321/download>. Acesso em: 10 jan 2019.

WANG, Jingguo. **China's military diplomacy in 2015**. Xinhua, 2016. Disponível em: <[http://www.cdsndu.org/html\\_en/to\\_articleContent\\_article.id=40288a8553c564450154cd61282303e0.html](http://www.cdsndu.org/html_en/to_articleContent_article.id=40288a8553c564450154cd61282303e0.html)>. Acesso em: 10 out 2018.

WANG, Jisi. **China's Search for a Grand Strategy: A Rising Great Power Finds Its Way**. Foreign Affairs, vol. 90, n. 2, 2011.

**WHITE Paper.** China's military strategy. [2015]. Disponível em: <<http://english.gov.cn/archive/whitepaper/>>. Acesso em: 24 set 2018.

**WHITE Paper.** China's National Defense in 2010. [2010]. Disponível em: <<http://english.gov.cn/archive/whitepaper/>>. Acesso em: 24 set 2018.

**WHITE Paper.** The Diversified Employment of China's Armed Forces. [2013]. Disponível em: <<http://english.gov.cn/archive/whitepaper/>>. Acesso em: 24 set 2018.

WUTHNOW, Joel; SAUNDERS, Phillip C. **Chinese Military Reform in the Age of Xi Jinping: Drivers, Challenges, and Implications**. NDU Press, v. 10, 2017.

YANG, David. **Civil-Military Integration Efforts in China**. UC San Diego: SITC Research Briefs, v. 24, 2011. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/7b32657m>>. Acesso em: 10 jan 2019.

YANG, Jian. **China's Security Challenges: Priorities and Policy Implications**. In. Asia Pacific Countries' Security Outlook and Its Implications for Defense Sector. NIDS, 2010, p. 141-159.

YANG, Lina; CHANG, Xuemei. **Xi Jinping: Further Creating a New Phase of Military Diplomacy** - 习近平：进一步开创军事外交新局面 [2015]. Disponível em: <<http://cpc.people.com.cn/n/2015/0129/c64094-26474947.html>>. Acesso em: 20 jan 2019.

ZHENG, Bijian. **China's Peaceful Rise to Great-Power Status**. Foreign Affairs, Vol. 84 (5) September/October 2005, pp. 18–24.

ZHENG, Wang. **National Humiliation, History Education, and the Politics of Historical**

**Memory.** *International Studies Quarterly*, vol. 52, n. 4, 2008, p. 783-806. Disponível em: <[https://works.bepress.com/zheng\\_wang/25/](https://works.bepress.com/zheng_wang/25/)>. Acesso em: 5 out 2018.

ZHU, Liqun. **China's Foreign Policy Debates.** Chaillot Papers. EUISS, 2010, p. 15-59.